

Fotoponímias
Daniel Alexandre Ferreira Camacho

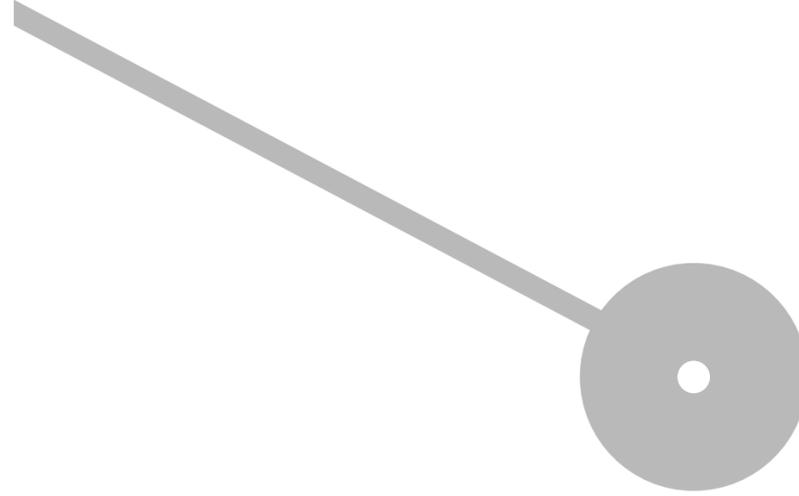
11/2023

Daniel Camacho. Fotoponímias

Fotoponímias

Daniel Alexandre Ferreira Camacho

11/2023



Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Daniel Alexandre Ferreira Camacho

Fotoponímias

A toponímia das ruas de Braga na contemporaneidade

Trabalho de Projeto

Mestrado em Comunicação Audiovisual

Especialização em Fotografia e Cinema Documental

Orientação: Prof.^a Doutora Maria Adriana da Costa Baptista

Coorientação: Prof. João Pedro Ferreira Dias Leal

Vila do Conde, novembro de 2023

Daniel Alexandre Ferreira Camacho

Fotoponímias

A toponímia das ruas de Braga na contemporaneidade

Trabalho de Projeto

Mestrado em Comunicação Audiovisual

Especialização em Fotografia e Cinema Documental

Membros do Júri

Presidente

Prof. Doutor Luís Filipe Pereira Ribeiro

Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão – Instituto Politécnico do Porto

Prof.ª Doutora Maria Adriana da Costa Baptista

Professora Coordenadora – ESMAD

Prof.ª Doutora Ana Catarina Pinho

Investigadora – UNL

Vila do Conde, novembro de 2023

DEDICATÓRIA

Júlia, por quem me fez pai.

Susana, por quem me fez casa.

Pais, por quem me fez luz.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível devido ao esforço e ajuda de várias pessoas e instituições. A todos eles, quero agradecer.

Em primeiro lugar, à Escola Superior de Media Artes e Design e a todos os docentes intervenientes. À Professora Doutora Adriana Baptista e ao Professor Doutor João Leal, pela orientação e apoio no desenvolvimento do projeto prático e no presente ensaio.

À Câmara Municipal de Braga, em nome do Vereador João Rodrigues, Engenheiro João Barros e da Doutora Salomé Sousa, pela disponibilidade e apoio incansável ao longo de todo o projeto e também, pelo patrocínio da exposição “Fotoponímias”, resultante deste trabalho.

Ao Hotel Vila Galé Braga por acolher a exposição “Fotoponímias”.

Aos descendentes dos topónimos escolhidos neste projeto.

Ao Bruno Silva, por todo o apoio técnico.

Aos meus pais, por todo o suporte ao longo dos anos.

À Susana, sem ti nada seria possível.

RESUMO ANALÍTICO

Braga é uma cidade milenar com uma história densa e possui uma toponímia com uma estrutura e organização muito particular que dá conta da sua história, cultura e identidade local. As ruas, praças e outros espaços urbanos da cidade são nomeados em homenagem a personalidades que pertencem à religião, históricas, eventos significativos, características da região e elementos culturais.

Este projeto de mestrado em Fotografia parte do tema das toponímias contemporâneas na cidade de Braga e reflete sobre a relação da fotografia com o espaço físico das cidades, tendo como objetivo analisar a forma como os nomes de ruas, praças e outros espaços urbanos se estruturam e refletem as dinâmicas sociais, culturais e políticas da cidade. A pesquisa baseou-se numa abordagem qualitativa, utilizando fontes documentais, um inquérito à população e observação direta conducente a uma seleção de ruas. Trata-se, por um lado, de uma reflexão sobre o papel das toponímias na construção da imagem de uma cidade, e por outro, da forma como a fotografia poderá funcionar como veículo crítico/documental/artístico de transmissão das características e atmosfera dos espaços urbanos, contribuindo para uma melhor compreensão das toponímias.

Neste ensaio pretende-se elaborar uma análise abrangente e crítica das dinâmicas dos espaços urbanos, destacando as relações entre toponímias, identidade, fotografia e memória na construção da paisagem urbana. Deste modo, fica patente neste ensaio o quanto a toponímia pode ou não ser um fator de expressão e de memória coletiva e identidade local.

A componente prática do trabalho não se limita ao registo fotográfico de certas ruas, da sua estrutura ou características, mas visa imergir o espectador numa experiência multisensorial, permitindo que ele sinta e entenda a cidade, não apenas através de palavras, mas através de imagens e sons.

A abordagem visual do projeto inclui uma série de fotografias das placas toponímicas e fotografias feitas de drone, que capturam a essência de cada rua, praça ou espaço urbano escolhido. Estas fotografias, mais do que meros registos, seriam interpretações artísticas que refletem a atmosfera e memórias associadas a cada toponímia.

O projeto é também composto por pequenos vídeos feitos de drone que capturam a vida diária, os movimentos e as interações humanas em cada espaço. Isso traz uma camada adicional de compreensão, mostrando como os espaços são vividos e experienciados no dia a dia. A abordagem sonora inclui sons capturados em cada rua que refletem a sua atmosfera: o murmúrio das conversas, o som dos passos, os pássaros, a atividade comercial, etc. As imagens e sons selecionados reforçam e ilustram os pontos teóricos discutidos no ensaio.

O objetivo final será criar uma exposição interativa onde os visitantes podem explorar as imagens e sons enquanto leem trechos do ensaio teórico referentes a cada topónimo. Isso permitirá uma experiência imersiva, onde o público pode conectar-se emocionalmente com a análise fornecida.

O contraste entre o antigo (a história por trás da toponímia) e o novo (a vida atual da cidade) pode ser um ponto focal para discussões e reflexões, incentivando os visitantes a pensar mais profundamente sobre a cidade em que vivem e como ela evoluiu.

A componente prática, tem o potencial de enriquecer significativamente a experiência do espectador, tornando o tema das toponímias mais tangível, emotivo e compreensível. Ao combinar a teoria com uma experiência sensorial, não é apenas transmitido conhecimento, mas também se permite que o público se conecte emocionalmente com as histórias e memórias que Braga tem para oferecer.

Palavras-chave:

Braga, toponímia, identidade, fotografia, divulgação.

ABSTRACT

Braga is a millennial city with a dense history and has a toponymy with a very particular structure and organization that accounts for its history, culture, and local identity. The streets, squares, and other urban spaces of the city are named in honor of personalities belonging to religion, historical events, significant features of the region, and cultural elements.

This master's project in Photography starts from the theme of contemporary toponymies in the city of Braga and reflects on the relationship of photography with the physical space of cities, aiming to analyze how the names of streets, squares, and other urban spaces are structured and reflect the social, cultural, and political dynamics of the city. The research was based on a qualitative approach, using documentary sources, a survey of the population, and direct observation leading to a selection of streets. It is, on the one hand, a reflection on the role of toponymies in the construction of the image of a city, and on the other hand, how photography can function as a critical/documentary/artistic vehicle for transmitting the characteristics and atmosphere of urban spaces, contributing to a better understanding of toponymies.

In this essay, it is intended to develop a comprehensive and critical analysis of the dynamics of urban spaces, highlighting the relationships between toponymies, identity, photography, and memory in the construction of the urban landscape. In this way, it is evident in this essay how much toponymy can or cannot be a factor of expression and collective memory and local identity.

The practical component of the work is not limited to the photographic record of certain streets, their structure or characteristics, but aims to immerse the viewer in a multisensory experience, allowing them to feel and understand the city, not only through words but through images and sounds.

The visual approach of the project includes a series of photographs of toponymic plates and drone photographs, which capture the essence of each street, square, or chosen urban space. These photographs, more than mere records, would be artistic interpretations that reflect the atmosphere and memories associated with each toponymy.

The project also includes small videos made from a drone that capture daily life, movements, and human interactions in each space. This brings an additional layer of understanding, showing how spaces are lived and experienced daily. The sound approach includes sounds captured on each street that reflect its atmosphere: the murmur of conversations, the sound of footsteps, birds, commercial activity, etc. The selected images and sounds reinforce and illustrate the theoretical points discussed in the essay.

The final objective will be to create an interactive exhibition where visitors can explore the images and sounds while reading excerpts from the theoretical essay referring to each toponym. This will allow an immersive experience, where the public can emotionally connect with the analysis provided.

The contrast between the old (the history behind the toponymy) and the new (the current life of the city) can be a focal point for discussions and reflections, encouraging visitors to think more deeply about the city they live in and how it has evolved.

The practical component has the potential to significantly enrich the viewer's experience, making the theme of toponymies more tangible, emotive, and comprehensible. By combining theory with a sensory experience, not only is knowledge transmitted, but it also allows the public to emotionally connect with the stories and memories that Braga has to offer.

Keywords:

Braga, toponymy, identity, photography, divulgation.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	1
AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO ANALÍTICO	3
ABSTRACT	5
ÍNDICE.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: A toponímia e o espelho da rua	19
1.1. Toponímia da cidade de Braga e herança cultural.....	24
1.1.1. Perspetiva sociológica.....	24
1.1.2. A dialética toponímica da cidade de Braga no século XX.....	26
1.1.3. Antropónimos de Braga	34
CAPÍTULO 2: A FOTOGRAFIA ENQUANTO RETRATO DA RUA.....	40
2.1. A toponímia como designação e o retrato como representação visual.....	40
2.2. O espaço físico das ruas e a sua relação com a homenagem toponímica.....	44
2.3. A legenda enigmática do nome.....	51
2.4. A fotografia como meio de construção da memória pública	56
CAPÍTULO 3: A METODOLOGIA	61
3.1. Método de trabalho	61
3.2. Apropriação popular da toponímia.....	63
3.2.1. Questionário à população.....	63
3.2.2. Análise dos resultados do questionário.....	64

3.3. Significação, estética e materialidade.....	77
3.4. A linha que se afasta e a fotografia que aproxima	89
CAPITULO 4: PROJETO PRÁTICO FOTOGRÁFICO: EXPLORAÇÃO, PROCESSO E RESULTADOS ..	94
4.1 Evolução e Multimodalidade do Projeto.....	94
4.2. Dez Nomes, dez espaços: Uma Análise Toponímica de Braga.....	101
4.3. Os nomes.....	103
4.3.1. Augusto Veloso	104
4.3.2. Cândido da Costa Pires	104
4.3.3. Egídio Amorim de Sousa Guimarães.....	104
4.3.4. Félix Augusto Ribeiro	105
4.3.5. José Augusto Lamosa	105
4.3.6. José Tarroso Gomes.....	105
4.3.7. Luís Soares Barbosa	106
4.3.8. José Marcelino Sousa de Sá Pires	106
4.3.9. Maria Ondina Braga	107
4.3.10. Joaquim da Mota Leite	107
4.4. Os espaços.....	108
4.4.1. Rua Augusto Veloso	108
4.4.2. Praça Cândido Costa Pires	109
4.4.3. Rua Doutor Egídio Guimarães.....	110
4.4.4. Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro.....	111
4.4.5. Praceta Arquiteto José Lamosa	112
4.4.6. Rua Doutor José Tarroso Gomes	113
4.4.7. Rua Luís Soares Barbosa	114
4.4.8. Rua Marcelino Sá Pires	115
4.4.9. Rua Maria Ondina Braga	116

4.4.10. Rua Professor Mota Leite	117
4.5. Placas toponímicas	119
4.6. A geometria dos espaços	126
4.7. Vídeos.....	142
4.8. Meios Técnicos Utilizados	142
4.9. Fases do Processo Fotográfico	144
4.9.1. Pré-Produção	144
4.9.2. Produção	145
4.9.3. Edição.....	146
CONCLUSÃO ou CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150
ANEXOS.....	155
Anexo A – Inquérito online	156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia A: Green River Buttes Timothy O'Sullivan (1872) B: Rephotographic Survey Project Mark Klett and Gordon Bushaw (1979).....	20
Figura 2 - Ilustração I want you for U.S. Army: nearest recruiting station James Montgomery Flagg (1917)	21
Figura 3 - Fotografia Torre de Menagem CM Braga (s.d.)	22
Figura 4 – Ilustração De Cunha a Salazar Observador (2018).....	23
Figura 5 - Ilustração Mapa medieval de Braga Wikipedia (2006).....	24
Figura 6 - Ilustração Pormenores do Mapa das ruas de Braga Arquivo Distrital de Braga (1989-1991)	25
Figura 7 – Fotografia Arco da Porta Nova início do Sec.XX Valado dos Frades (2012)	26
Figura 8 - Fotografia Torre do Castelo da cadeia velha Valado dos Frades (2012)	27
Figura 9 - Fotografia Ponte Nova e Velha no início do Séc. XX Valado dos Frades (2012).	28
Figura 10 - Fotografia Theatro Circo 1916 Braga Nossa (2021).....	28
Figura 11 - Fotografia Praça da República anos 30 Valado dos Frades (2012).....	29
Figura 12 - Fotografia Antigo Mercado do Ferro. Sé, Braga, década de 1940 Lugar do Real (s.d.)	30
Figura 13 - Fotografia Jardim de Santa Bárbara Blogue do Minho (2020)	31
Figura 14 - Fotografia Avenida da Liberdade (anos 80) Braga Nossa (2021)	32
Figura 15 - Rua do Souto. Anos 90 Braga Nossa (2021)	33
Figure 16 - Fotografia Avenida Central CM Braga (2018)	34
Figura 17 - Fotografia Museu Museu D. Diogo de Sousa (2021)	35
Figura 18 - Fotografia Avenida Padre Júlio Fragata CM Braga (2021)	35
Figura 19 - Fotografia Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva Aqualibri (s.d.).....	36
Figura 20 - Fotografia Palácio do Raio CM Braga (2022)	36
Figura 21 - Fotografia Bom Jesus O Minho (2020)	37
Figura 22 - Fotografia Estátua de Santos da Cunha CM Braga (s.d.)	38
Figura 23 - Fotografia Estátua de Francisco Sanches CM Braga (s.d.).....	38
Figura 24 - Fotografia Philip Johnson Library, New Canaan Candida Höfer. https://www.artsy.net/artwork/candida-hofer-philip-johnson-library-new-canaan	40

Figura 25 - Fotografia Série Afghanistan – Chronotopia Simon Norfolk (s.d.)	41
Figura 26 - Fotografia Série Things are queer Duane Michals (1973)	42
Figura 27 - Fotografia Beverly Boulevard and La Brea Avenue Stephan Shore (1975).....	44
Figura 28 - Fotografia Riverside Park Martha Cooper (1983).....	46
Figure 29 - Fotografia. Paris, Montparnasse Andreas Gursky (1993)	47
Figura 30 - Fotografia Avenida Central CM Braga (s.d.)	49
Figura 31 - Ilustração HyperCities Thick Mapping Todd Presner, David Shepard e Yoh Kawano	49
Figura 32 - Fotografia Sé de Braga Google Maps (2023)	50
Figura 33 - Fotografia Dioram Map Amsterdam Sohei Nishino (2014)	52
Figure 34 - Fotografia Série Close up at a Distance Laura Kurgan (2013)	53
Figura 35 - Fotografia Lawrence Weiner: Around the World. Vasco Stocker Vilhena (2021)	54
Figura 36 - Instalação Blue purple tilt (2007) Jenny Holzer (2007).....	55
Figura 37 - Fotografia Pesquisa por Cidade de Braga Google (2023)	57
Figura 38 - Fotografia Homem a olhar dentro de uma porta de inspeção de calçada Dora Maar (1935)	58
Figura 39 - Fotografia Xenon para Bordéus e Paris Attilio Maranzano (2019).....	59
Figura 40 - Fotografia Procissão do Enterro do Senhor Artur Pastor (1970)	59
Figura 41 - Fotografia Semana Santa de Braga Gonçalo Delgado (2018).....	60
Figura 42 - Fotografia In a dream you saw a way to survive and you were full of joy Alex Boeschstein (2022)	78
Figura 43 - Fotografia Palatine Road, Stoke Newington Road, 13:09pm – 13:21pm Chris Dorley-Brown, (2014)	80
Figura 44 - Fotografia Paraisópolis Tuca Vieira (2004)	81
Figura 45 - Fotografia Série Humans of New York Brandon Stanton (2010).....	82
Figura 46 - Fotolivro House Hunting Todd Hido (2001).....	83
Figura 47 - Fotografia Flatiron Edward J. Steichen (1904).....	84
Figura 48 - Fotografia Rhine II Andreas Gursky (1999).....	85
Figura 49 - Fotografia Red Star Express Gregory Crewdson (2018-2019).....	86
Figura 50 - Mapa Protect deep purple Jenny Holzer (2007).....	86

Figura 51 - Mapa Metro de Nova Iorque New York Transit Museum Collection (1972) ...	88
Figura 52 - Fotografia Rooftop pool at the 300 Mercer Street Building Steinmetz (2014)	90
Figura 53 - Fotografia Shinjuku Daido Moriyama (2001-2002)	92
Figura 54 - Fotografia A cidade de Braga em 2023, sobreposta com o mapa atual do município Daniel Camacho (2023)	94
Figura 55 - Fotografia Vasco Veloso, neto de Augusto Veloso, Daniel Camacho (2022) ...	96
Figura 56 – Fotografia Descendentes de Cândido Costa Pires Daniel Camacho (2022)	96
Figura 57 - Fotografia Ana Guimarães, neta de Egídio Guimarães. Daniel Camacho (2022)	97
Figura 58 - Fotografia Francisca Ribeiro, neta de Félix Ribeiro Daniel Camacho (2022)....	97
Figura 59 - Fotografia Luís Soares Barbosa, filho de Luís Soares Barbosa. Daniel Camacho (2022).....	98
Figura 60 - Fotografia Filhos e netos de Marcelino Sá Pires. Daniel Camacho (2022)	98
Figura 61 - Fotografia Familiares de Maria Ondina Braga Daniel Camacho (2022).....	99
Figura 62 - Fotografia Jorge Mota Leite filho de Joaquim Mota Leite Daniel Camacho (2022)	99
Figura 63 - Mapa Mapa de Freguesias CM Braga (s.d.)	102
Figura 64 - Mapa Mapa com localização das dez ruas Daniel Camacho (2022).....	102
Figura 65 - Fotografia Rua Augusto Veloso, Braga Daniel Camacho (2023).....	109
Figura 66 - Fotografia Praça Doutor Cândido Costa Pires, Braga Daniel Camacho (2023)	110
Figura 67 - Fotografia Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga Daniel Camacho (2023)	111
Figura 68 - Fotografia Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga Daniel Camacho (2023)	112
Figura 69 - Fotografia Praceta José Lamosa, Braga Daniel Camacho (2023).....	113
Figura 70 - Fotografia Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga Daniel Camacho (2023) .	114
Figura 71 - Fotografia Rua Luís Soares Barbosa, Braga Daniel Camacho (2023).....	115
Figura 72 - Fotografia Rua Marcelino Sá Pires, Braga Daniel Camacho (2023).....	116
Figura 73 - Fotografia Rua Maria Ondina Braga, Braga Daniel Camacho (2023).....	117
Figura 74 - Fotografia Rua Professor Mota Leite, Braga Daniel Camacho (2023).....	118
Figura 75 - Fotografia Placa toponímica Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga Daniel Camacho (2022).....	120

Figura 76 - Fotografia Placa toponímica Rua Professor Mota Leite, Braga Daniel Camacho (2022).....	120
Figura 77 - Fotografia Placa toponímica Rua Augusto Veloso, Braga Daniel Camacho (2022)	121
Figura 78 - Fotografia Placa toponímica Rua Luís Soares Barbosa, Braga Daniel Camacho (2022).....	121
Figura 79 - Fotografia Placa toponímica Praceta Arq. José Lamosa, Braga Daniel Camacho (2022).....	122
Figura 80 - Fotografia Placa toponímica Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga Daniel Camacho (2022).....	123
Figura 81 - Fotografia Placa toponímica Rua Maria Ondina Braga, Braga Daniel Camacho (2022).....	123
Figura 82 - Fotografia Placa toponímica Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga Daniel Camacho (2022).....	124
Figura 83 - Fotografia Placa toponímica Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga Daniel Camacho (2022).....	124
Figura 84 - Fotografia Placa toponímica Rua Marcelino Sá Pires, Braga Daniel Camacho (2022).....	125
Figura 85 - Fotografia Geometria da Rua Augusto Veloso, Braga Daniel Camacho (2023)	127
Figura 86 - Fotografia Geometria da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga Daniel Camacho (2023).....	127
Figura 87 - Fotografia Geometria da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga Daniel Camacho (2023).....	127
Figura 88 - Fotografia Geometria da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga Daniel Camacho (2023).....	128
Figura 89 - Fotografia Geometria da Praceta Arquitecto José Lamosa, Braga Daniel Camacho (2023).....	128
Figura 90 - Fotografia Geometria da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga Daniel Camacho (2023).....	128
Figura 91 - Fotografia Geometria da Rua Luís Soares Barbosa, Braga Daniel Camacho (2023)	128

Figura 92 - Fotografia Geometria da Rua Marcelino Sá Pires, Braga Daniel Camacho (2023)	129
Figura 93 - Fotografia Geometria da Rua Maria Ondina Braga, Braga Daniel Camacho (2023)	129
Figura 94 - Fotografia Geometria da Rua Professor Mata Leite, Braga Daniel Camacho (2023)	129
Figura 95 - Fotografia Pormenores da Rua Augusto Veloso, Braga Daniel Camacho (2023)	130
Figura 96 - Fotografia Pormenores da Rua Augusto Veloso, Braga Daniel Camacho (2023)	131
Figura 97 - Fotografia Pormenores da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga Daniel Camacho (2023)	131
Figura 98 - Fotografia Pormenores da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga Daniel Camacho (2023)	132
Figura 99 - Fotografia Pormenores da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga Daniel Camacho (2023)	132
Figura 100 - Fotografia Pormenores da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga Daniel Camacho (2023)	133
Figura 101 - Fotografia Pormenores da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga Daniel Camacho (2023)	133
Figura 102 - Fotografia Pormenores da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga Daniel Camacho (2023)	134
Figura 103 - Fotografia Pormenores da Praceta Arquitecto José Lamosa, Braga Daniel Camacho (2023)	134
Figura 104 - Fotografia Pormenores da Praceta Arquitecto José Lamosa, Braga Daniel Camacho (2023)	135
Figura 105 - Pormenores da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga Daniel Camacho (2023)	135
Figura 106 - Pormenores da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga Daniel Camacho (2023)	136
Figura 107 - Fotografia Pormenores da Rua Luís Soares Barbosa, Braga Daniel Camacho (2023)	136

Figura 108 - Fotografia Pormenores da Rua Luís Soares Barbosa, Braga Daniel Camacho (2023).....	137
Figura 109 - Fotografia Pormenores da Rua Marcelino Sá Pires, Braga Daniel Camacho (2023).....	137
Figura 110 - Fotografia Pormenores da Rua Marcelino Sá Pires, Braga Daniel Camacho (2023).....	138
Figura 111 - Fotografia Pormenores da Rua Maria Ondina Braga, Braga Daniel Camacho (2023).....	138
Figura 112 - Fotografia Pormenores da Rua Maria Ondina Braga, Braga Daniel Camacho (2023).....	139
Figura 113 - Fotografia Pormenores da Rua Professor Mota Leite, Braga Daniel Camacho (2023).....	139
Figura 114 - Fotografia Pormenores da Rua Professor Mota Leite, Braga Daniel Camacho (2023).....	140
Figura 115 - Fotografia Mapa neural baseado nas dez ruas do projeto Daniel Camacho (2023).....	141

INTRODUÇÃO

O projeto Fotoponímias aborda o tema das toponímias contemporâneas na cidade de Braga e reflete sobre as múltiplas possibilidades de relação da fotografia com o espaço físico das cidades, tendo como objetivo analisar a forma como os nomes de ruas, praças e outros espaços urbanos são atribuídos e refletem as dinâmicas sociais, culturais e políticas da cidade. Por um lado, trata-se de uma reflexão sobre o papel das toponímias na construção de uma imagem da cidade e por outro, da forma como a fotografia poderá funcionar como veículo de transmissão das características e atmosfera dos espaços urbanos, contribuindo para a compreensão das toponímias. Neste ensaio pretende-se elaborar uma análise das toponímias contemporâneas da cidade de Braga abrangente e crítica das dinâmicas dos espaços urbanos, destacando as relações entre toponímias, identidade, fotografia e memória na construção da paisagem urbana.

Desde logo emergem algumas questões fundamentais para a construção de uma simbiose entre ensaio teórico e projeto prático audiovisual. Como é que a toponímia de Braga reflete a sua evolução ao longo do tempo? Como é que a fotografia pode ser utilizada para captar e transmitir o significado e a atmosfera dos espaços urbanos nomeados? De que forma a prática fotográfica se relaciona e complementa a investigação teórica sobre toponímia?

O objetivo é analisar a forma como os nomes de ruas, praças e outros espaços urbanos em Braga são atribuídos e como refletem as dinâmicas sociais, culturais e políticas da cidade. E assim explorar, através da fotografia, a atmosfera e memórias associadas a esses espaços, criando um diálogo entre a prática fotográfica e a investigação teórica, de modo a proporcionar uma compreensão holística da interação entre toponímia, identidade e memória urbana.

Uma das motivações para o desenvolvimento do projeto prende-se com o facto de durante o século XX, Braga ter vivido um processo de modernização e expansão urbana. Novas vias foram construídas, bairros foram desenvolvidos e áreas antigas foram renovadas. Essas mudanças urbanísticas muitas vezes resultaram na atribuição de novos nomes às ruas e praças, refletindo a contemporaneidade e os ideais de progresso da época. No entanto, também houve esforços para preservar a identidade histórica da cidade, mantendo nomes de espaços tradicionais e importantes para a memória coletiva de Braga. Entre milhares de

toponímias autorizadas e licenciadas no século XX, para este projeto, foram escolhidas dez nomes representativos da mudança cultural que a cidade de Braga passou no século passado.

No primeiro capítulo, é contextualizada a importância das toponímias na construção da identidade de uma cidade, discutindo teorias e conceitos relacionados. Em seguida, é apresentada uma breve revisão histórica das toponímias em Braga, desde os períodos mais antigos até os dias atuais, destacando as mudanças e continuidades ao longo do tempo.

São explorados os processos contemporâneos de atribuição de nomes aos espaços urbanos de Braga e analisados os critérios utilizados, as pessoas ou eventos homenageados e os significados simbólicos por trás das escolhas. Além disso, são investigados os mecanismos de participação pública no processo de nomeação, bem como possíveis conflitos e debates em torno dessas escolhas. O ensaio aborda as toponímias como expressões da memória coletiva e da identidade local, porque o projeto fotográfico a que nos dedicamos também pode ser visto como uma narrativa visual, com um ponto de vista original. Neste ensaio são discutidas as narrativas históricas e culturais presentes nos nomes de ruas e praças, assim como as representações de grupos étnicos, sociais e culturais na paisagem urbana de Braga.

No segundo capítulo é analisado o processo do uso da fotografia como uma forma de registrar e retratar as ruas da cidade de Braga, analisando como a fotografia pode capturar e transmitir, num dado momento, as características e atmosfera dos espaços urbanos, contribuindo para o conhecimento das toponímias contemporâneas, e para o registo visual da interação entre o ambiente físico das ruas e a atribuição dos nomes como forma de homenagem. É também apresentado o papel do fotógrafo como hipótese de ser mediador entre o público e o espaço urbano, moldando a percepção e o significado atribuído às toponímias. Faz parte deste ensaio, a discussão de como os nomes das ruas podem transmitir uma identidade cultural específica e contribuir para a construção da memória coletiva da cidade pois, apesar da sua existência, muitas das ruas permanecem desconhecidas sendo a fotografia, mais do que a sua real existência, um hipotético contributo para a sua divulgação e para a concretização da homenagem sócio histórica.

No capítulo três é apresentada uma abordagem metodológica sobre a compreensão que os habitantes têm das toponímias contemporâneas da cidade de Braga. O objetivo deste capítulo é fornecer uma visão clara de certos dados coligidos e dos métodos e técnicas usados na sua recolha e análise. É apresentada a natureza da pesquisa, destacando a sua abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos fenómenos

sociais e culturais, privilegiando a interpretação e a análise contextualizada dos dados. Em seguida, são analisadas as fontes de dados utilizadas na pesquisa, como documentos oficiais, como mapas, registos históricos e planos urbanos, bem como um questionário à população.

No capítulo quatro são abordadas particularidades e as fases do processo do projeto fotográfico, passando pela discussão de diferentes hipóteses na produção fotográfica, pela enunciação das razões de opção, pelos meios técnicos usados, pela pré-produção, pela produção e edição finais e pela explicitação dos seus objetivos num âmbito documental e artístico. Na componente prática do projeto, procuro não apenas documentar, mas também interpretar. Ao capturar as ruas, praças e os seus detalhes através da câmara, o objetivo passa por oferecer uma perspetiva original que une o passado e o presente, a memória coletiva e a experiência individual. Este ensaio, juntamente com a produção fotográfica, pretende ser uma homenagem visual à cidade de Braga, enfatizando a importância da memória, identidade e toponímia no tecido urbano da cidade.

Por fim, conclui-se o ensaio destacando a importância de um processo participativo e reflexivo na atribuição das toponímias contemporâneas em Braga, explicitando que processo fotográfico tornou possível a reflexão sobre novas propostas para um processo mais inclusivo e democrático, levando em consideração a diversidade cultural e a preservação da memória coletiva da cidade.

CAPÍTULO 1: A TOPONÍMIA E O ESPELHO DA RUA

Toponímia é a ciência que estuda a atribuição de nomes a lugares geográficos, refletindo aspectos históricos, culturais e sociais de uma região. Esses nomes, intrinsecamente ligados à história, são cruciais na construção da identidade e memória coletiva de um lugar, servindo também como portadores de ideologias. Como Maurice Halbwachs discutiu em "A Memória Coletiva", a memória coletiva é vital para preservar a cultura de um grupo social (Halbwachs, 1990).

A percepção do tempo, delineada por Flusser (1998), influencia a interpretação de imagens e a formação da memória coletiva, sendo central na construção da identidade coletiva. Daniele Vitale (2009) ressalta a influência do ambiente na nossa percepção de nós mesmos e do mundo, afirmando que "Há uma paisagem exterior que nos envolve e condiciona, e uma paisagem interior que lhe corresponde" (Architecture et 'recherche du réel., 1982). Esta compreensão do passado é crucial para a construção de um presente consciente e um futuro informado.

O espaço urbano, um reflexo da interação dos habitantes com o ambiente, é um mosaico de identidades e expressões. A nomeação de lugares, como observado por Descartes em "Discurso do Método" (Descartes, 2001), é uma escolha deliberada que contribui para a cultura e preservação da memória, um ponto também destacado por (Claval, 2007) "não é suficiente se reconhecer e se orientar. O explorador quer conservar a memória das terras que descobriu e fazer com que todos a conheçam" (Claval, 2007). Esta nomeação fortalece as relações sociais e o poder público, revelando significados e intenções subjacentes que são vitais para a identidade de uma cidade (The power of commemorative street names. Environment and Planning D, 1996).

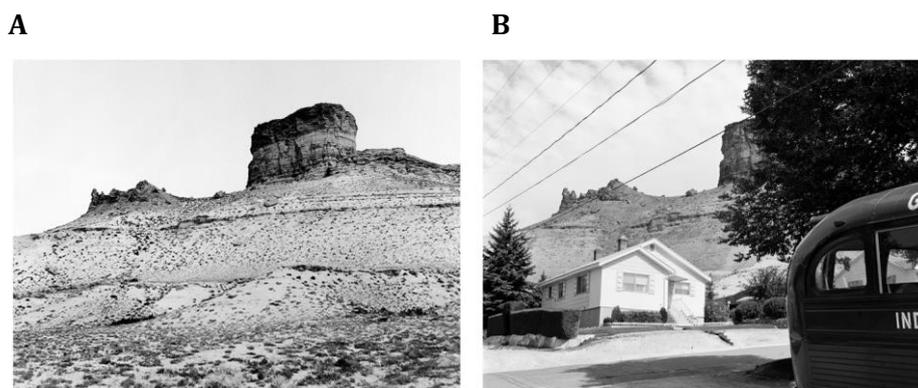


Figura 1 - Fotografia | A: Green River Buttes | Timothy O'Sullivan (1872) B: Rephotographic Survey Project | (Bushaw, 1979)

Na Figura 1, podemos ver o exemplo da conservação das memórias e dos lugares, num projeto que relaciona o tempo e o espaço, contribuindo dessa forma para a preservação da memória. Denominar lugares é uma forma de homenagear e fortalecer relações sociais e o poder público instituído. A análise da toponímia, como destacado por (O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-Mato-Grossense., 2008) e (Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. v.5, 2007), permite desvendar os significados e intenções subjacentes à nomeação de espaços urbanos, sendo crucial para a identidade e memória coletiva de uma cidade.

Segundo Seabra, os topónimos fornecem informações valiosas sobre a história, cultura, geografia e outros aspetos de uma comunidade, atuando como um registo vivo da evolução de uma região (oponímia de Minas Gerais em registos cartográficos históricos, 2012). Em Portugal, a nomeação de espaços urbanos é regulamentada por autoridades locais, que consideram critérios históricos e culturais, refletindo a identidade nacional e a perceção dos cidadãos de pertencerem a uma coletividade com uma história rica e diversificada, como discutido por (Mattoso, 1998).

Os estudos toponímicos, conforme apontado por (Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. v.5, 2007), são uma ferramenta valiosa para entender a vivência humana, tanto individualmente quanto como parte de um grupo. Em Portugal, a atribuição de nomes a espaços urbanos, como ruas e praças, segue critérios específicos e é geralmente gerenciada por autarquias locais, que podem utilizar consultas públicas e comissões de toponímia para selecionar e aprovar os nomes, garantindo que reflitam aspetos históricos, culturais ou

geográficos pertinentes. No contexto de Braga, a Câmara Municipal tem a responsabilidade de deliberar sobre a toponímia na região, conforme estabelecido no código regulamentar do Município de Braga.

A identidade nacional, como discutido por (Mattoso, 1998), é um reflexo da percepção dos cidadãos pertencerem a uma coletividade com uma história rica e diversificada.



Figura 2 - Ilustração | I want you for U.S. Army: nearest recruiting station | James Montgomery Flagg (1917)

Na Figura 2 é ilustrado o cartaz "I Want You for U.S. Army" de James Montgomery Flagg, este é um exemplo de como a arte pode ser usada para mobilizar e unir uma nação, apelando para a identidade nacional e o senso de dever cívico. A toponímia está profundamente enraizada na história e cultura de uma região, muitas vezes refletindo características geográficas e eventos históricos significativos. A noção de identidade nacional, por exemplo, está presente no consciente de qualquer cidadão, mas este sentimento de pertença a uma coletividade é também partilhado a nível local, por comunidades cuja dimensão, menor, é inversamente proporcional ao grau de proximidade entre pessoas.



Figura 3 - Fotografia | Torre de Menagem | CM Braga (s.d.)

Na cidade de Braga, a toponímia, como o caso da Rua do Castelo próxima à Torre de Menagem (Figura 3), reforça o vínculo da comunidade com seu ambiente, perpetuando o legado histórico e cultural do país e refletindo a autoridade governamental. Esses nomes, intrinsecamente ligados à história e cultura local, tornam-se parte integrante da identidade dos indivíduos que ali residem, carregando uma carga emocional e simbólica significativa.

(Prólogo: A rede e o ser. (6ª ed)., 2002) enfatiza a importância da relação entre o indivíduo e o nome do lugar na formação da identidade pessoal, destacando o papel central das identidades primárias, como as religiosas e nacionais. Na atribuição de nomes a lugares, é crucial considerar diversos fatores, incluindo históricos e culturais. Conforme (Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial, 2008) aponta, para compreender e interpretar um topónimo corretamente, é necessário analisá-lo dentro de um contexto cultural específico, considerando a perspectiva do indivíduo que o cria e o período histórico em que está inserido."

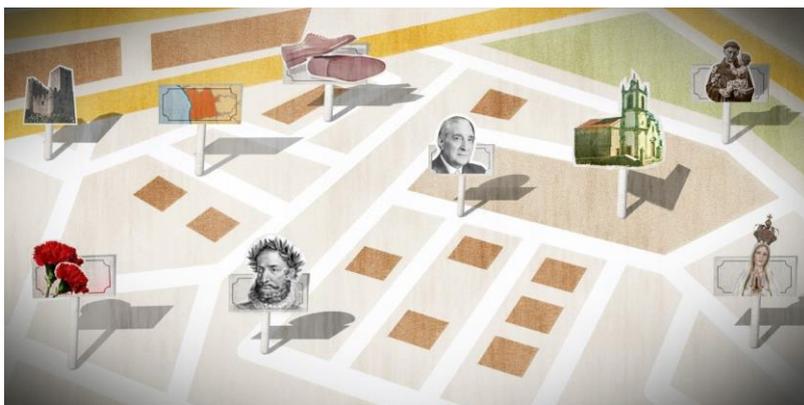


Figura 4 – Ilustração | De Cunha a Salazar | Observador (2018)

Em 2018, o Observador (Figura 4) destacou a importância dos nomes de ruas na representação da história e memória de uma nação, discutindo as controvérsias associadas à nomeação de ruas em Portugal (De Cunhal a Salazar, 2018). A toponímia no país não só reflete a rica história, mas também apresenta uma divisão notável entre o norte e o sul, com uma prevalência de topônimos comemorativos e religiosos, especialmente marcante no norte e interior do país. Esses nomes servem como uma ferramenta vital para preservar a memória coletiva e construir a identidade nacional, fazendo referência a figuras literárias e períodos históricos significativos.

(The power of commemorative street names. , 1996) nota que os nomes de ruas comemorativos são uma característica comum da cultura política moderna, não apenas servindo como orientação geográfica, mas também como meio de homenagear figuras e eventos significativos.

Em Braga, assim como em outras partes de Portugal, os nomes das ruas transcendem a simples orientação geográfica, desempenhando um papel crucial na construção da memória pública e da identidade local e nacional, ao comemorar figuras, eventos ou conceitos importantes para a comunidade.

1.1. Toponímia da cidade de Braga e herança cultural

1.1.1. Perspetiva sociológica

Na cidade de Braga, situada no norte de Portugal, a toponímia é um reflexo da sua rica história e cultura, demonstrando a interação entre diversos atores sociais ao longo dos séculos. O mapa de Braga de 1594, incluído no Atlas urbano de Georg Braun e Franz Hogenberg, "Civitates Orbis Terrarum" (Braun, 1596), é uma das mais antigas representações cartográficas da cidade, destacando-a como uma das três cidades portuguesas presentes na obra.

A toponímia, sendo o estudo dos nomes de lugares, é crucial na construção da identidade e memória de uma cidade, evocando memórias coletivas e valores culturais. Como Kusno menciona, "a memória assume-se como um instrumento de perceção e produção espacial" (Kusno, 2010).

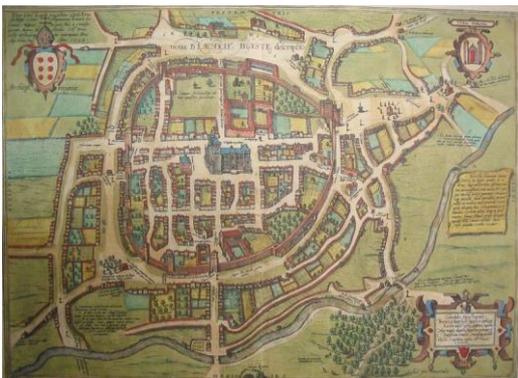


Figura 5 - Ilustração | Mapa medieval de Braga | Wikipedia (2006)

Em Braga, os topónimos narram a história da cidade desde a época romana até os dias atuais, com ruas como "Rua do Souto" e "Largo do Paço" remetendo à história medieval (Figura 5), enquanto outras, como "Avenida da Liberdade", refletem influências de ideais democráticos mais recentes.

Esta perspetiva sociológica da toponímia bracarense permite uma análise profunda das relações sociais e das dinâmicas culturais na cidade, revelando como os nomes das ruas e espaços urbanos espelham as relações de poder entre diferentes grupos e instituições. No entanto, também pode ser um campo de disputa simbólica, onde grupos minoritários e

movimentos sociais buscam representatividade e reconhecimento através da inclusão de nomes que ressoem suas histórias e identidades.

Os topónimos, além disso, servem como homenagens, transmitindo características específicas de um lugar ao longo do tempo. Por exemplo, a Rua D. Diogo de Sousa homenageia o arcebispo que contribuiu significativamente para o desenvolvimento de Braga no século XVI. A presença marcante da religião na cidade é evidenciada por nomes de ruas associados a santos, muitos dos quais estão presentes no Mapa de Ruas de Braga de 1750, um documento valioso elaborado pelo Padre Ricardo Rocha para registrar os bens patrimoniais do Cabido da Sé de Braga (Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos., 2013).



Figura 6 - Ilustração | Pormenores do Mapa das ruas de Braga | Arquivo Distrital de Braga (1989-1991)

Analisando o Mapa das Ruas, percebe-se que o centro histórico da cidade é dominado por topónimos de cariz religioso, enquanto outros nomes, como Rua dos Chãos ou Rua Nova, indicam mudanças no ambiente urbano e transformações sociais ao longo dos anos. Esta análise sociológica da toponímia sugere uma representatividade desigual, refletindo as estruturas de poder predominantes e desigualdades sociais. Isso destaca a necessidade de promover uma toponímia mais inclusiva, que represente a diversidade e pluralidade de Braga.

1.1.2. A dialética toponímica da cidade de Braga no século XX



Figura 7 – Fotografia | Arco da Porta Nova início do Séc. XX | Valado dos Frades (2012)

A dialética toponímica da cidade de Braga no século XX é um tema fascinante que envolve a análise das transformações, conflitos e negociações ocorridos na toponímia ao longo desse período. Os primeiros anos do século XX representam uma época de grande dinamismo e avanço para Braga, com o intuito de transformá-la numa cidade contemporânea e sedutora. Durante o século XX, Braga passou por diversas mudanças sociopolíticas, culturais e urbanísticas, que deixaram marcas na toponímia da cidade. Essas mudanças refletiram-se na atribuição, renomeação e remoção de nomes de ruas, praças e outros espaços urbanos.

Uma das principais influências na toponímia bracarense durante o século XX foi o contexto político. “O Castelo e Cidadela medieval são demolidos, não obstante a oposição e as críticas fundamentadas de personalidades de reconhecido mérito, como são o Conselheiro Augusto Fuschini, os arqueólogos Leite de Vasconcelos e Albano Belino, os destacados bracarenses Manuel Monteiro e Alberto Feio, ou mesmo o Conselho dos Monumentos Nacionais e o Governo” (As elites sociopolíticas e os protagonistas de mudança em Braga nos primórdios do século XX. IV, 2016).



Figura 8 - Fotografia | Torre do Castelo da cadeia velha | Valado dos Frades (2012)

Com a expansão e modernização da cidade, novas vias foram criadas e receberam nomes que refletiam a contemporaneidade e os ideais de progresso da época. Ao mesmo tempo, espaços tradicionais e históricos foram preservados e tiveram os seus nomes mantidos, reforçando a continuidade e a identidade histórica de Braga.

No início do século XX, Braga era uma cidade com uma forte tradição religiosa e católica. Como um dos principais centros religiosos de Portugal, era natural que a toponímia da cidade refletisse essa realidade. Nomes de ruas como Rua Dom Pedro V, Rua de São Marcos e Praça Conde de Agrolongo eram comuns, homenageando santos, bispos e figuras religiosas importantes. Esses nomes eram uma manifestação tangível da identidade religiosa e eclesiástica de Braga.

Segundo Eduardo Pires de Oliveira: “Foi já nos inícios do século XX que, na edilidade, começou a tomar forma a resolução de rasgar uma avenida ampla que ligasse o centro da cidade com o subúrbio de S. João da Ponte (1907), artéria essa que, depois, deveria prosseguir até ao Cemitério, transformando-se assim na espinha dorsal de Braga, no sentido Norte-Sul.” (A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950., 2005). Essa decisão

reflete a necessidade crescente de infraestrutura urbana para acomodar o desenvolvimento e a expansão da cidade.

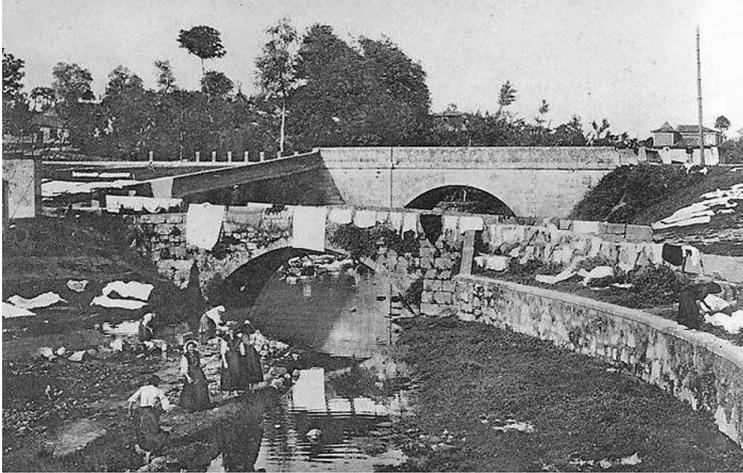


Figura 9 - Fotografia | Ponte Nova e Velha no início do Séc. XX | Valado dos Frades (2012)

“Nesta época, Braga encontrava-se numa situação de sobrelotação entremuros e de crescimento urbano desregulado. Estes problemas urbanos, aliados ao fenómeno dos retornados do Brasil com grande poder de investimento e à ânsia pela modernização apar do resto da Europa, desencadearam várias transformações estruturantes na cidade que a permitiram crescer para além do seu traçado medieval e quinhentista. Isto é, através da criação de espaços urbanos representativos de um modo de vida cosmopolita a par do desenvolvimento europeu” (A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950., 2005).



Figura 10 - Fotografia | Teatro Circo 1916 | Braga Nossa (2021)

“Na década de 1920, e para fazer face à crise económica e operária, Júlio de Lima, benemérito da cidade de Braga, manda abrir uma rua (que passará a ter o seu nome), em frente à sua casa, na Rua Gabriel Pereira, enquadrando-a e dando-lhe perspetiva e relevo” (João de Moura Coutinho de Almeida d’Eça (1872 – 1954)., 2010). Novos bairros foram construídos e a cidade começou a expandir-se para além do seu núcleo histórico. Esse processo de crescimento urbano trouxe consigo mudanças na toponímia, à medida que novas ruas e praças eram criadas, “... a cidade também cresceu para Norte, com a abertura das ruas do Taxa e de São Domingos, a reestruturação da Rua de Santa Margarida e a construção do Cemitério e do importantíssimo Colégio do Espírito Santo, que em 1921 passaria a albergar o Liceu Sá de Miranda” (A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950., 2005). Esses nomes homenageavam personalidades importantes da história portuguesa e local.



Figura 11 - Fotografia | Praça da República anos 30 | Valado dos Frades (2012)

Com o crescimento em volta do centro cada vez mais acelerado, surge a necessidade de repensar e controlar o desenvolvimento da cidade. Neste sentido são desenvolvidos nos anos 30, o Plano Geral de Urbanização (1934) que se desenvolve no Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento da cidade por De Gröer em 1941. O plano “tinha por base um esquema de satélites rurais. Na tentativa de organizar as funções urbanas e utilizar de forma racional o solo, recorreu ao zoning (...) Desenhou um cinturão viário que estabelecia a relação entre os vários pontos fulcrais da cidade e fazia a transição entre a rede viária de escala urbana

e rede a nível regional” (As formas do espaço público nos novos territórios. A estrutura urbana de Braga., 2005).

Neste contexto, é imperativo revisitar as raízes estruturais do planeamento urbano, como sugere (Zoning, zoning: Urban planning, pianificazione urbana, suolo, land, tools & information., 2009). O "zoning", ou "zoning", não deve ser visto apenas como uma técnica vulgar ou uma prática redutiva de simplificação. Deve-se reconhecer que a territorialidade é fruto de um ato inevitável de separação e exclusão, manifestando-se tanto na escala geográfica quanto nas intervenções locais de planeamento urbano.



Figura 12 - Fotografia | Antigo Mercado do Ferro. Sé, Braga, década de 1940 | Lugar do Real (s.d.)

Pavia argumenta que o poder, nas suas formas institucionalizadas, é expresso através da definição de fronteiras, e que o "zoning" deve ser inserido dentro desta rede complexa. Assim, é necessário que esta prática readquira um sentido de responsabilidade, utilizando a delimitação territorial para redescobrir o propósito do sinal, seja ele funcional, social ou simbólico. Isso implica uma reflexão profunda sobre a organização do território, que vai além da simples divisão e categorização da terra, mas procura integrar uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e simbólicas que estão em jogo no contexto urbano.

Neste panorama de transformações urbanas e simbólicas, a reflexão proposta por Pavia sobre a prática de "zoning" encontra uma ressonância profunda. A reconfiguração da cidade de Braga não foi apenas uma questão de reorganização física, mas também uma rearticulação das narrativas culturais e políticas que a cidade encarnava. O "zoning", neste contexto, pode ser visto como uma ferramenta que não apenas delinea fronteiras físicas, mas também demarca espaços de significado e poder. A nomeação de novas ruas e praças, como

observado no período descrito por (A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950., 2005), é um testemunho da interação dinâmica entre o planeamento urbano e a construção de uma nova identidade sociopolítica. Através da redefinição consciente de espaços urbanos, é possível criar uma paisagem que não apenas reflete, mas também promove os ideais de liberdade e progresso, servindo como um cenário tangível para a evolução política e social que estava ocorrendo em Portugal durante esse tempo.

A década de 1940 foi marcada pelo Estado Novo em Portugal, um regime autoritário liderado por António de Oliveira Salazar. Durante esse período, a toponímia de Braga foi influenciada pela ideologia do Estado Novo, que procurava glorificar o regime e o império colonial português. Começaram a aparecer nomes com forte componente política, esses nomes procuravam reforçar o poder e a influência de Portugal no contexto colonial. “A abertura da Rua Frederico Ulriche, conseqüentemente, a construção do Jardim de Santa Bárbara, surgiu assim da necessidade de dignificar e paten-tear aos olhos de todos não só um bellissimo edifício antigo e carregado de história, como da vontade de mostrar ao povo bracarense e português mais uma grande obra do Estado Novo, mais um excelente exemplo do quanto o governo se interessava pela dignificação e glorificação do passado da nação. E diz-nos bem sobre a carga exemplar que esse tipo de obras poderia ter na formação de uma forte consciência nacional.” (A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950., 2005). Este texto de Oliveira, sugere que estas iniciativas urbanísticas eram também uma forma do Estado Novo, promover uma narrativa específica sobre o passado nacional e afirmar sua própria legitimidade.



Figura 13 - Fotografia | Jardim de Santa Bárbara | Blogue do Minho (2020)

Com o fim do Estado Novo e a transição para a democracia na década de 1970, houve uma revisão da toponímia em muitas cidades portuguesas, incluindo Braga. Nomes de figuras associadas ao regime ditatorial foram retirados ou substituídos, enquanto nomes de personalidades ligadas à democracia e aos ideais de liberdade e igualdade ganharam destaque.

Essa revisão refletia a procura por uma memória coletiva mais inclusiva e democrática. Ruas foram renomeadas em homenagem a escritores, artistas, políticos e líderes comunitários, procurando valorizar as contribuições individuais e coletivas para a cidade.

Nos anos 70 são preenchidos os vazios existentes entre as radiais, a sul, e constrói-se junto ao troço norte da circular (Processo de intervenção no espaço urbano de Braga: espaço coletivo como novo estrato de relações, 2015). Nos anos 80, com o Plano de Reestruturação do Território, são desenvolvidas sob o plano de pormenor de ocupação de vazios novas urbanizações junto à circular (Fujacal, Carandá, Parretas e central de Camionagem) e determinadas áreas de expansão urbana fora dos limites da cidade (As formas do espaço público nos novos territórios. A estrutura urbana de Braga., 2005).



Figura 14 - Fotografia | Avenida da Liberdade (anos 80) | Braga Nossa (2021)

A década de 90 marca a expansão definitiva para fora da circular, entretanto acabada, que se torna o limite físico do século XX – hoje a maioria da população habita fora deste limite. A partir desta década, Braga passou por uma intensa transformação, impulsionada pelo desenvolvimento económico, pela expansão urbana e pela realização de eventos de grande escala. Essas mudanças refletiram-se na toponímia da cidade, que acompanhou o processo de modernização e abertura de Braga para o turismo e a cultura global.

Nomes como Avenida Central, Rua Nova de Santa Cruz e Praça da República ganharam destaque nesse período. Esses nomes refletiam a crescente internacionalização da cidade e a sua conexão com o mundo exterior. O crescimento do tecido urbano bracarense, além de ter passado pela consolidação das urbanizações da década anterior, passa a estender-se para Leste, pelas Avenidas Padre Júlio Fragata e Frei Bartolomeu dos Mártires, e para Norte pela Avenida António Macedo (Bandeira, 2015).

A conclusão da construção da circular, que se tornou o limite físico do século XX, foi acompanhada de uma expansão massiva para além dessa fronteira, ao ponto de a maioria da população atualmente viver fora desse limite.

Os anos 90 permitiram e incentivaram a expansão da cidade para fora desse limite, possivelmente num esforço para aliviar a pressão sobre o centro da cidade ou para promover o desenvolvimento em áreas anteriormente não desenvolvidas.



Figura 15 - Rua do Souto. Anos 90 | Braga Nossa (2021)

“As cidades deixaram de ser apenas pontos ou círculos desenhados num mapa e revelam-se agora como manchas descontínuas e fragmentadas. A “cidade”, como escreveu Françoise Choay, deu lugar ao “urbano” e essa mutação não é apenas territorial ou de forma” (Domingues, 2008). A mudança de "cidade" para "urbano" implica uma mudança na forma como pensamos sobre o espaço urbano. "Cidade" pode evocar imagens de um centro urbano coeso com uma identidade clara, enquanto "urbano" pode sugerir uma coleção mais difusa e heterogênea de espaços e identidades.



Figure 16 - Fotografia | Avenida Central | CM Braga (2018)

As últimas duas décadas foram um período de mudança significativa para Braga, marcado por uma aceleração no desenvolvimento urbano que rompeu com padrões históricos de crescimento mais lento e contido. “A cidade histórica deixou de ser toda a cidade para passar a ser parte minoritária em termos de área ocupada, emprego, funções e habitantes” (Domingues, 2011) e esse facto representa uma "rotura com a evolução histórica", implicando que essa aceleração no desenvolvimento urbano é uma mudança fundamental na forma como a cidade de Braga tem crescido e evoluído. A dialética toponímica da cidade de Braga no século XX reflete uma complexa interação entre continuidade histórica e transformação social. Os nomes das ruas, praças e espaços públicos são manifestações tangíveis das diferentes influências e momentos históricos que moldaram a cidade ao longo desse período.

1.1.3. Antropónimos de Braga

Braga, uma cidade rica em história e cultura, possui uma variedade de antropónimos que são atribuídos a ruas, praças e outros espaços urbanos. Esses antropónimos são nomes de pessoas que desempenharam um papel significativo na história, cultura e desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos. Neste sentido, alguns dos antropónimos mais proeminentes de Braga são D. Diogo de Sousa, um arcebispo de Braga no século XVI e teve um impacto profundo no desenvolvimento da cidade. “D. Diogo é, entre nós, por assim dizer, o catalisador desse processo de transição. Príncipe de uma república neoplatónica - como então poderia ser considerada Braga -, estadista de uma corte que constituía a fronteira do velho continente com as rotas do novo mundo e, ainda, o estrangeirado imbuído da mundividência inspiradora das pátrias do renascimento, o arcebispo, pelo tempo, e pelo modo, tornar-se-ia providencialmente na figura habilitada para proceder àquilo que ele próprio denominaria ser a refundação de uma cidade” (Bandeira, 2000). Ele realizou várias obras arquitetónicas e

urbanísticas, incluindo a construção da Ponte de Santiago e a renovação da Sé Catedral de Braga. A Rua D. Diogo de Sousa, que leva o seu nome, é uma homenagem à sua contribuição para a cidade.



Figura 17 - Fotografia | Museu | Museu D. Diogo de Sousa (2021)

Padre Júlio Fragata (1920-1985) foi um sacerdote bracarense que se destacou por seu trabalho social e caritativo na cidade.



Figura 18 - Fotografia | Avenida Padre Júlio Fragata | CM Braga (2021)

Foi um pedagogo e pensador eminente, aberto às correntes filosóficas mais recentes, repensando-as com originalidade. À semelhança de outros grandes vultos portugueses da Igreja Católica, trabalhou filosoficamente nas áreas da fenomenologia, do existencialismo e do marxismo, temas dominantes da época e de alguma forma solicitados no próprio Concílio do Vaticano II pelo Papa Paulo VI, que terá incumbido a Companhia de Jesus de dialogar com as novas correntes do pensamento” (Morujão, 2016). A Avenida Padre Júlio Fragata foi nomeada em sua homenagem, reconhecendo o seu compromisso em ajudar os menos favorecidos.



Figura 19 - Fotografia | Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva | Aqualibri (s.d.)

Lúcio Craveiro da Silva (1894-1964) foi um intelectual, escritor e professor português. Dirigiu a Faculdade de Filosofia de Braga em três períodos (1952-1958; 1971-1976 e 1986-1994). Em 1974 integrou a Comissão Instaladora da Universidade do Minho, tendo posteriormente exercido o cargo de Vice-Reitor e depois seu Reitor, de 1982 a 1984. A 16 de julho de 1976, foi nomeado Professor Catedrático, além do quadro, da Universidade do Minho.” (Morujão, 2016) Foi um membro importante da Renascença Portuguesa, um movimento intelectual e cultural que procurou revitalizar a cultura e o pensamento portugueses no início do século XX. Ele também foi professor na Universidade do Porto e na Universidade de Coimbra, e escreveu vários livros e ensaios sobre temas como a filosofia, a educação e a cultura portuguesa. Uma das principais bibliotecas da cidade, adotou o seu nome.



Figura 20 - Fotografia | Palácio do Raio | CM Braga (2022)

André Soares (1720-1769) foi um arquiteto e escultor do século XVIII que deixou uma obra significativa na arquitetura e na arte sacra de Braga, entre ela, o Palácio do Raio, um dos mais notáveis edifícios de arquitetura civil da cidade. A Rua André Soares é uma referência ao

seu talento e ao seu trabalho na cidade, existe também uma escola em seu nome. “A cidade moderna de Braga irá atingir o seu ponto áureo com a adoção dos modelos da cidade barroca que vão dominar o cenário urbano bracarense a partir do século XVIII, mais uma vez sobre influência dos arcebispos e pelas mãos dos arquitetos bracarense André Soares e Carlos Amarante (A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna. Síntese de resultados. , 2009/2010).



Figura 21 - Fotografia | Bom Jesus | O Minho (2020)

Carlos Amarante (1748-1815), considerado um dos arquitetos mais importantes do período neoclássico em Portugal, deu um enorme contributo para a arquitetura da cidade de Braga. “A depuração clássica, por um lado, a ideia de magnificência por outro. Os primeiros modelos retabulares do arquiteto bracarense são profundamente vinculados ao Rococó e às formas assimétricas difundidas nas gravuras então em circulação” (Lima, 1998). É responsável por inúmeras obras arquitetónicas na cidade de Braga, entre elas, a Basílica do Bom Jesus, um dos ex-libris da cidade. Projetada pelo arquiteto Carlos Amarante, por encomenda do então Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, para substituir a igreja anterior. As suas obras iniciaram-se a 1 de junho de 1784, tendo ficado concluídas em 1811.

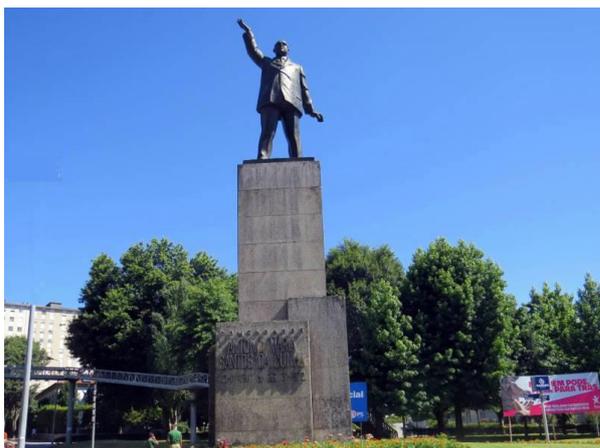


Figura 22 - Fotografia | Estátua de Santos da Cunha | CM Braga (s.d.)

Santos da Cunha (1914-1971), nascido em Braga, desempenhou um papel significativo no desenvolvimento urbano e económico da cidade. Ele foi responsável por várias iniciativas de desenvolvimento em Braga, incluindo a criação de novas estradas e a promoção da industrialização. Segundo o Correio do Minho (2013), “Bairrista exacerbado, Santos da Cunha é reconhecido pelo seu fervor apaixonado a todas as causas da cidade de Braga. Comerciante de profissão, cedo se envolveu em inúmeras instituições da cidade, nomeadamente no Grémio do Comércio. Foi presidente da Câmara Municipal de Braga entre 1949 e 1961, período no qual foi lançado o plano de urbanização do sul da cidade e a Rodovia.”



Figura 23 - Fotografia | Estátua de Francisco Sanches | CM Braga (s.d.)

Francisco Sanches (1551-1623), foi um filósofo e médico renascentista nascido em Braga. Ele é conhecido por seus estudos em lógica e medicina, sendo considerado um dos pioneiros do ceticismo moderno. “Eminente precursor na génese da nova ciência da

modernidade, pelo pendor criticista da sua formação e atividade intelectual” (Crítica do saber tradicional e cepticismo na época dos descobrimentos: A Obra de Francisco Ribeiro Sanches (1551-1623), 1990).

Estes são apenas alguns exemplos dos antropónimos presentes na toponímia de Braga. Cada nome representa uma figura histórica, cultural ou intelectual que contribuiu de forma significativa para a cidade. Esses antropónimos ajudam a preservar a memória coletiva, homenageando aqueles que deixaram um impacto duradouro na história de Braga.

CAPÍTULO 2: A FOTOGRAFIA ENQUANTO RETRATO DA RUA

2.1. A toponímia como designação e o retrato como representação visual

O retrato, uma representação visual que encapsula espaço e tempo, vai além da simples captura da aparência física, incorporando histórias, memórias e significados profundos. Neste contexto, a toponímia, pode ilustrar a complexa relação humana com o espaço, uma temática evidente nas fotografias de Höfer (Höfer, 2019). Esta artista foca-se na arquitetura e no design interior de espaços públicos, que são cruciais para a identidade e memória de uma cidade, representando não apenas locais físicos, mas também epicentros de conhecimento, cultura e história. Höfer, através das suas obras, também explora a noção de poder e influência, capturando a grandiosidade e opulência dos espaços, que refletem a autoridade e prosperidade das instituições que os habitam, criando imagens que aspiram a impressionar e inspirar.



Figura 24 - Fotografia | Philip Johnson Library, New Canaan | Candida Höfer.
<https://www.artsy.net/artwork/candida-hofer-philip-johnson-library-new-canaan>

A toponímia é uma forma de linguagem espacial, que conecta o passado com o presente, molda e ajuda a construir a identidade de um lugar. Segundo (TERRITÓRIO E MULTITERRITORIALIDADE: UM DEBATE, 2007)"A construção das identidades territoriais possui duas dimensões, uma ancorada na memória coletiva, construída em torno do passado para confirmar uma diferenciação e construir, com maior sucesso, uma identidade. E outra

ancorada nos referenciais espaciais, tanto do passado como do presente que podem ter várias origens.” Ambas as dimensões são cruciais para a construção da identidade territorial e podem interagir de maneiras complexas. Por exemplo, um referencial espacial, como um monumento histórico, pode ser parte da memória coletiva de um grupo de pessoas, e, portanto, contribuir para a construção da identidade territorial em ambas as dimensões.



Figura 25 - Fotografia Série | Afeganistão – Chronotopia | Simon Norfolk (s.d.).

O projeto de Simon Norfolk, "Afeganistão: chronotopia"(Figura 25), é um exemplo perfeito de como um referencial espacial, neste caso, a paisagem e os monumentos do Afeganistão, fazem parte da memória coletiva de um grupo de pessoas e contribuem para a construção da identidade territorial.

Norfolk documenta paisagens marcadas pela guerra e monumentos despedaçados, antigos ícones de identidade e orgulho afegão, ilustrando a devastação física e a erosão da memória coletiva e identidade territorial do Afeganistão. As suas imagens ressaltam a história tumultuada do país e a interferência de forças estrangeiras, demonstrando como eventos históricos e políticos podem remodelar a memória e identidade de um lugar.

A identidade urbana é moldada por diversos elementos como história, cultura e arquitetura. O património urbano, composto por heranças tangíveis do passado, é vital para essa identidade, com edifícios, monumentos e espaços públicos a contribuírem para a sua formação e estabelecendo o seu valor. Ao analisar o retrato como uma representação da

toponímia, é possível investigar a interação entre o sujeito retratado e o seu ambiente físico circundante. A fotografia, pode capturar não apenas uma imagem meramente estética, mas também a atmosfera e a essência do local em que ela viveu ou com a qual esteve associada. Assim, segundo (Bauret, 1992) a fotografia veio trazer uma relevante contribuição ao “desenvolvimento e à comunicação” visual, pois tal como afirma (Serén, 2002) “a introdução total das imagens fotográficas em todas as áreas da vida social e cultural implica a sua intertextualidade, porque todas as formas culturais onde circula fazem parte do mundo da imagem”.

Soulages destaca o poder da fotografia de estimular o pensamento humano em várias dimensões: reflexão, interrogação, interpretação e inquietude (Soulages, 2010). A fotografia, de acordo com o autor, tem a capacidade de despertar o "devaneio" e o "inconsciente" humano, transportando o observador para outro espaço e tempo, e confrontando-o com sua "alteridade" ou trazendo-o de volta ao seu "eu". Isso indica a complexidade da fotografia e o seu poder de influenciar a percepção humana de várias maneiras. Por exemplo, uma fotografia pode levar o observador a refletir sobre sua identidade, a questionar o passado, a interpretar o presente ou a sentir inquietação sobre o futuro. A fotografia pode levar o observador a contemplar conceitos complexos, como o ser e o devir, o imobilismo e o fluxo, o contínuo e o descontínuo, o objeto e o sujeito, a forma e o material, o signo e a imagem.



Figura 26 - Fotografia Série | Things are queer | Duane Michals (1973)

(Michals, 1997) é conhecido por sua abordagem inovadora à fotografia, muitas vezes combinando imagens com texto e usando sequências de imagens para contar uma história ou explorar um conceito. Em "Things are Queer" (Figura 26), Michals brinca com a percepção do observador ao apresentar imagens que parecem normais à primeira vista, mas revelam-se estranhas e surreais após um exame mais atento.

Essas imagens desafiam a noção de "ser" e "devir" ao apresentar cenas que parecem normais, mas revelam-se em constante mudança e transformação. Elas também exploram o conceito de "imobilismo" e "fluxo" ao apresentar objetos estáticos que parecem estar em movimento ou num estado de fluxo. As imagens de Michals também brincam com a noção de "contínuo" e "descontínuo", "objeto" e "sujeito", "forma" e "material", "signo" e "imagem", ao apresentar cenas que desafiam a lógica e a percepção.

Segundo a teoria do efeito estético de Wolfgang Iser (1980), quando falamos de imagens ocorre muitas vezes uma discrepância entre a imagem mental que criamos a partir de um texto, e a representação desses elementos para a ordem do visual, levando a uma rotunda decepção (Iser, 1976). Quando lemos, criamos imagens mentais únicas baseadas em nossa própria interpretação e imaginação, influenciadas por nossas experiências pessoais, conhecimentos e sentimentos no momento da leitura. Isso pode ocorrer por várias razões, incluindo as limitações do meio visual escolhido, as diferenças entre a imaginação do criador e a do espectador, ou a impossibilidade de capturar completamente a complexidade e a nuance de uma imagem mental em um formato visual.

“A criação imagética é um retrato da realidade e, no caso das obras de arte... sob a forma figurativa. Essa expressão figurativa da realidade sob a forma imagética é um retrato” (Análise Pictórica, Modos de Ver e Modos de Retratar., 2017). Ao representarmos a realidade desta forma, a imagem atua como um "retrato fiel", ou seja, uma representação visual que captura e reflete a essência daquilo que está a ser retratado.

O retrato, ao representar a toponímia, ilustra a metamorfose do espaço com o passar do tempo, iniciando uma reflexão profunda sobre o papel da memória e identidade na formação do ambiente urbano e social de Braga. A conexão entre fotografia e toponímia transcende a simples documentação, demonstrando uma simbiose entre o técnico e o conceptual, onde cada imagem captura um fragmento da história e da essência da cidade e suas vias. Embora sejam distintos, convergem na função de serem condutores de memória e identidade, facilitando a construção e transmissão de histórias, valores e tradições

comunitárias. Esta reflexão procura explorar a profunda conexão entre esses dois elementos e como eles atuam na construção da memória e identidade coletivas.

2.2. O espaço físico das ruas e a sua relação com a homenagem toponímica

O espaço físico das ruas é um elemento fundamental na configuração e na identidade das cidades. As ruas não são apenas vias de circulação, mas também espaços de convívio, de comércio, de expressão cultural e de interação social. Para além disso, as ruas têm a capacidade de transmitir significados e simbolismos através da toponímia.



Figura 27 - Fotografia | Beverly Boulevard and La Brea Avenue | Stephan Shore (1975)

Em "Uncommon Places", Shore captura a essência das ruas e espaços urbanos na América, retratando-as como lugares-comuns, mas ao mesmo tempo únicos e carregados de significados. Ele apresenta as ruas como espaços vivos e dinâmicos, onde a vida cotidiana se desenrola. Ao capturar a banal e a singularidade dos espaços urbanos, Shore convida-nos a olhar mais de perto e a refletir sobre o significado e a importância desses lugares nas nossas vidas (Shore, 1982). Ele mostra que as ruas não são apenas caminhos que nos levam de um ponto a outro, mas também são espaços carregados de história, cultura e interações sociais.

No contexto da fotografia urbana, a onomástica pode ser um tema importante a explorar. Os nomes das ruas, edifícios, e outros locais urbanos são uma forma de narrativa

pública que reflete a história e os valores da comunidade. Ao documentar visualmente esses nomes, um fotógrafo pode ajudar a preservar essa narrativa e a explorar as histórias e significados subjacentes.

A Onomástica é uma subdisciplina da linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, tanto de lugares (Toponímia) quanto de pessoas (Antroponímia). Ela é fundamental para entender como a cultura de um grupo influencia os topónimos, traduzindo uma noção de identidade cultural que se forma e materializa ao longo do tempo. Ou seja, o estudo da Onomástica revela como certos aspectos culturais de um grupo são refletidos nos nomes de lugares.

(Abade, 2016) sublinha a importância dos nomes na onomástica como um fator de identidade que integra o significante e o significado, a significação e a designação, tornando-os um todo unificado (ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia., 2016) assim como Dick que afirma que a onomástica é fundamental para entender as nuances da linguagem, cultura e comportamento de uma população ao longo do tempo (Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. v.5, 2007).

"O estudo onomástico é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população"
(Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. v.5, 2007).

A prática de homenagem toponímica, que envolve nomear vias e praças urbanas, tem suas raízes em tempos antigos, servindo como uma maneira de honrar deidades, líderes e figuras notáveis. Com o tempo, evoluiu para celebrar personalidades ou eventos significativos baseados em critérios históricos, culturais ou políticos, perpetuando a memória e destacando a importância dessas entidades na narrativa da cidade.

O espaço físico das ruas é vital nesta homenagem, funcionando como um canal de comunicação e identificação dos espaços urbanos, facilitando a orientação dos residentes e visitantes. Kevin Lynch (1982) destaca a importância da "legibilidade" da cidade, um conceito que se refere à facilidade com que as pessoas podem entender e navegar pela cidade, sendo fundamental para a sua funcionalidade e para o bem-estar dos seus habitantes. Segundo

Lynch, entender a "legibilidade" requer uma análise da cidade sob a perspectiva da percepção dos seus residentes (Lynch, 1982).



Figura 28 - Fotografia | Riverside Park | Martha Cooper (1983)

Martha Cooper é uma fotógrafa americana conhecida por seu trabalho documentando a subcultura do graffiti e do hip-hop nas décadas de 1970 e 1980, principalmente em Nova York (Figura 28). As fotografias de Cooper realçam como os nomes das ruas e os sinais de trânsito são uma parte essencial da paisagem urbana e ajudam as pessoas a orientarem-se na cidade.

Os artistas urbanos, através do uso de pseudónimos ou "tags", não apenas marcam territórios, mas também comunicam mensagens, funcionando como uma alternativa aos nomes oficiais das ruas para identificar e reivindicar espaços específicos na cidade (Cooper, 1984). Esta forma de expressão cultural, capturada por Cooper, reflete a identidade e os valores de comunidades ou subculturas, representando uma onomástica "informal" que convive com a oficial (Cooper, 1984). Este fenómeno suscita reflexões sobre a autoridade na nomeação e apropriação de espaços urbanos, e como estas diferentes modalidades de nomeação interagem e coexistem na paisagem urbana.

Maria-Angéles Durán, acrescenta que as cidades desempenham um papel ativo na criação de sua "imagem global", que é a representação generalizada do seu mundo físico exterior (Durán, 1998). A "imagem global" de uma cidade influencia as crenças, o conhecimento, os símbolos e as recordações coletivas dos seus habitantes e visitantes. Durán vai mais longe, argumentando que as cidades, ou aqueles que agem em seu nome,

conscientemente moldam essa imagem, removendo conteúdos indesejáveis e destacando aspectos que desejam enfatizar (Durán, 1998).

A “imagem da cidade” não é apenas um reflexo passivo da sua estrutura física, mas é ativamente moldada por aqueles que têm poder e influência, e desempenha um papel importante na forma como a cidade é percebida e vivida. Esta “imagem da cidade” tem implicações profundas para a identidade de uma cidade e para a forma como é vivida e lembrada pelos seus habitantes e visitantes.



Figure 29 - Fotografia. Paris, Montparnasse | Andreas Gursky (1993)

Andreas Gursky é reconhecido pelas suas fotografias detalhadas em grande escala que capturam cenas urbanas e industriais (Figura 29), muitas vezes focando em elementos normalmente negligenciados, como prédios e estradas, reformulando assim a "imagem da cidade" (Gursky, 1983). Este conceito não é apenas um reflexo da estrutura física da cidade, mas é ativamente construído por aqueles que têm a capacidade de representá-la visualmente.

A "imagem da cidade" é vital para nossa navegação e interação com o ambiente urbano, influenciando nossa percepção e decisões de movimentação, impactando diretamente na qualidade de vida. A ocupação do espaço físico não apenas convida à exploração, mas também serve como uma forma de expressão e construção da identidade social. Este processo cria um 'texto' urbano interpretável de diversas formas, essencial para compreender o discurso dos que se comunicam através deste paradigma. A cidade, como uma entidade nomeada, permite a conceção e construção de espaços através de características estáveis e articuladas, onde ocorrem gestões e eliminações estratégicas. De um lado, “existe uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e

constitui, portanto, os “detritos” de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte)” (Certeau, 2014).

A homenagem toponímica, que vai além da simples atribuição de nomes às ruas, tem o poder de influenciar a percepção e a experiência dos espaços urbanos. Por exemplo, ruas nomeadas em homenagem a artistas ou eventos históricos podem fomentar o interesse em arte ou história, respetivamente, incentivando reflexões e atividades culturais relacionadas. Além disso, contribui significativamente para a formação de uma identidade coletiva e narrativa urbana, criando uma ligação emocional entre os habitantes e o espaço urbano, enquanto preserva e destaca a cultura e a história local através da memória e valores associados a figuras ou eventos significativos.

À medida que as cidades se desenvolvem e se modificam, novas ruas são criadas, edifícios são construídos e a paisagem urbana transforma-se, “o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”, (Harvey, 2007) e os retratos podem ser usados para preservar a memória e a identidade dos lugares que foram modificados ou até mesmo destruídos. “Numa sociedade em constante mudança é importante ter em mente os efeitos dessas transformações sobre a identidade de lugar dos indivíduos, como também sobre a forma como eles percebem seu entorno e vivenciam” (Cavalcante, 2011). Torna-se, portanto, fundamental, considerar como as mudanças na sociedade afetam tanto a forma como percebemos os lugares quanto a forma como interagimos com eles. Isso é especialmente relevante num mundo que está a mudar rapidamente, e a forma como vivemos e interagimos com nosso ambiente está em constante evolução.

A homenagem toponímica, que envolve a atribuição de nomes às ruas, é vital para a construção da identidade e memória de uma cidade, transmitindo simbolismos profundos e significados. Mais do que uma ferramenta de orientação espacial, serve para honrar personalidades e eventos marcantes da comunidade. A homenagem toponímica influencia a percepção e a experiência dos espaços urbanos, promove a construção de uma identidade coletiva e reforça a conexão emocional entre os habitantes e a cidade.



Figura 30 - Fotografia | Avenida Central | CM Braga (s.d.)

A cidade de Braga, enraizada na história, apresenta uma dinâmica distinta de homenagens toponímicas. As ruas centrais, ricas em tradição e história, têm uma identidade toponímica estável, servindo como marcos verbais da memória coletiva da cidade. Em contraste, as áreas recentemente desenvolvidas na periferia, simbolizando a modernização da cidade, são campos férteis para novas homenagens toponímicas. No entanto, essas áreas enfrentam o desafio da familiaridade, com a possibilidade das suas homenagens demorarem a ser reconhecidas amplamente. A era digital atual, contudo, oferece uma oportunidade para promover e consolidar o reconhecimento dessas novas homenagens através de meios de comunicação e plataformas digitais.



Figura 31 - Ilustração | HyperCities Thick Mapping | Todd Presner, David Shepard e Yoh Kawano

Hypercities é um projeto de mapeamento digital interativo (Figura 31), criado por Todd Presner, David Shepard e Yoh Kawano, que permite aos utilizadores explorar a história e a memória das cidades através de mapas históricos e contemporâneos, textos, fotos, vídeos e outros dados multimédia. O projeto utiliza tecnologias de mapeamento digital e de média social para criar uma plataforma colaborativa onde os utilizadores podem contribuir com os seus próprios conteúdos e histórias, criando assim um registo coletivo da memória urbana.

Esse tipo de plataforma digital não apenas facilita o acesso à informação sobre a história e a memória das cidades, mas também permite que as pessoas participem ativamente na construção dessa memória, ao contribuir com seus próprios conteúdos e perspetivas. Isso pode ajudar a promover o reconhecimento de homenagens toponímicas que, de outra forma, poderiam ser esquecidas ou negligenciadas.

A relação entre o espaço físico das ruas e as homenagens toponímicas em Braga é uma dança entre a preservação da história e o reconhecimento da modernidade. É essencial refletir sobre como a localização geográfica de uma homenagem influencia o seu impacto e reconhecimento, e como a cidade de Braga pode encontrar formas inovadoras de garantir que as novas homenagens toponímicas, mesmo nas periferias, recebam a atenção e o respeito que merecem. Vivemos num mundo em transformação, mundo esse que segundo Trindade e Moreira “se encontra estruturado de uma forma complexa onde coabitam o analógico e o digital, o real e o virtual, o humano e a máquina, o offline e o online” (Trindade, 2017).

De facto, as inovações tecnológicas recentes provocaram transformações significativas na forma como a sociedade se organiza, reflete e interage.

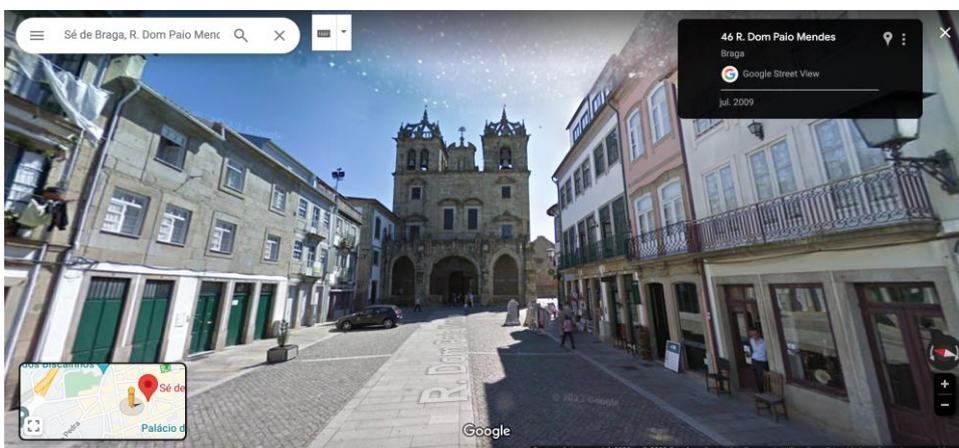


Figura 32 - Fotografia | Sé de Braga | Google Maps (2023)

Atualmente, estamos a vivenciar uma revolução tecnológica sem precedentes que está a redefinir a forma como a sociedade funciona e interage. Esta "Era Digital", conforme descrita por (Terceiro, 1997), está a substituir o "Homo sapiens" pelo "Homo Digitalis", marcando uma transição significativa na evolução humana. A tecnologia permeia todos os aspetos da vida diária, facilitando o acesso à informação e alterando fundamentalmente as formas de trabalho, lazer e aprendizagem. Esta rápida inovação influencia todos os campos, inclusive a toponímia onde cada vez mais usamos mapas digitais.

2.3. A legenda enigmática do nome

“...estimulado pela palavra, o sujeito permite-se pensar por imagens, imaginar, mas experimenta, por vezes, grandes dificuldades em descrever o que vê. Muito do que imagina não se compatibiliza com a estrutura linear, sintacticamente hierarquizada linguagem verbal, antes se organiza elipticamente na esfera das impressões metonimicamente significativas” (Publicidade e textos híbridos: leitura de informações e impressões. , 2009).

Os nomes têm um poder fascinante. Eles identificam-nos, conectam-nos com a nossa ancestralidade e carregam histórias por trás de cada letra. Mas nem todos os nomes revelam os seus significados de forma óbvia. Alguns têm uma legenda enigmática, escondendo mistérios e intrigas que despertam a curiosidade dos que se deparam com eles.

A legenda enigmática do nome pode ser encontrada em várias formas, desde nomes próprios até nomes de cidades, lugares e ruas. Essas denominações misteriosas são um convite para explorar as camadas ocultas de significado que se escondem por trás das palavras. O nome de um lugar da cidade de Braga, por exemplo, pode evocar uma imagem específica para quem está familiarizado com a cidade.



Figura 33 - Fotografia | Dioram Map Amsterdam | Sohei Nishino (2014)

Diorama Map de Sohei Nishino, é um trabalho que discute como a cartografia e a fotografia se interconectam e como os mapas (e os nomes nos mapas) são uma forma de 'legenda' para o espaço físico (Nishino, 2015). Embora o trabalho de Nishino não se concentre especificamente na toponímia, ele oferece uma maneira interessante de pensar sobre como os nomes e os espaços se relacionam visualmente (Nishino, 2015).

“Algumas palavras convocam, pois, imagens mentais como se de legendas visuais se tratasse, apresentando aos nossos olhos quadros fixos, ou aproximações de quadros fixos, sujeitos a pequenas mutações até se compatibilizarem completamente com as imagens mentais conceptuais” (Publicidade e textos híbridos: leitura de informações e impressões. , 2009).

Tal como as palavras e fotografias, os nomes de lugares podem ter interpretações variadas, moldadas pelas experiências e concepções individuais. No âmbito dos nomes próprios, a legenda enigmática pode manifestar-se de diversas formas, seja através de raízes etimológicas esquecidas com o tempo ou histórias peculiares ligadas a tradições culturais ou figuras históricas. Esses nomes misteriosos incentivam-nos a aprofundar as nossas pesquisas para desvendar as suas origens e significados verdadeiros.

Quando se trata de nomes de ruas e lugares, essa legenda enigmática também pode ser fascinante, levando-nos a uma jornada através do tempo ao nos depararmos com nomes que refletem épocas passadas e nos fazem questionar as suas origens.

Laura Kurgan, uma artista e arquiteta especializada em visualização de dados, utiliza imagens de satélite para interpretar o espaço geográfico de maneiras inovadoras, revelando padrões e conexões não perceptíveis a olho nu, conforme discutido no seu trabalho "Close Up at a Distance" (Figura 34). Esta abordagem ressoa com as reflexões de Italo Calvino em "Cidades Invisíveis", onde ele explora a percepção fluida e subjetiva do espaço urbano, indicando que nossa interpretação do espaço é moldada por experiências passadas e expectativas, tornando-a uma entidade dinâmica e pessoal (Calvino, 1999).

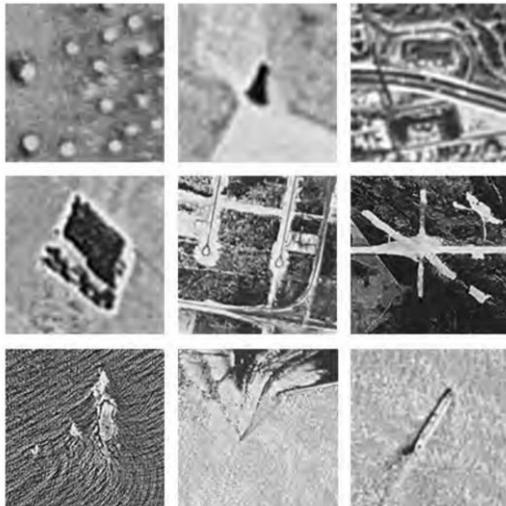


Figure 34 - Fotografia Série | Close up at a Distance | Laura Kurgan (2013)

Ao considerar a toponímia como uma 'legenda' para o espaço geográfico, podemos entender que os nomes dos lugares não são fixos, mudam de acordo com a linguagem e a perspectiva de quem os nomeia. Assim, o espaço é percebido e compreendido de diferentes formas por diferentes pessoas, e essa percepção é influenciada por fatores como linguagem, cultura e experiência pessoal. Isso tem implicações para a forma como pensamos sobre espaço, lugar e movimento, e sugere que devemos ser conscientes da multiplicidade de perspectivas que podem existir em relação a qualquer lugar ou trajeto.

“E a estas também Marco dá um nome, não importa qual, e alude a um itinerário para lá chegar. Sabe-se que os nomes dos lugares mudam tantas vezes quantas são as línguas forasteiras; e que se pode chegar a todos os lugares vindo de outros lugares, pelas estradas e rotas mais diversas, por quem cavalga carrega rema voa...” (Calvino, 1999).



Figura 35 - Fotografia | Lawrence Weiner: Around the World. | Vasco Stocker Vilhena (2021)

Lawrence Weiner, artista conceptual, que também usa texto nos seus trabalhos. Embora seu trabalho também não lide diretamente com a toponímia, ele explora a relação entre linguagem, espaço e significado.

Esses textos, e os nomes enigmáticos na toponímia incentivam-nos a investigar e desvendar os seus mistérios inerentes, aproximando-nos das raízes e identidade de um lugar. Essas lendas misteriosas impulsionam-nos a explorar a história e a cultura que formaram um determinado local, estimulando a nossa imaginação, evocando imagens e narrativas que nos podem transportar para mundos desconhecidos, incentivando-nos a criar histórias baseadas nas pistas fornecidas pelos nomes.

“A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos [...]. [...] Todo o cidadão possui muitas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações. (Lynch, 1982).

Lynch ressalta que a percepção do espaço urbano é complexa, relacional e subjetiva, sendo moldada por diversos fatores como experiências passadas, sentidos e o contexto atual (Lynch, 1982). Ele enfatiza a necessidade de analisar não apenas os elementos individuais do ambiente urbano, mas também suas inter-relações e o contexto mais amplo em que estão inseridos. Além disso, destaca que, em muitos casos, a origem e o significado de certos nomes podem estar perdidos no tempo, resultando em conjeturas e especulações. Nestas situações, a legenda enigmática dos nomes serve como um convite para aceitar a ambiguidade e apreciar o mistério que os envolve.

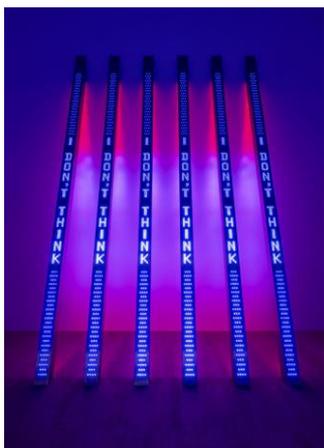


Figura 36 - Instalação | Blue purple tilt (2007) | Jenny Holzer (2007)

A artista Jenny Holzer, é conhecida pelas suas instalações de texto em espaços públicos. No trabalho, "Blue Purple Tilt" (2007), apresenta uma série de declarações enigmáticas projetadas numa instalação luminosa. O trabalho de Holzer destaca a capacidade das palavras abrigarem significados ocultos e influenciarem a nossa perceção do espaço urbano, criando enigmas visuais através da exploração de linguagem e textos aparentemente simples. Assim como outras cidades, Braga carrega nas suas estruturas e nomes de ruas as narrativas de épocas e figuras históricas que moldaram sua trajetória ao longo do tempo.

“Bracara Augusta teria assim perpetuado, na época romana, a centralidade que já possuía na Proto-História, tornando-se um dos epicentros fundamentais da rede viária do Noroeste” (História e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta ^Braga, , 1988).

Passear pelas vielas de Braga é como explorar um livro histórico, onde cada rua narra uma época diferente, desde a era romana até os tempos medievais e dos descobrimentos. A Rua dos Capelistas, por exemplo, remete à antiga tradição de artesãos especializados em criar capelas miniaturizadas, uma prática comum nos séculos XVIII e XIX, refletindo a forte devoção religiosa da época. Atualmente, essa rua é um centro comercial pedestre. Outra via significativa é a Rua do Souto, localizada na freguesia São João do Souto, cujo nome evoca a paisagem original da área, um monte cercado por carvalhos e castanheiros, onde se situava uma capela batismal.

Esses nomes, verdadeiras legendas enigmáticas, incentivam uma travessia de descoberta pela história de Braga, instigando a curiosidade e incentivando a exploração mais

profunda da cidade. Embora algumas dessas histórias sejam bem documentadas, outras ainda guardam mistérios à espera de serem desvendados.

2.4. A fotografia como meio de construção da memória pública

Desde tempos remotos, a humanidade tem utilizado várias formas de representação visual, como arte rupestre e fotografias, para comunicar e expressar imaginação. Aumont (2002) sublinha que as imagens podem ser interpretadas de maneiras distintas, algumas apelando aos sentidos e outras direcionadas ao intelecto, evidenciando a complexidade das imagens como meio de comunicação e Berger (2005) destaca essa complexidade das imagens como meio de comunicação sublinhando a nossa profunda relação com o mundo visual. “Nunca houve uma forma de sociedade na história em que se desse uma tal concentração de imagens, uma tal densidade de mensagens visuais” (Berger, et al., 2005).

A "Civilização da Imagem", termo cunhado por Aumont, evidencia a importância das imagens na nossa interação com o mundo, e reforça a função da imagem que passa por “garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha o papel de descoberta do visual” (Aumont, 2002). Sendo a imagem um meio predominante de comunicação, necessita de cultura visual para sua interpretação, conforme apontado por (Vilas-Boas, 2010) “a cultura visual não consiste só no que vemos, mas também no que sabemos” (Vilas-Boas, 2010). De acordo com Munari (1968) “conhecer as imagens que nos rodeiam significa também alargar as possibilidades de contacto com a realidade; significa ver mais e perceber mais” (Munari, 1968). Ou seja, Munari sugere que as imagens, sendo uma forma predominante de comunicação na nossa sociedade, são também uma fonte crucial de informação sobre o mundo ao nosso redor (Munari, 1968). Estes autores, enfatizam que a nossa compreensão das imagens é influenciada pelo nosso conhecimento e experiência, expandindo assim a nossa conexão com a realidade.



Figura 37 - Fotografia | Pesquisa por Cidade de Braga | Google (2023)

As imagens não são apenas uma forma de comunicação, mas também uma ferramenta chave para a nossa percepção e compreensão do mundo. Através das imagens, podemos interpretar e dar sentido à realidade, e isso tem implicações profundas para a nossa interação com o mundo e com os outros. Essa ênfase na importância das imagens na nossa cultura e na nossa percepção da realidade é fundamental para compreender o papel central das imagens na sociedade contemporânea. Em muitos aspetos, vivemos numa "sociedade da imagem", onde as imagens são uma forma predominante de comunicação que requerem cultura visual para a sua interpretação.

No entanto, a fotografia também pode ser uma ferramenta de manipulação da memória social, sendo usada para transmitir visões específicas e, às vezes, alteradas da história. Dora Maar, foi uma fotógrafa e pintora francesa, associada ao movimento surrealista e conhecida pelas suas montagens fotográficas inovadoras e politicamente carregadas, que desafiam a percepção do espectador e questionam as estruturas de poder existentes.



Figura 38 - Fotografia | Homem a olhar dentro de uma porta de inspeção de calçada | Dora Maar (1935)

Stephen Shore, em "Uncommon Places", e Jenny Holzer, através das suas instalações de texto, demonstram a interação dinâmica entre modernidade e vida quotidiana, e a transformação da interação com imagens e textos, respetivamente.

A fotografia pode ser usada como uma ferramenta para a conservação do património, registando a sua condição atual, identificando ameaças e auxiliando na sua proteção e restauração. "...o "corpus" fotográfico português é o nosso retrato; o retrato das nossas paisagens e costumes, dos nossos monumentos e das nossas histórias, que a vida é a mesma em qualquer parte do mundo - nasce-se, cresce-se, ama-se e morre-se. A pátria é um acidente geográfico, tal como a família é um acidente biológico. Mas, já que nascemos e/ou vivemos aqui, temos o dever de preservar e estudar a nossa herança cultural, e a fotografia é uma parte integrante desta, talvez a mais importante porque é, simultaneamente, cultura e reflexão e registo das outras culturas." (Calado, 1992). Calado destaca a importância da fotografia como uma forma de património cultural. Sugere que a fotografia é uma forma vital de documentar e preservar a cultura e a história de um lugar, e que há um dever de preservar e estudar essa herança. Além disso, sugere que a fotografia desempenha um papel na disseminação da cultura.



Figura 39 - Fotografia | Xenon para Bordéus e Paris | Attilio Maranzano (2019)

No contexto de Braga, a fotografia tem sido uma ferramenta crucial para documentar e preservar a memória pública da cidade, capturando desde celebrações religiosas até transformações urbanas. A cidade, conhecida como a "Roma Portuguesa" por sua rica herança religiosa, tem visto a fotografia desempenhar um papel significativo na documentação de sua evolução arquitetónica e na preservação de sua identidade cultural única para as futuras gerações. Ao capturar as procissões, as manifestações de devoção e os rituais religiosos, a fotografia preserva culturalmente um dos pontos essenciais que definem a cidade de Braga.



Figura 40 - Fotografia | Procissão do Enterro do Senhor | Artur Pastor (1970)



Figura 41 - Fotografia | Semana Santa de Braga | Gonçalo Delgado (2018)

Ao longo dos anos, Braga passou por mudanças significativas na sua paisagem urbana. Através da fotografia, é possível observar a transformação das ruas, praças e edifícios ao longo do tempo. A fotografia oferece um vislumbre da evolução da arquitetura bracarense, desde as estruturas históricas até aos desenvolvimentos modernos. Essa evolução capturada pelas fotografias permite que as gerações futuras compreendam como a cidade se adaptou e cresceu ao longo dos anos.

À medida que novas tecnologias emergem e a cidade continua a evoluir, a fotografia continuará a desempenhar um papel fundamental na construção de uma memória pública viva e dinâmica, mantendo viva a essência única desta cidade histórica.

CAPÍTULO 3: A METODOLOGIA

3.1. Método de trabalho

No estudo das cidades e das suas identidades culturais, a toponímia emerge como um elemento fundamental. Ela não é apenas uma forma de designar locais, mas também um espelho das histórias, valores e memórias de uma comunidade. Braga, apresenta uma toponímia que reflete tanto o seu passado quanto o presente, atuando como uma espécie de mapa narrativo da cidade.

Para entender verdadeiramente o impacto e a importância da toponímia, é crucial considerar a perspectiva dos seus habitantes. A forma como as pessoas percebem, interpretam e se relacionam com os nomes das ruas de Braga oferece uma visão mais profunda sobre a intersecção entre espaço, identidade e memória coletiva.

Assim, a necessidade de um inquérito surge para ganhar uma compreensão direta dos habitantes de Braga com os antropónimos e topónimos da cidade, indo além de meras suposições ou análises indiretas. Através de perguntas estruturadas e abertas, é possível obter uma visão quantitativa e qualitativa da relação dos cidadãos com a toponímia da cidade, permitindo uma análise mais rica e multidimensional.

A metodologia escolhida para esta pesquisa desempenhou um papel crucial na abordagem do estudo das toponímias contemporâneas da cidade de Braga. O objetivo primordial foi compreender e avaliar a percepção e o conhecimento da população em relação a estes topónimos, e como resultado, era imperativo escolher uma abordagem que refletisse a complexidade e riqueza destes laços.

Neste mestrado, este projeto integra numa parte da sua dimensão experimental uma metodologia qualitativa e quantitativa. Utilizou-se um inquérito estruturado para recolher dados demográficos e específicos, bem como para avaliar a percepção e o conhecimento da população em relação à toponímia contemporânea de Braga. O inquérito foi realizado online entre os dias 5 e 12 de junho de 2022. Os dados recolhidos foram analisados através de técnicas estatísticas e interpretativas, permitindo uma compreensão aprofundada das interações entre a população, a cidade e os seus topónimos.

O processo de recolha de dados para o presente estudo sobre a toponímia contemporânea de Braga contou com a participação ativa da população local para a construção de uma amostra significativa. Esta amostra foi composta por um total de 190 inquiridos, cujas respostas forneceram um retrato diversificado e abrangente das perceções e relações dos habitantes com a toponímia da cidade.

Quanto aos instrumentos de recolha de dados, optou-se pela elaboração e aplicação de um inquérito online (ANEXO A). Esta escolha foi motivada por diversas razões:

- **Abrangência:** A natureza online do inquérito permitiu alcançar um número vasto de participantes de diversas faixas etárias, ocupações e zonas residenciais da cidade.
- **Flexibilidade:** O formato digital oferece aos inquiridos a liberdade de responder ao questionário no seu próprio ritmo e no momento que lhes for mais conveniente, aumentando potencialmente a taxa de resposta e a qualidade das respostas.
- **Eficiência na Análise:** Os dados recolhidos digitalmente podem ser mais facilmente processados, organizados e analisados, permitindo uma interpretação rápida e precisa das respostas.
- **Redução de Viés:** A natureza impessoal do inquérito online pode encorajar respostas mais honestas e diretas, reduzindo o viés potencial introduzido por interações face a face.

O estudo empregou métodos quantitativos e qualitativos para obter dados precisos sobre a perceção da população em relação aos topónimos de Braga. Um inquérito estruturado foi desenvolvido para recolher uma variedade de respostas, com questões demográficas ajudando a entender o perfil dos participantes e outras perguntas focadas na interação dos indivíduos com os topónimos.

Uma técnica de amostragem estratificada foi utilizada para garantir uma representação adequada de diferentes segmentos da população, considerando fatores como idade, género, profissão e nível educacional. A análise subsequente dos dados recolhidos, complementada por uma revisão extensiva da literatura, permitiu situar os resultados dentro do contexto mais amplo dos estudos toponímicos, integrando-os com teorias e pesquisas prévias.

O processo de pesquisa foi caracterizado por uma abordagem cíclica, com momentos de revisão e ajuste para manter a relevância e precisão do estudo. O objetivo era não apenas

quantificar, mas também compreender a relação entre os habitantes de Braga e a toponímia da cidade. Em resumo, a pesquisa, que contou com a participação de 190 inquiridos e utilizou um inquérito online como principal ferramenta de recolha de dados, oferece uma análise robusta e atual sobre a conexão dos cidadãos de Braga com a toponímia local.

3.2. Apropriação popular da toponímia

A análise dos resultados revelou a complexidade da apropriação popular dos topónimos em Braga, demonstrando que não são apenas identificadores de locais, mas também veículos de histórias, memórias e sentimentos que influenciam a identidade local. Este processo, além de cognitivo, é afetivo, refletindo a conexão profunda dos habitantes com o espaço urbano e a sua história. No entanto, foi observado que alguns topónimos contemporâneos ainda não estão firmemente enraizados na memória coletiva, possivelmente devido à falta de educação histórica ou à recente denominação de certos locais. Esta situação representa uma oportunidade para integrar mais profundamente estas narrativas na vida quotidiana dos cidadãos.

Além do reconhecimento histórico ou cultural, é crucial entender como os topónimos são utilizados no dia a dia. Por exemplo, os habitantes de Braga usam os nomes oficiais quando dão direções ou referem-se a lugares específicos? Ou recorrem a descrições mais coloquiais e informais baseadas em marcos locais ou características distintivas?

A apropriação popular da toponímia em Braga é um processo em constante transformação, que vai para além do reconhecimento de personalidades ou locais específicos, integrando-se na vida diária e na identidade dos habitantes. Esta dinâmica oferece uma oportunidade valiosa para reforçar a ligação dos cidadãos com a história e a cultura da cidade, incentivando uma interação mais profunda e uma verdadeira apropriação dos nomes que caracterizam suas ruas e praças. A análise desse fenómeno destaca a importância vital dos topónimos na construção da identidade urbana.

3.2.1. Questionário à população

O projeto de mestrado explora a interação entre toponímia, fotografia e a formação da memória e identidade coletivas em Braga, uma cidade historicamente rica e urbanisticamente dinâmica. O estudo centraliza-se na perceção dos moradores locais acerca

das recentes designações toponímicas, especialmente em áreas de recente urbanização. A investigação se concentra em dez antropónimos modernos da cidade, analisando o reconhecimento público e a conexão com estes através de questionamentos específicos para cada nome. Os resultados visam determinar a eficiência das estratégias contemporâneas de nomeação de ruas e o contributo da fotografia na preservação e promoção da memória histórica e social encapsulada nas toponímias.

Avançamos, então, para a contextualização das perguntas incluídas no questionário quem para avaliar o conhecimento das toponímias entre os residentes.

1. Sabe como são atribuídos os nomes das ruas?
2. Sabe quem foi [Nome da pessoa homenageada]?
3. Conhece o contributo ou a importância que [Nome da pessoa homenageada] teve para a cidade de Braga?
4. Conhece a rua/praçça/praceta [Nome da rua/praçça/praceta]?
5. Conhece a freguesia onde se situa a rua/praçça/praceta [Nome da rua/praçça/praceta]?

Este inquérito visa entender a relação dos residentes de Braga com a toponímia local, avaliando a sua consciência sobre o processo administrativo de nomeação e a relevância dos homenageados nas nomenclaturas. Além disso, procura-se analisar o conhecimento geográfico dos habitantes, focando tanto em áreas centrais quanto em regiões periféricas e recém desenvolvidas, para determinar se a localização influencia a eficácia da homenagem toponímica.

Em conjunto, as respostas a essas perguntas podem ajudar a entender a relação entre os residentes de Braga e o espaço urbano em que vivem, bem como sua consciência da história e da cultura locais.

3.2.2. Análise dos resultados do questionário

Neste estudo, a amostra demográfica do inquérito é diversificada, englobando variadas idades, géneros, origens, níveis educacionais e estados profissionais, proporcionando uma visão abrangente e representativa da população, ainda que haja uma predominância de participantes femininas, empregadas e com formação superior. A pesquisa foi conduzida

através de um questionário aplicado à população de Braga, com uma representação demográfica significativa.

Analisando o perfil demográfico dos inquiridos, percebemos que a maioria dos participantes tem entre 25 e 56 anos, isso sugere que os participantes são principalmente adultos em idade ativa, o que pode influenciar o seu conhecimento sobre a cidade, pois é provável que se desloquem frequentemente por razões de trabalho, lazer ou outras atividades diárias.

Em relação ao género, predominam indivíduos do sexo feminino, embora haja uma participação considerativa de indivíduos do sexo masculino, isso indica que a amostra é representativa em termos de género, o que é importante para garantir que as perspetivas e experiências de ambos os géneros sejam consideradas na análise.

A pesquisa revela que a maioria dos participantes está casada ou em união de facto, o que pode influenciar as áreas da cidade que frequentam e, conseqüentemente, o seu conhecimento das toponímias. A grande parte (83,7%) reside em famílias de tamanho médio (2 a 4 pessoas), indicando uma diversidade de dinâmicas familiares que podem afetar a interação com o espaço urbano e a perceção da toponímia de Braga. Por outro lado, 14,2% dos participantes vivem sozinhos, o que pode proporcionar uma perspetiva distinta sobre a toponímia, possivelmente devido a uma maior flexibilidade para explorar a cidade. Notavelmente, apenas uma pequena fração (2,1%) vive em famílias numerosas (5 ou mais pessoas), sugerindo uma tendência para famílias menores na sociedade contemporânea, possivelmente devido às limitações de espaço na área urbana de Braga.

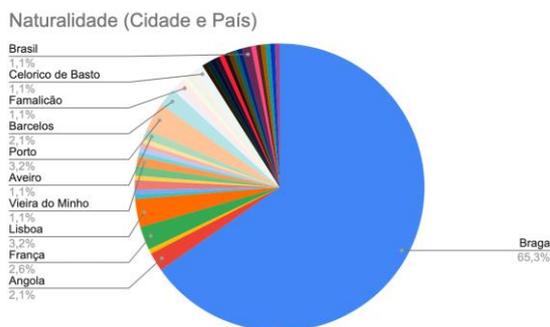


Gráfico 1. Naturalidade

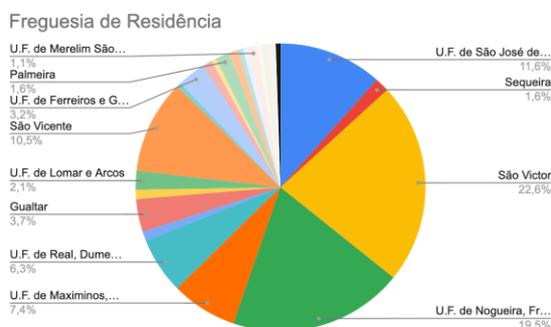


Gráfico 2. Freguesia de residência

O estudo mostra que a maioria significativa dos participantes (65,3%) são naturais de Braga, indicando uma profunda conexão e entendimento da cidade, o que era antecipado devido ao foco do estudo na toponímia bracarense. Além disso, uma pequena parcela dos participantes provém de outras cidades significativas de Portugal, como Lisboa e Porto, cada uma representando 3,2%, seguidas por outras cidades nacionais com uma representação de 1% a 2,1%.

A amostra também engloba uma minoria de participantes nascidos em países estrangeiros, incluindo França (2,7%), Angola (2,1%), Brasil (1%) e outros, contribuindo para uma diversidade de perspectivas internacionais, apesar da predominância de indivíduos de origem portuguesa. Este conjunto diversificado de participantes, que também abrange várias freguesias de Braga, sugere uma amostragem geograficamente diversificada, enriquecendo assim o estudo sobre a toponímia local.

A maioria dos participantes do estudo possui um elevado nível de educação, com 47,4% tendo concluído o ensino superior e 33,7% possuindo pós-graduação. Este perfil educacional sugere uma possível inclinação para um maior interesse em temas como toponímia e história local, influenciando assim a sua familiaridade com os nomes das ruas de Braga.

No que diz respeito à situação profissional, uma grande parte dos participantes (86,3%) está empregada, indicando uma provável estabilidade financeira e social, o que pode afetar a forma como interagem e percebem o espaço urbano e a toponímia da cidade. Além disso, uma pequena fração da amostra equilibra trabalho e estudos (5,3%), o que pode limitar o tempo e a energia disponíveis para explorar e refletir sobre a toponímia local. Adicionalmente, 3,2% dos participantes são reformados, representando uma parcela da população que, devido à sua longa vivência, pode ter uma conexão mais profunda e histórica com as toponímias de Braga, tendo testemunhado possíveis mudanças ao longo dos anos.

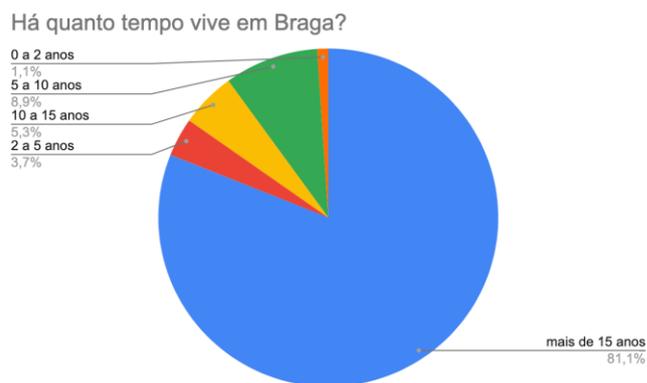


Gráfico 3. Há quanto tempo vive em Braga

Dos inquiridos, 81,1% eram residentes na cidade há mais de 15 anos, indicando um forte envolvimento e familiaridade com a paisagem urbana. Além disso, 5,3% dos inquiridos residiam entre 10 a 15 anos na cidade, enquanto 8,9% estavam presentes entre 5 a 10 anos.

A maioria dos inquiridos são residentes de longa duração em Braga, o que indica um forte envolvimento e familiaridade com a paisagem urbana e a toponímia da cidade. Isso sugere que a maioria dos participantes tem um conhecimento profundo e uma compreensão da cidade, o que é importante para o estudo da relação entre fotografia e toponímia contemporânea. Os participantes que são residentes de longa duração podem ter testemunhado mudanças na paisagem urbana e na toponímia ao longo do tempo, o que pode influenciar as suas perspetivas sobre o tema do estudo.



Gráfico 4. Quantos nomes de ruas da cidade de Braga conhece

Ao investigar o conhecimento das toponímias entre os residentes, constatou-se que a maioria dos inquiridos tinha uma familiaridade notável com as ruas de Braga. A pergunta

"Quantos nomes de ruas da cidade de Braga conhece?" revelou que 47,4% dos participantes afirmaram conhecer vinte ou mais ruas, demonstrando um profundo nível de conexão com a cidade. Adicionalmente, 24,7% dos inquiridos mencionaram conhecer entre 10 a 20 ruas, enquanto 21,1% relataram estar familiarizados com 5 a 10 ruas. Uma minoria, representando 6,3%, indicou conhecimento de apenas 2 a 5 ruas. Os resultados sugerem que a maioria dos residentes de Braga tem familiaridade com as ruas da cidade, o que pode ser um reflexo de um envolvimento ativo com o meio urbano.

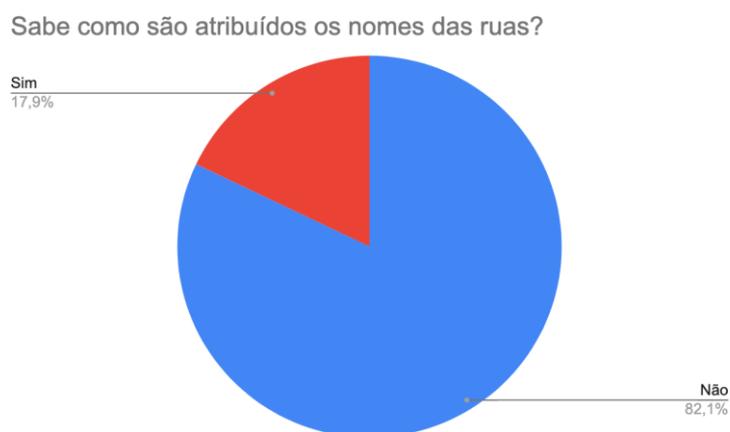


Gráfico 5. Sabe como são atribuídos os nomes das ruas?

A pesquisa sobre a percepção da população de Braga em relação à toponímia urbana revela uma marcante dicotomia. Uma significativa maioria, 82,1%, desconhece o processo de atribuição dos nomes das ruas, o que pode indicar uma falta de interesse ou uma insuficiente divulgação por parte das autoridades municipais. Este desconhecimento pode sugerir que a toponímia não é vista como uma prioridade pela maioria dos cidadãos, ou que há uma falha na comunicação entre as autoridades e a população.

Por outro lado, 17,9% dos inquiridos estão cientes deste processo, demonstrando um maior envolvimento e apreciação pela relevância histórica e cultural da toponímia. Este grupo pode incluir indivíduos com um interesse particular em temas como história urbana e urbanismo. A discrepância nas respostas sugere uma oportunidade perdida de estabelecer uma ligação mais profunda entre os cidadãos e o espaço urbano que habitam, uma vez que a nomeação das ruas é um ato que define, em certo grau, a identidade coletiva da cidade.

Esta situação ressalta a necessidade de uma maior educação e divulgação pública sobre a toponímia de Braga. A implementação de estratégias que promovam uma ampla e acessível partilha de informações, através de plataformas digitais ou eventos comunitários, pode não apenas aumentar o conhecimento geral, mas também cultivar um sentido de pertença e valorização da rica história e cultura da cidade.

Torna-se crucial considerar que, embora os nomes das ruas sejam uma parte integrante do quotidiano da população, as histórias e contribuições individuais que deram origem a esses nomes muitas vezes permanecem desconhecidas. Isso levanta questões pertinentes sobre o papel da educação, urbanismo e cultura na formação da identidade coletiva de uma cidade e de seus habitantes. Portanto, é imperativo que Braga considere formas de melhorar a comunicação e a educação em torno da toponímia, para fomentar uma relação mais rica e consciente entre os cidadãos e o ambiente urbano que eles habitam.

Foram estabelecidas quatro questões para cada um dos dez topónimos que fazem parte do projeto, com o objetivo de avaliar o conhecimento e a consciência dos inquiridos sobre vários aspetos da toponímia de Braga.

1. Sabe quem foi?

Esta pergunta é específica para cada toponímia e visa avaliar se os inquiridos conhecem a pessoa ou o evento histórico a que o nome da rua se refere. Isso pode ajudar a entender o nível de conhecimento histórico e cultural dos inquiridos.

2. Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga?

Esta pergunta visa avaliar o conhecimento dos inquiridos sobre a importância histórica, cultural ou social da pessoa ou evento a que o nome da rua se refere. Isso pode ajudar a entender o nível de consciência dos inquiridos sobre a história e a cultura locais.

3. Conhece a rua/prça/praceta...?

Esta pergunta visa avaliar se os inquiridos estão familiarizados com a localização física da rua, praça ou praceta em questão. Isso pode ajudar a entender o nível de familiaridade dos inquiridos com a geografia urbana de Braga.

4. Conhece a freguesia onde se situa a rua/prça/praceta...?

Esta pergunta visa avaliar se os inquiridos estão familiarizados com as divisões administrativas de Braga e se conseguem identificar a freguesia a que pertence a rua, praça ou praceta em questão.

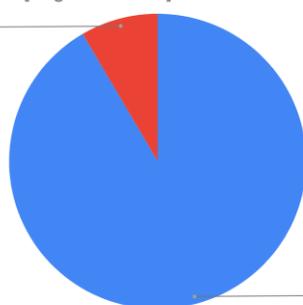
O objetivo destas questões é avaliar o nível de conhecimento e consciência dos inquiridos sobre a toponímia de Braga, incluindo o processo de nomeação, a história e a cultura associadas aos nomes das ruas, e a geografia urbana da cidade. Isso pode ajudar a entender o nível de envolvimento e familiaridade dos inquiridos com a cidade e pode fornecer insights sobre a eficácia da toponímia em comunicar a história e a cultura locais aos residentes e visitantes.

Indico agora a percentagem relacionada com as quatro perguntas para cada uma das toponímias do projeto.

1. Augusto Veloso

Sabe quem foi? [Augusto Veloso]

Sim
8,4%

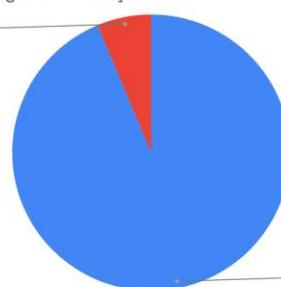


Não
91,6%

Gráfico 6. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Augusto Veloso]

Sim
6,3%

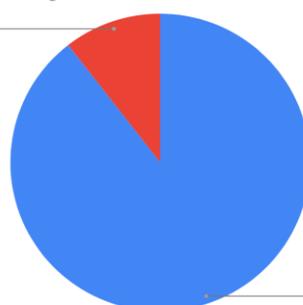


Não
93,7%

Gráfico 7. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Augusto Veloso?

Sim
10,5%

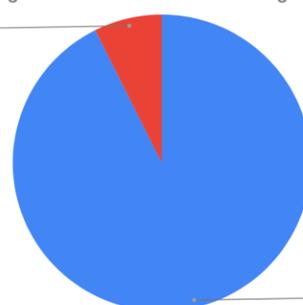


Não
89,5%

Gráfico 8. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Augusto Veloso?

Sim
7,4%



Não
92,6%

Gráfico 9. Conhece a freguesia?

2. Cândido Costa Pires

Sabe quem foi? [Cândido Costa Pires]

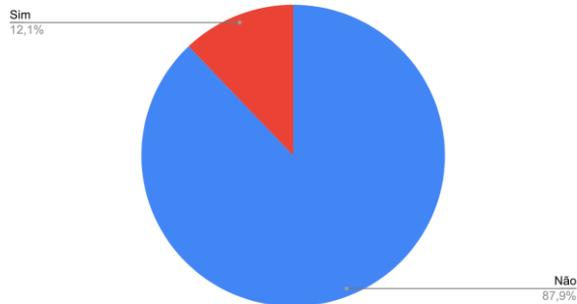


Gráfico 10. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Cândido Costa Pires]

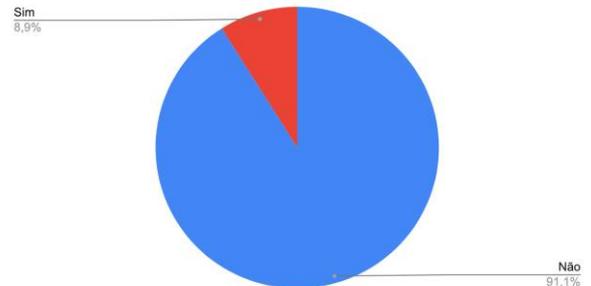


Gráfico 11. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Praça Cândido Costa Pires?

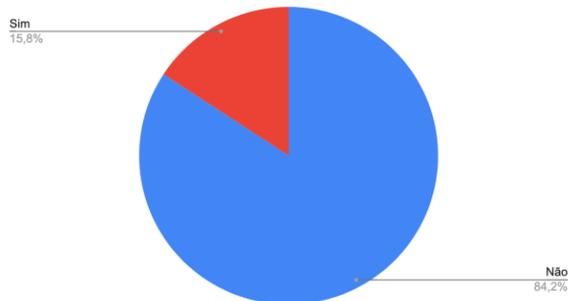


Gráfico 12. Conhece a praça?

Conhece a freguesia onde se situa a Praça Cândido Costa Pires?

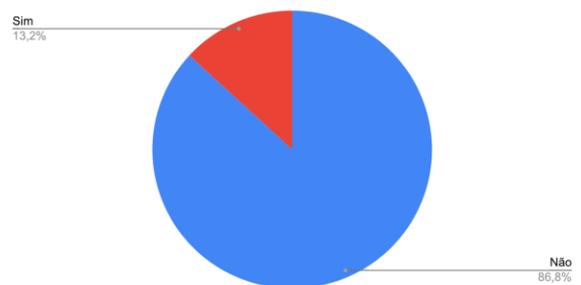


Gráfico 13. Conhece a freguesia?

3. Egídio Guimarães

Sabe quem foi? [Egídio Guimarães]

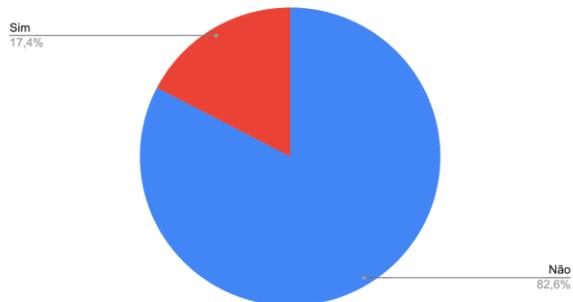


Gráfico 13. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Egídio Guimarães]

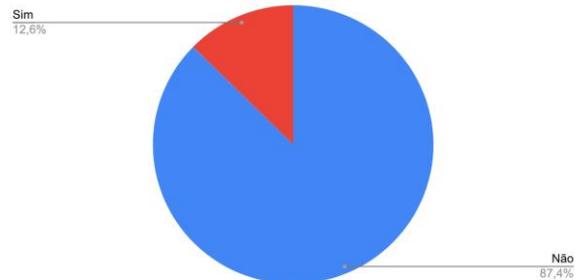


Gráfico 14. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Dr. Egídio Guimarães?

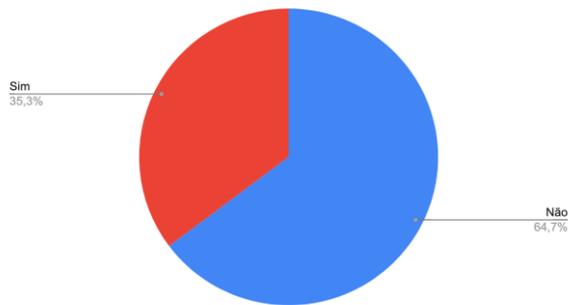


Gráfico 15. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Dr. Egídio Guimarães?

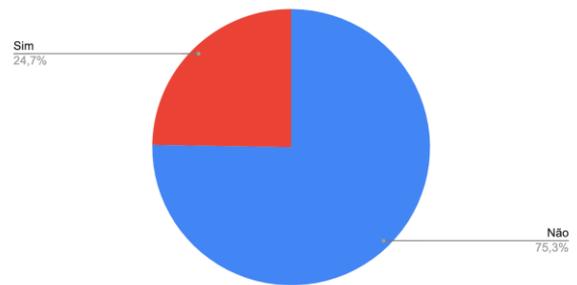


Gráfico 16. Conhece a freguesia?

4. Félix Ribeiro

Sabe quem foi? [Félix Ribeiro]

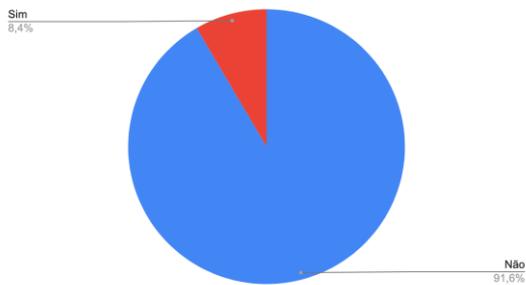


Gráfico 17. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Félix Ribeiro]

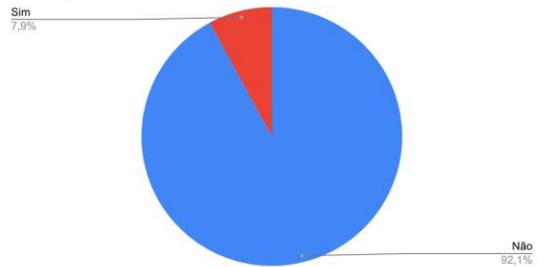


Gráfico 18. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro?

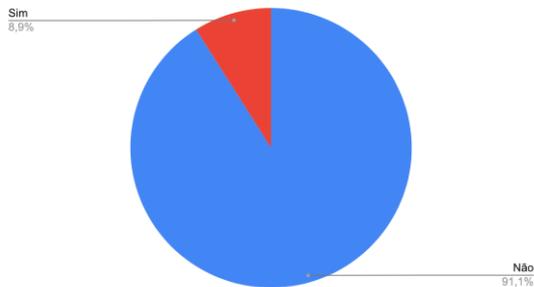


Gráfico 18. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro?

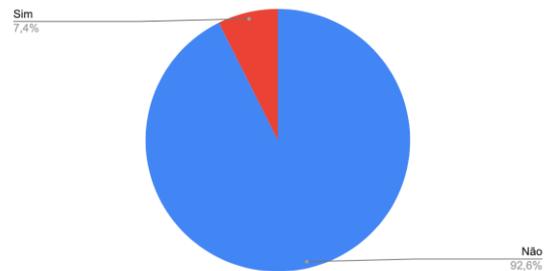


Gráfico 19. Conhece a freguesia?

5. José Lamosa

Sabe quem foi? [José Lamosa]

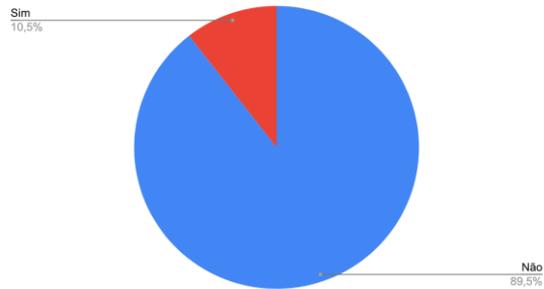


Gráfico 20. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [José Lamosa]

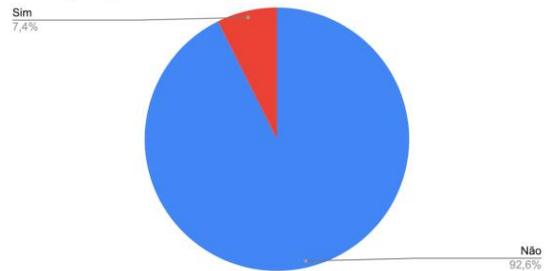


Gráfico 21. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Praceta Arquiteto José Lamosa?

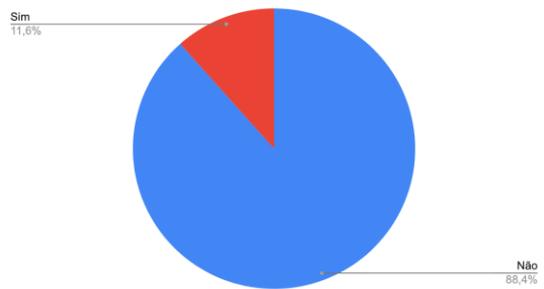


Gráfico 22. Conhece a praceta?

Conhece a freguesia onde se situa a Praceta Arquiteto José Lamosa?

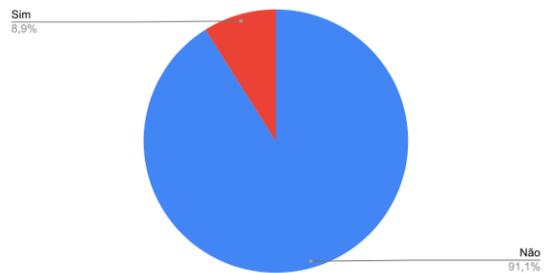


Gráfico 23. Conhece a freguesia?

6. José Tarroso Gomes

Sabe quem foi? [José Tarroso Gomes]

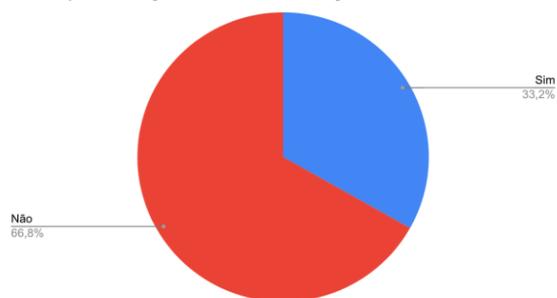


Gráfico 24. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [José Tarroso Gomes]

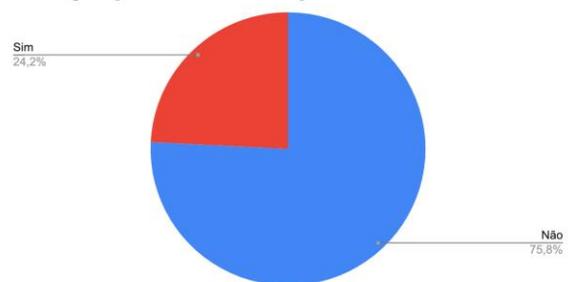


Gráfico 25. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Dr. José Tarroso Gomes?

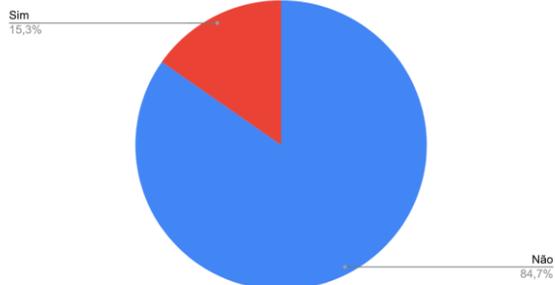


Gráfico 26. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Dr. José Tarroso Gomes?

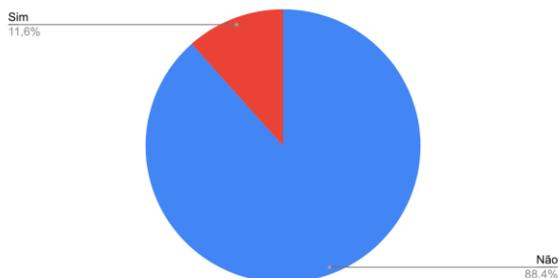


Gráfico 27. Conhece a freguesia?

7. Luís Soares Barbosa

Sabe quem foi? [Luís Soares Barbosa]

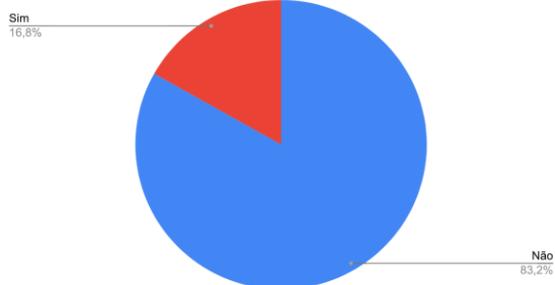


Gráfico 28. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Luís Soares Barbosa]

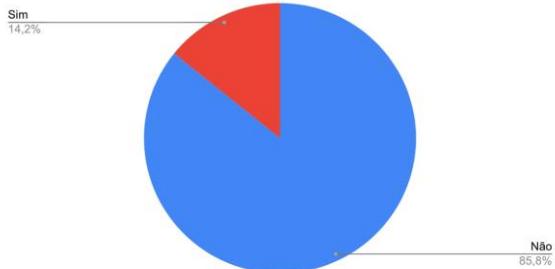


Gráfico 29. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Luís Soares Barbosa?

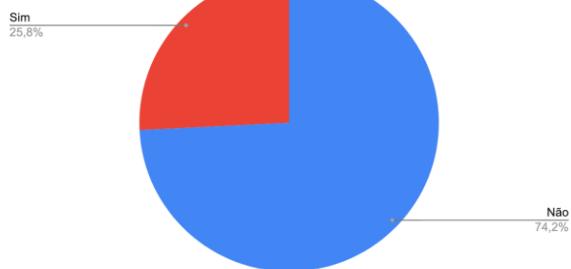


Gráfico 30. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Luís Soares Barbosa?

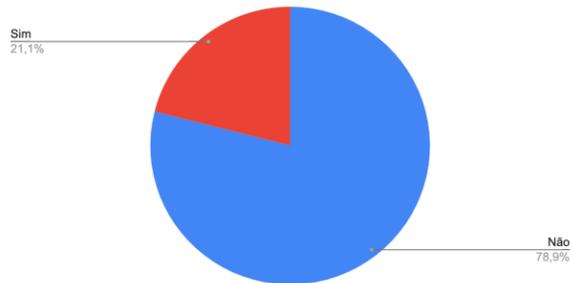


Gráfico 31. Conhece a freguesia?

8. Marcelino Sá Pires

Sabe quem foi? [Marcelino Sá Pires]

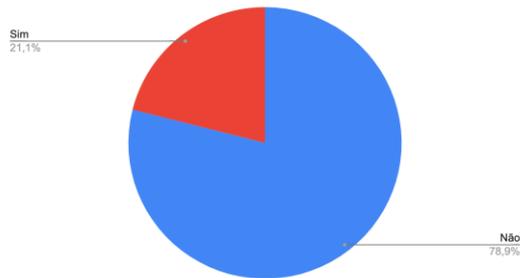


Gráfico 32. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Marcelino Sá Pires]

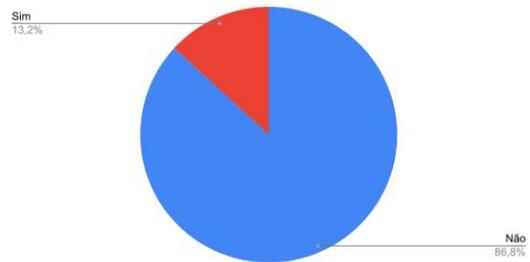


Gráfico 33. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Marcelino Sá Pires?

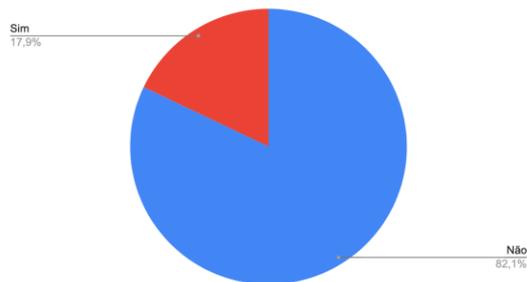


Gráfico 34. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Marcelino Sá Pires?

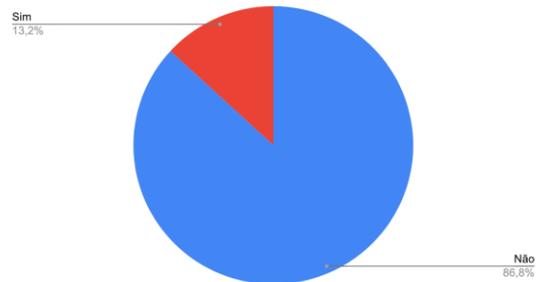


Gráfico 35. Conhece a freguesia?

9. Maria Ondina Braga

Sabe quem foi? [Maria Ondina Braga]

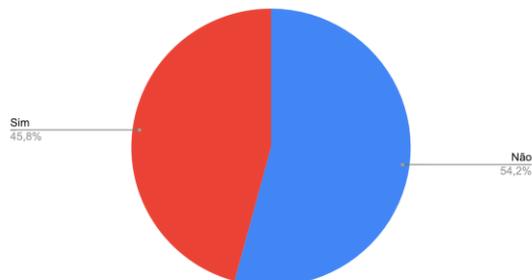


Gráfico 36. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Maria Ondina Braga]

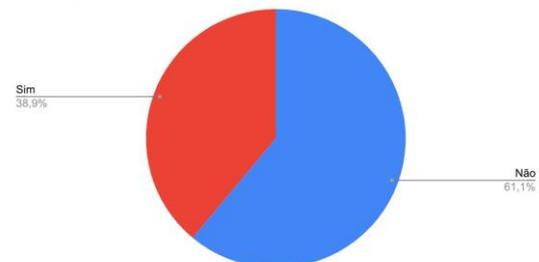


Gráfico 37. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Maria Ondina Braga?

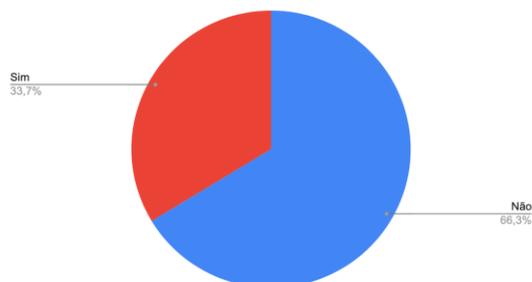


Gráfico 38. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Maria Ondina Braga?

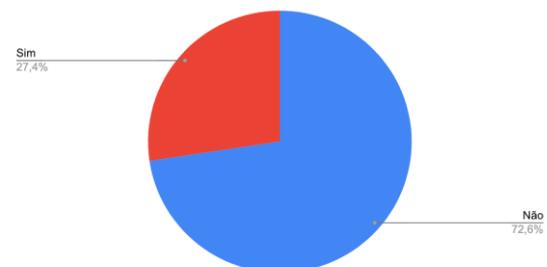


Gráfico 39. Conhece a freguesia?

10. Mota Leite

Sabe quem foi? [Mota Leite]

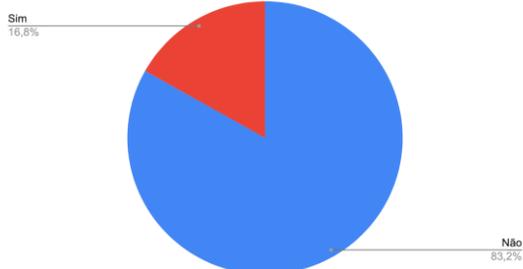


Gráfico 40. Sabe quem foi?

Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? [Mota Leite]

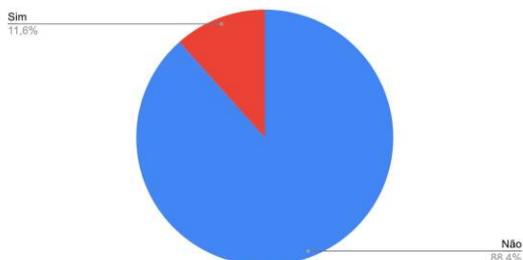


Gráfico 41. Conhece o contributo ou importância??

Conhece a Rua Professor Mota Leite?

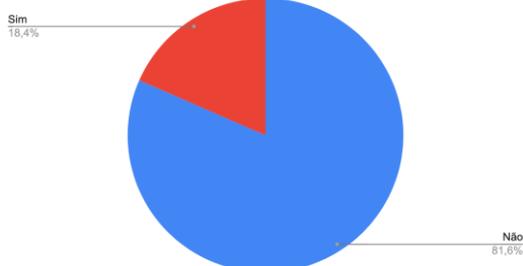


Gráfico 42. Conhece a rua?

Conhece a freguesia onde se situa a Rua Professor Mota Leite?

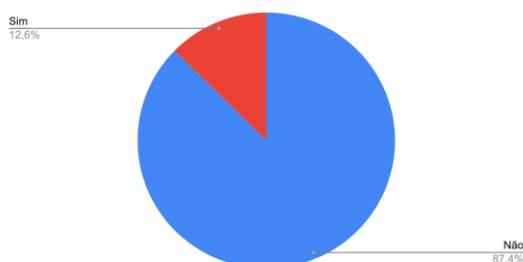


Gráfico 43. Conhece a freguesia?

A análise da toponímia contemporânea de Braga revela um reconhecimento limitado por parte dos seus habitantes. A maioria desconhece as personalidades que nomeiam as ruas e a sua relevância para a cidade, indicando uma possível lacuna na educação e divulgação local. Por exemplo, mais de 90% dos inquiridos desconhecem figuras como Augusto Veloso e Cândido Costa Pires. Contudo, há uma maior familiaridade com Maria Ondina Braga (45,8%) e José Tarroso Gomes (33,2%), ainda que estas percentagens evidenciem um significativo desconhecimento.

Esta falta de consciência não só destaca uma desconexão entre os cidadãos e o espaço urbano, mas também sugere uma perda de sentido de pertença e identidade ligados à geografia da cidade. Numa era dominada por tecnologia e globalização, há uma tendência para focar mais no presente e no futuro, negligenciando a importância do passado.

Braga enfrenta o desafio de equilibrar a preservação da sua herança com as demandas contemporâneas. A toponímia serve como um apontamento diário das figuras que influenciaram a cidade, refletindo a história e a cultura local. No entanto, o desconhecimento

generalizado sobre estas personalidades e a localização das ruas indica uma perda de memória coletiva e uma desconexão com a identidade da cidade.

Para revitalizar esta conexão, podem ser consideradas iniciativas educacionais e culturais, bem como projetos que utilizem a fotografia para unir passado e presente. É crucial não apenas honrar a história local, mas também inspirar futuras gerações, promovendo uma compreensão mais profunda da identidade bracarense. Futuras investigações poderiam explorar maneiras de aprimorar o conhecimento público sobre a toponímia, talvez através de placas informativas ou exposições, celebrando assim as histórias que moldaram Braga.

3.3. Significação, estética e materialidade

No âmago da toponímia encontra-se o significado. Em Braga, os topónimos servem como reflexos de figuras e acontecimentos notáveis na história local. No entanto, conforme apontado por (Neto, 2011), muitos desses nomes perderam o seu significado original ao longo do tempo, transformando-se em meros identificadores geográficos para as gerações contemporâneas. A autora enfatiza a importância de um esforço conjunto da comunidade e das autoridades locais para revitalizar o significado e a memória embutidos nesses nomes, evitando que se tornem vazios de conteúdo de memória (Neto, 2011).

A complexidade da significação dos topónimos envolve uma interação de história, cultura, geografia e, frequentemente, política, “...sempre que os nomes dados aos objetos comunicam qualquer informação, isto é, sempre que têm qualquer significado, esse significado não reside no que designam, mas no que conotam. Os únicos nomes de objetos que nada conotam são os nomes próprios; estes não têm nenhuma significação. (...), embora os nomes próprios não tenham significado isoladamente, «conotarão» muito se se aplicarem num contexto específico a uma pessoa ou lugar particulares” (Ullmann, 1987). Portanto, é vital preservar e promover a riqueza conotativa dos topónimos para manter viva a identidade coletiva da comunidade.

A interpretação das frases de Holzer, como a apresentada em "*In a dream you saw a way to survive and you were full of joy, 2022*", e a significação dos topónimos, são profundamente influenciadas pelo contexto e pela perspectiva do observador. Ullmann destaca que, embora possam parecer descontextualizadas isoladamente, podem evocar significados ricos e variados quando inseridas em contextos específicos (Ullmann, 1987).

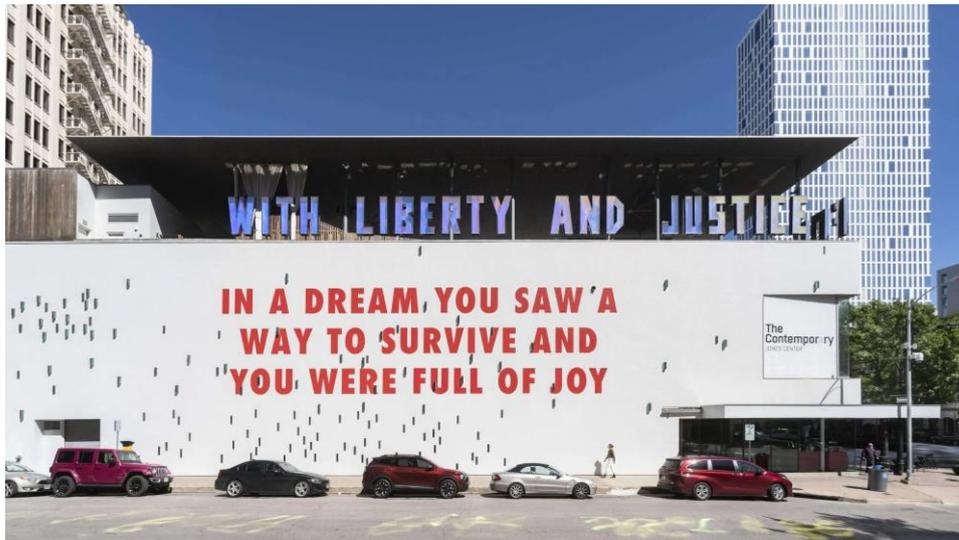


Figura 42 - Fotografia | In a dream you saw a way to survive and you were full of joy | Alex Boeschstein (2022)

Esta ideia ressalta a distinção entre denotação, o significado literal de uma palavra, e conotação, que engloba as nuances emocionais e culturais associadas a ela. Por exemplo, a "Rua de São João" em Braga pode denotar simplesmente um local, mas conota a rica tradição cultural ligada a São João Batista, revelando camadas de memória coletiva e identidade local. A citação de Ullmann destaca a diferença entre denotação e conotação (Ullmann, 1987).

A denotação é o significado literal ou primário de uma palavra, enquanto a conotação refere-se ao significado secundário, emocional ou cultural de uma palavra. Por exemplo, a "Rua de São João" em Braga pode não ter um significado literal específico além de ser o nome de uma rua, mas a conotação pode remeter a São João Batista, um santo importante na tradição cristã e cuja celebração é uma parte significativa da cultura local. Ao explorarmos a essência da significação de topónimos, estamos na verdade a descobrir camadas sobrepostas de memória coletiva e identidade local.

Os topónimos vão além de simples rótulos geográficos, servindo como reflexos do património cultural e histórico de uma região, criando uma tapeçaria complexa de narrativas que interligam passado e presente. O trabalho do fotógrafo Camilo José Vergara ilustra isso, documentando as transformações urbanas nos EUA e demonstrando como os nomes dos locais podem capturar e refletir as mudanças históricas e culturais de uma área através da fotografia (Vergara, et al., 2014).

Em Braga, constatou-se que muitos dos nomes são frequentemente desconhecidos ou pouco compreendidos pela população atual. Isso sublinha a necessidade de uma educação e consciência contínuas para preservar o legado e a importância desses nomes para as futuras gerações. “Durante o século XX acentuou-se um processo que se iniciara com o liberalismo, a partir de meados do século XIX: a atribuição, às artérias, de nomes de personalidades ilustres, heróis ou acontecimentos relevantes da História nacional, que não tinham muitas vezes relação direta com o local. O crescimento das cidades e vilas levou também à necessidade de completar a antiga toponímia, que foi perdendo significado” (Pinto, 2016).

O crescimento das cidades e a atribuição de novos nomes a lugares na periferia ou em áreas urbanas novas pode levar a uma desconexão entre o nome e o lugar. Isso pode criar uma estética de desconexão, onde os nomes de lugares perdem seu significado original e tornam-se apenas rótulos sem sentido. Esse crescimento dos espaços originou, também, muitas intervenções motivadas em nome da sensibilidade estética. À medida que as cidades se expandem e novos bairros são desenvolvidos, há uma oportunidade de criar uma estética e uma narrativa particular para esses espaços através da escolha dos nomes de lugares.

“A cidade não é uma coisa. Ela reconhece-se simultaneamente como real e representacional, como texto e como contexto, como ética e como estética, como espaço e como tempo, socialmente vividos e (re)construídos” (Fortuna, 1997). A estética na toponímia desempenha um papel vital na forma como percebemos e nos relacionamos com os espaços urbanos. Para Fortuna, a identidade de uma cidade é uma construção complexa que envolve múltiplos fatores e dimensões, e não pode ser reduzida apenas ao que a cidade faz, produz ou onde está localizada (Fortuna, 1997). “A cidade não é, ou não é apenas, aquilo que faz ou produz, nem a sua identidade depende da sua localização, para passar também a ser aquilo que parece, representa e oferece aos nossos sentidos” (Fortuna, 1997).



Figura 43 - Fotografia | Palatine Road, Stoke Newington Road, 13:09pm – 13:21pm | Chris Dorley-Brown, (2014)

Na série "The Corners", Chris Dorley-Brown utiliza uma técnica de composição digital para capturar a complexidade da vida urbana em interseções de ruas de Londres, criando imagens que são simultaneamente representações artísticas e reflexos da realidade urbana. Essas imagens, que fundem múltiplas fotografias tiradas no mesmo local em um curto período, revelam a multifacetada interação entre pessoas, veículos e edifícios, oferecendo uma visão esteticamente rica e complexa da cidade.

De acordo com (Fernandes, 2012), a qualidade dos espaços públicos relaciona-se com a estética, o uso e a estrutura do espaço, sendo a estética definida por “elementos que estimulam os sentidos principalmente os visuais. Relaciona-se à experiência sensorial visual, à estética formal e simbólica, à percepção. São relevantes os elementos arquitetônicos das edificações, espaços públicos urbanos e a relação estética entre eles” (Fernandes, 2012).

A apresentação visual de um nome, seja através de placas ou inscrições, não apenas facilita a orientação, mas também potencializa a experiência sensorial de um lugar, incentivando uma conexão mais profunda com o espaço e as narrativas que o nome do lugar carrega.



Figura 44 - Fotografia | Paraisópolis | Tuca Vieira (2004)

O fotógrafo brasileiro Tuca Vieira capturou a disparidade económica de São Paulo na sua famosa fotografia da Paraisópolis favela ao lado de um bairro rico (Vieira, 2021). A imagem mostra uma grande mansão no bairro de Morumbi, separada apenas por uma parede da favela de Paraisópolis, densamente povoada. A fotografia tornou-se um ícone da desigualdade urbana no Brasil e em todo o mundo. Esta imagem não apenas documenta a realidade física dos espaços urbanos, mas também provoca uma reflexão profunda sobre as histórias e as desigualdades subjacentes que moldam esses espaços.

Georg Simmel publicou três ensaios sobre a arte, a estética e a sua relação com a cidade, dedicados a três cidades históricas italianas (Simmel, et al., 2018).

“Entre os numerosos aspetos que Simmel traz à nossa compreensão com estes três ensaios – “Roma. Uma análise estética” (de 1898); “Florença” (de 1906) e “Veneza” (de 1907) – ressalta a escolha da cidade como objeto estético, em vez de qualquer outro objeto artístico clássico, como um monumento, uma escultura, uma pintura ou uma música (Simmel, et al., 2018). Pode dizer-se que esta escolha é consentânea com a própria filosofia simmeliana, que atribui ao espírito da cidade e à dimensão urbana um estatuto singular, arquetípico da excecional riqueza e complexidade da vida humana” (Fortuna, 2010).

Simmel, portanto, considera a cidade não apenas como um espaço físico, mas também como uma entidade estética e espiritual, refletindo a complexidade da experiência humana.



Figura 45 - Fotografia Série | Humans of New York | Brandon Stanton (2010)

A série "Humans of New York" de Brandon Stanton é uma boa referência visual para completar a observação de Simmel. Stanton capta retratos de pessoas nas ruas de Nova York, acompanhados de pequenas entrevistas ou histórias que fornecem um vislumbre das vidas individuais de seus sujeitos. A série não apenas documenta a diversidade física e cultural da população da cidade, mas também reflete a complexidade da experiência humana na cidade, mostrando as alegrias, tristezas, desafios e triunfos de seus habitantes. Dessa forma, a série transforma a cidade de um espaço físico em uma entidade estética e espiritual, representada pelas histórias e emoções de seus habitantes.

Embora possa parecer abstrato, os nomes dos lugares muitas vezes carregam uma "cor" ou "atmosfera" associada. Alguns topónimos podem ser percebidos como "quentes", "frios", "alegres" ou "sombrios" com base nas imagens, memórias e emoções que evocam.



Figura 46 - Fotolivro | House Hunting | Todd Hido (2001)

Na série "House Hunting", Todd Hido captura a atmosfera única de casas suburbanas noturnas, transmitindo uma dualidade de familiaridade e inquietude através da iluminação suave e cores saturadas (Hido, 2019). As imagens, que evocam sentimentos de solidão e melancolia, demonstram que os lugares possuem uma "cor" ou "atmosfera" distintas, moldadas por memórias e emoções associadas.

A estética toponímica, que vai além da mera designação de locais, explora como os nomes dos lugares se entrelaçam com a nossa percepção sensorial e emocional, enriquecendo culturalmente uma região. Em Braga, essa estética é vital para a identidade da cidade, servindo como uma conexão silenciosa entre o passado e o presente, o tangível e o intangível, e é influenciada pelo ambiente físico que acompanha os topónimos, criando harmonia ou dissonância, dependendo das características da área.

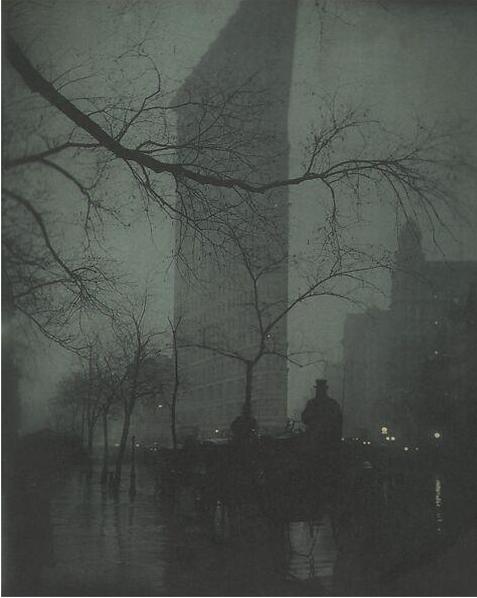


Figura 47 - Fotografia | Flatiron | Edward J. Steichen (1904)

A fotografia "The Flatiron" de Edward Steichen, tirada em 1904, não só documenta a estrutura arquitetônica do edifício Flatiron em Nova York, mas também encapsula a atmosfera da cidade naquele período, servindo como uma ligação silenciosa entre o passado e o presente, e contribuindo para a identidade da cidade.

Kevin Lynch, em "A Imagem da Cidade", destaca a complexidade da estrutura urbana, que se desdobra em cinco componentes cruciais: limites, vias, cruzamentos e elementos marcantes, que facilitam uma compreensão contínua e uma "fotografia mental" da cidade (Lynch, 1982). Este processo vai além da simples identificação dos componentes urbanos, incentivando uma análise profunda que revela as camadas mais intrincadas do espaço, que possui uma natureza fluida e se desvela continuamente, mesmo sem a nossa interação direta. Esta análise permite descobrir novas interpretações e desvendar a complexidade subjacente da cidade.



Figura 48 - Fotografia | Rhine II | Andreas Gursky (1999)

A fotografia "Rhine II" (1999) de Andreas Gursky, é uma representação altamente estilizada e digitalmente manipulada do rio Reno (Gursky, 1983). À primeira vista, a imagem parece ser uma representação simples e direta do rio, mas ao examiná-la mais de perto, torna-se evidente que Gursky removeu digitalmente edifícios, pessoas e outros elementos da cena, criando uma visão idealizada e abstrata do espaço (Gursky, 1983).

Esta imagem desafia a nossa percepção do espaço e da realidade, revelando as camadas mais profundas de interpretação e significado que podem ser encontradas quando analisamos um espaço de maneira mais profunda e crítica.

“A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas [...]. [...] Todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações” (Lynch, 1982).



Figura 49 - Fotografia | Red Star Express | Gregory Crewdson (2018-2019)

O trabalho fotográfico de Gregory Crewdson ressoa com a perspectiva de Kevin Lynch sobre a complexidade da cidade (Crewdson, 2021). Crewdson é conhecido pelas suas imagens cinematográficas e meticulosamente orquestradas que retratam o quotidiano americano com um toque surreal e frequentemente perturbador (Crewdson, 2021).

As suas obras, que muitas vezes revelam uma reviravolta estranha em cenas suburbanas banais, não apenas ilustram a alienação e a estranheza da vida urbana contemporânea, mas também exploram a complexidade profunda das nossas interações com os espaços urbanos que habitamos. As imagens de Crewdson são ricas em memórias, significados e emoções subentendidas, demonstrando a multifacetada experiência urbana (Crewdson, 2021).

No âmbito da toponímia, o conceito de materialidade explora a manifestação física e tangível de nomes de lugares, muitas vezes derivados de histórias e tradições, e como essas materializações influenciam nossa percepção e experiência desses locais.

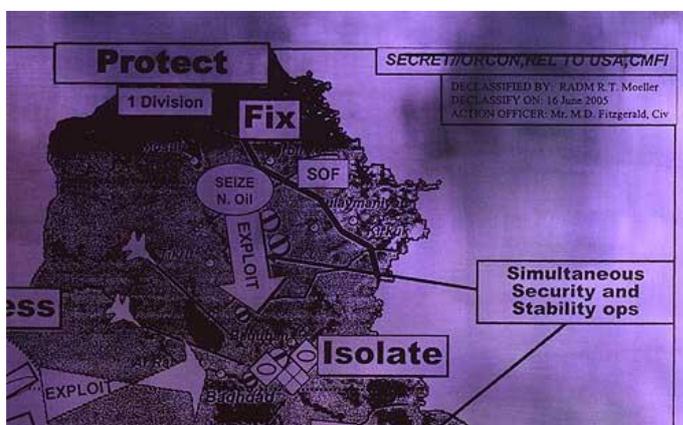


Figura 50 - Mapa | Protect deep purple | Jenny Holzer (2007)

A obra "Protect Protect" de Jenny Holzer, que apresenta um mapa militar do Iraque, exemplifica como a estética e a materialidade de um objeto podem alterar nossa percepção de um espaço. Holzer enriquece o mapa com camadas de significado, utilizando cor, texto e material, modificando assim a nossa interpretação inicial do espaço representado. A adição de palavras como "Protect" e "Exploit" sugere estratégias militares, instigando reflexões sobre as consequências políticas e sociais da invasão do Iraque em 2003.

Esta obra destaca como elementos como a tipografia, cor e design das placas de rua e sinalizações, que são manifestações evidentes de materialidade na toponímia, podem influenciar nossa percepção dos lugares que representam. Em Braga, o regulamento municipal sobre a ocupação do espaço público com mobiliário urbano demonstra como esses elementos físicos, inclusive temporários ou sazonais, afetam a experiência coletiva do espaço público da cidade.

“As placas toponímicas são um importante instrumento, que tira partido da tipografia, para que o sujeito, num dado local, possa identificar e reconhecer o espaço envolvente e se situar no mundo, reconstruindo mentalmente o espaço (Umbelino, 2013) e a partir daí encontrar o caminho para um determinado local (Arthur, 1992).

A importância memorial das placas toponímicas espalhadas pela cidade é incontestável, pois nelas está refletido o ritmo de uma era, sua ideologia e aspirações. Inicialmente, surgiram para orientar a circulação em áreas urbanas em crescimento, atendendo à necessidade de guiar um número crescente de visitantes. Com o tempo, a instalação de placas honoríficas nas fachadas tornou-se uma prática comum, homenageando indivíduos notáveis e cultivando um apreço pela cidade e a sua história.

Essas placas evoluíram, apresentando variedade em termos de design, material e inscrições, influenciadas por fatores como disponibilidade de recursos e preferências estéticas da época. Além do seu papel memorial e prático, servem como elementos ornamentais nos locais onde são instaladas.

“A expressividade de toponímia, através do uso consistente de uma família tipográfica e dos elementos de composição num dado conjunto de placas toponímicas, confere uma identidade visual ou uma personalidade a uma determinada zona, servindo de ponto de referência ao observador” (Baines, 2003) (Félix, 2013).



Figura 51 - Mapa | Metro de Nova Iorque | New York Transit Museum Collection (1972)

A expressividade visual é um aspeto crucial que influencia como interpretamos e reagimos a uma imagem ou objeto. No caso do mapa do metro de Nova Iorque, Massimo Vignelli, designer gráfico, projetou o seu sistema de sinalização para o metro na década de 1970. A expressividade visual foi cuidadosamente considerada para maximizar a clareza e a funcionalidade. Vignelli apelida a sua criação de “diagrama” em vez de “mapa”, porque para ele, o propósito do mapa do metro não é mostrar a geografia exata, mas sim ajudar as pessoas a ir de um ponto a outro da maneira mais fácil possível. Esta escolha de design não só facilitou a orientação dos passageiros, mas também conferiu uma identidade visual distintiva ao metro de Nova Iorque.

“Of course, I know Central Park is rectangular and not square. Of course, I know the park is green, and not gray. Who cares? You want to go from Point A to Point B, period. The only thing you are interested in is the spaghetti.” (Vignelli, 2014).

Mapas, antigos e modernos, são registos tangíveis da toponímia regional, contextualizando-a geograficamente através de aspetos como tipografia e destaque. As placas toponímicas, além de orientar e honrar figuras e eventos históricos, adornam o espaço urbano, demonstrando a complexidade da materialidade urbana, um tema central neste

projeto de mestrado, que também incluiu uma análise prática das placas toponímicas da cidade

Os topónimos, integrados à arquitetura urbana e associados à arte pública, não apenas representam histórias ou pessoas, mas também oferecem uma experiência concreta, destacando a interação entre a materialidade e a toponímia na moldagem do ambiente e cultura circundantes.

Em Braga, a toponímia materializa-se além das placas de rua, manifestando-se em arte pública e aplicações digitais que celebram a herança da cidade, servindo como uma conexão tangível entre o nome abstrato e o espaço concreto, solidificando sua importância como guardião da memória e identidade cultural da cidade. Através de observação direta, foram recolhidos dados para perceber e estudar a significação, estética e materialidade das ruas da cidade de Braga, através do uso de fotografias realizadas no plano visto da rua, fotografias feitas aéreas feitas com drone e vídeos com registo áudio para tornar a experiência mais sensorial. Foram também utilizados mapas da cidade para ajudar à construção de um mapa neural através da conjugação das dez ruas que completam o projeto.

3.4. A linha que se afasta e a fotografia que aproxima

Em qualquer estudo sobre toponímia e espaço urbano, torna-se imperativo examinar as formas através das quais as pessoas se relacionam com seu ambiente e como certos elementos podem tanto distanciar quanto aproximar os indivíduos da história e cultura de um lugar. Neste contexto, abordaremos a dualidade entre "a linha que se afasta" e "a fotografia que aproxima" e exploraremos a interação entre estes dois conceitos no âmbito da toponímia de Braga.

A "linha que se afasta" simboliza a crescente desconexão entre os habitantes e a rica história encapsulada nos topónimos da cidade de Braga. Este fenómeno pode ser visto como uma representação da passagem do tempo, onde a evolução da cidade e da sociedade leva a uma diluição da conexão direta que as pessoas têm com a história da cidade, refletida nos nomes das ruas.

No entanto, a fotografia emerge como uma ferramenta poderosa para mitigar essa distância, capturando e imortalizando espaços, tornando-os mais familiares e íntimos. Através

deste meio, é possível contextualizar os espaços urbanos, facilitando uma reaproximação e uma reinterpretação do património toponímico da cidade.

O trabalho de George Steinmetz, "New York from Above", serve como uma analogia pertinente para esta discussão (Steinmetz, 2015). A série oferece uma visão aérea de Nova York, proporcionando uma perspectiva fascinante, mas ao mesmo tempo distante e abstrata da cidade, onde muitos detalhes significativos e contextuais são perdidos. Esta perspectiva aérea pode ser comparada à forma como as novas gerações podem perceber os topónimos, uma visão que, embora informativa, perde a riqueza de detalhes e a conexão tangível que uma perspectiva mais próxima pode oferecer (Steinmetz, 2015).

A "linha que se afasta" e o trabalho de Steinmetz, embora diferentes na sua natureza e escopo, ambos ilustram a natureza mutável e, muitas vezes, diluída da nossa conexão com o passado e o presente (Steinmetz, 2015). À medida que o tempo passa, nossa perspectiva muda, e o que antes era imediatamente relevante e significativo pode começar a parecer mais distante e abstrato.

Novas gerações podem não reconhecer o significado original ou a importância de um determinado nome de rua, e a história corre o risco de se tornar algo distante e abstrato. mundo está a começar a ver à distância certas homenagens.

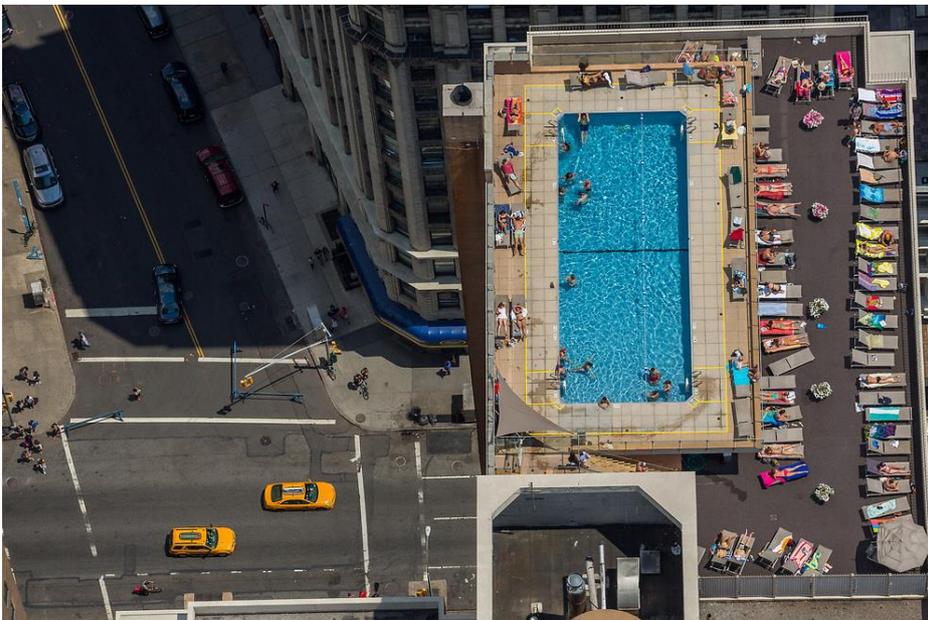


Figura 52 - Fotografia | Rooftop pool at the 300 Mercer Street Building | Steinmetz (2014)

Este fenómeno pode ser atribuído a várias causas: a velocidade da vida moderna e a omnipresença da globalização, que muitas vezes atenuam a ligação única dos habitantes com sua cidade, a migração e a diversidade populacional, que podem criar uma lacuna entre os novos residentes e as narrativas tradicionais da cidade e a falta de educação e consciência sobre a profundidade histórica dos topónimos, levando a um desconhecimento ou desinteresse sobre a riqueza histórica embutida nos nomes de ruas e lugares.

Por outro lado, temos a "fotografia que aproxima". A fotografia, enquanto meio de comunicação, tem a capacidade de capturar, preservar e reavivar momentos, pessoas e lugares. O fotógrafo japonês Daido Moriyama, famoso pelas suas imagens intensas e granuladas a preto e branco, exemplifica esse conceito através do seu trabalho "Shinjuku". Moriyama foca no distrito de Shinjuku em Tóquio, um local que ele fotografou frequentemente ao longo da sua carreira (Moriyama, 2014). Ele é conhecido por capturar cenas quotidianas nas ruas de Shinjuku, destacando detalhes diários que muitas vezes são ignorados, mas que são vitais para compreender a vida e a cultura da área. As suas imagens, que são cruas e autênticas, aproximam-nos da verdadeira essência do local e dos seus habitantes, permitindo-nos conectar com a realidade vivida por eles, mesmo que nunca tenhamos visitado o lugar.



Figura 53 - Fotografia | Shinjuku | Daido Moriyama (2001-2002)

Na toponímia, a fotografia atua como um elo vital entre o passado e o presente, preservando aspetos que poderiam ser esquecidos. Documentando elementos como placas toponímicas e a vida diária em Braga, cria-se um arquivo visual que aproxima as pessoas da história da cidade, humanizando-a e tornando-a tangível. Este meio poderoso pode conectar indivíduos à verdadeira essência dos espaços urbanos.

Frequentemente, fotografias conseguem encapsular a essência de uma era ou evento, oferecendo às futuras gerações uma janela para o passado. Elas podem evocar emoções intensas e criar uma ligação íntima com o observador, incentivando uma compreensão mais profunda da cultura e história locais.

No contexto de Braga, a relação entre os habitantes e visitantes com os nomes das ruas demonstra a interação destes dois conceitos. A passagem do tempo pode distanciá-los do significado original dos topónimos, mas a documentação visual pode reconectá-los às histórias por trás desses nomes. Esta dualidade também é evidente na natureza da toponímia, onde os nomes antigos ganham novos contextos e significados através da perspetiva contemporânea capturada em fotografias, adaptando-se ao tempo presente.

Ao analisar a dualidade entre o distanciamento temporal e a aproximação proporcionada pela fotografia, percebemos que a toponímia de Braga vai além de meros nomes em placas, transformando-se em entidades dinâmicas que evoluem e interagem com o tempo e a comunidade, mantendo um diálogo constante com a memória coletiva.

CAPITULO 4: PROJETO PRÁTICO FOTOGRÁFICO: EXPLORAÇÃO, PROCESSO E RESULTADOS

4.1 Evolução e Multimodalidade do Projeto

O projeto "Fotoponímia" nasce da intersecção entre a fotografia e a toponímia, dois campos aparentemente distintos, mas que, quando entrelaçados, oferecem uma nova perspectiva sobre a nossa relação com o espaço urbano. A expressão "Fotoponímia", cunhada para este projeto, reflete uma abordagem inovadora que combina a documentação fotográfica com a análise da evolução dos nomes de lugares ao longo do tempo. Esta abordagem não apenas revitaliza a prática fotográfica, fornecendo-lhe um contexto histórico e cultural, mas também aprofunda a nossa compreensão da toponímia, dando destaque a nomes de lugares que geralmente são ignorados no dia a dia. O projeto visa não só analisar a toponímia contemporânea de Braga, mas também entender como a população local se relaciona com as recentes homenagens toponímicas, utilizando a fotografia como uma ferramenta para revelar o visível e o utilizado. A fase inicial do projeto envolveu a criação de critérios rigorosos para a seleção de topónimos e a solicitação de participação online de descendentes de indivíduos homenageados nos nomes de lugares de Braga, resultando numa lista preliminar de trinta nomes.



Figura 54 - Fotografia | A cidade de Braga em 2023, sobreposta com o mapa atual do município | Daniel Camacho (2023)

Este projeto visa não apenas destacar os topónimos de Braga através da fotografia, mas também criar um arquivo visual que preserve e transmita a cultura e história local. Ele procura preencher uma lacuna significativa na nossa compreensão de como o passado é valorizado e recordado atualmente.

A escolha final de dez topónimos foi baseada em critérios múltiplos: garantir uma ampla representatividade geográfica que abrangesse várias freguesias e áreas centrais e periféricas da cidade; focar em áreas geralmente reconhecidas pelo público, seja por sua estética urbana ou por serem locais comuns de trânsito; e incluir topónimos ligados a indivíduos de diversos campos de atuação, promovendo assim uma variedade de contribuições culturais e sociais no estudo.

O projeto tinha uma missão dupla: preservação e conexão. A primeira dimensão, de preservação, focava nas placas toponímicas, objetos simples, mas repletos de significado, servindo como marcadores tangíveis da história de Braga. Elas imortalizam na pedra os nomes daqueles que tiveram um impacto significativo na cidade, assegurando que suas realizações e identidades resistam ao teste do tempo e sejam lembradas pelas futuras gerações.

A segunda dimensão, de conexão, envolvia os descendentes dos homenageados. Cada descendente é um elo vivo com o passado, uma personificação da continuidade entre as gerações. Ficou assim decidido, como inevitável, fotografar os descendentes. Ao fotografar os descendentes, o projeto não só procurava documentar a sua existência, mas também explorar as formas como a memória dos seus antepassados é refletida nas suas próprias vidas. Cada fotografia é, assim, uma janela para o passado, mas também um espelho do presente. Logo, a contextualização narrativa do retrato explorou várias hipóteses como a rua, a placa, a relação familiar através de um objeto, a ocupação de um espaço do passado do personagem.



Figura 55 - Fotografia | Vasco Veloso, neto de Augusto Veloso, | Daniel Camacho (2022)



Figura 56 – Fotografia | Descendentes de Cândido Costa Pires | Daniel Camacho (2022)



Figura 57 - Fotografia | Ana Guimarães, neta de Egídio Guimarães. | Daniel Camacho (2022)



Figura 58 - Fotografia | Francisca Ribeiro, neta de Félix Ribeiro | Daniel Camacho (2022).



Figura 59 - Fotografia | Luís Soares Barbosa, filho de Luís Soares Barbosa | Daniel Camacho (2022)



Figura 60 - Fotografia | Filhos e netos de Marcelino Sá Pires. | Daniel Camacho (2022)



Figura 61 - Fotografia | Familiares de Maria Ondina Braga. | Daniel Camacho (2022)



Figura 62 - Fotografia | Jorge Mota Leite filho de Joaquim Mota Leite | Daniel Camacho (2022)

Ao unir estas duas dimensões, o projeto "Fotoponímia" procurava criar um diálogo entre o passado e o presente, entre a memória coletiva da cidade e as memórias individuais dos seus habitantes. Este diálogo é essencial para entender a multifacetada identidade urbana da cidade. No entanto, o curso do projeto teve que ser ajustado devido a uma série de obstáculos práticos e conceptuais encontrados durante a implementação.

Inicialmente, o plano era fotografar os descendentes nos locais associados aos seus antepassados, mas isso se mostrou problemático. Em primeiro lugar, manter uma coerência estética era desafiador, dado que cada local possuía características únicas de ambiente e iluminação, e a conexão entre os descendentes e os espaços nem sempre era evidente, podendo confundir o público e enfraquecer a mensagem do projeto.

Além disso, surgiram desafios logísticos, especialmente na coordenação das sessões fotográficas, uma vez que alinhar a disponibilidade dos descendentes com a dos espaços se tornou uma tarefa complexa e demorada. Alguns locais estavam inacessíveis ou apresentavam restrições, limitando as possibilidades para as fotos. Todavia, foram realizados vários retratos tendo alguns uma relação contextual do descendente com o personagem em análise toponímica.

A revisão do conceito inicial do projeto resultou numa alteração substancial na sua implementação. Optar por não focar nos descendentes proporcionou uma maior flexibilidade criativa e a opção de investigar novas perspetivas visuais e conceptuais.

Uma inovação significativa foi a introdução de fotografias aéreas capturadas por drone, que ofereceram uma visão única da arquitetura e do layout das ruas. Durante a edição, vários elementos adjacentes às ruas foram excluídos, focando apenas na própria rua, gerando imagens abstratas e artísticas que ressaltavam a estrutura e o desenho das vias. Os segmentos removidos foram então utilizados para formar imagens distintas, funcionando como peças de um quebra-cabeça.

Partindo do princípio que uma rua é sempre um espaço de vivências particulares, interconectado com o espaço envolvente, com a proximidade/distância de um monumento, com uma prática de usabilidade por prazer ou por necessidade, com a sua relação com o nome, com o seu estado de conservação e uso público e que integra uma instrução de percurso como se fosse um dado essencial num roteiro de um mapa mental (para além do mapa real), cada rua ocupa uma imagem espacial no nosso cérebro. Ao juntarmos fotografias de ruas que não estão, de facto, juntas na estrutura real da cidade, numa rede de

circunvoluções que imita o tecido neurológico, criamos, a partir das dez ruas escolhidas, um mapa fotográfico de um percurso mental articulado que não existe.

Além das imagens de drone, o projeto também incluiu vídeos de um minuto, feitos de drone em plano estático, com ligeiros movimentos de passagem. Estes vídeos, que pareciam fotografias em movimento, foram acompanhados de áudio para criar uma atmosfera envolvente e adicionar uma dimensão sensorial ao projeto.

Outro objetivo importante no projeto incidu na fotografia das placas toponímicas. Estas placas, feitas de diferentes materiais como mármore, pedra ou metal, foram fotografadas com elementos urbanos que faziam parte do espaço onde estavam inseridas. Isso criou um contraste entre o nome na placa e o ambiente circundante, e adicionou uma camada de complexidade às imagens.

No seu conjunto, estas mudanças permitiram criar um projeto mais rico e multifacetado, que explora a relação entre a toponímia contemporânea de Braga e a paisagem urbana de uma forma inovadora e envolvente. Ao focar na forma e na estrutura das ruas, e ao adicionar elementos audiovisuais, o projeto ofereceu uma nova perspetiva sobre a cidade e as formas como a sua história é preservada e transformada ao longo do tempo.

4.2. Dez Nomes, dez espaços: Uma Análise Toponímica de Braga

Neste subcapítulo, iremos mergulhar profundamente na análise de dez ruas específicas de Braga, escolhidas criteriosamente para representar a diversidade e a riqueza da toponímia contemporânea da cidade. Cada uma dessas ruas tem uma história única, refletida no nome que carrega e na homenagem que presta a uma figura particular. Ao explorar a história e a importância de cada uma dessas ruas, não apenas lançamos luz sobre o passado de Braga, mas também sobre a forma como esse passado é lembrado e incorporado na paisagem urbana contemporânea. Este subcapítulo, portanto, serve como uma exploração detalhada da interseção entre espaço, memória e identidade na cidade de Braga.

Estas três freguesias representam 32,4% da população total da cidade de Braga, o que as torna altamente representativas da população da cidade como um todo e histórica e geograficamente, são extremamente interessantes para explorar o conceito do projeto. Isto porque na realidade são representativas de vários tempos e espaços. Se por um lado a freguesia de São Victor, está profundamente ligada à história da própria cidade de Braga, sendo a maior e a mais populosa das freguesias de Braga, abrange muito do crescimento da cidade nos últimos anos. Por outro lado, temos a União das Freguesias de São Lázaro e São João do Souto que se torna particularmente relevante por várias razões. Primeiro, a sua localização central e a densidade populacional fazem dela um microcosmo da cidade de Braga como um todo. Segundo, a rica mistura de arquitetura histórica e moderna oferece oportunidades para explorar a relação entre a toponímia e a paisagem urbana. Por outro lado, a União das Freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações é particularmente relevante pela sua localização mais periférica e o desenvolvimento recente oferecem uma perspetiva diferente daquela das áreas urbanas centrais de Braga.

Ao explorar a toponímia destas áreas, o projeto não apenas documenta a evolução da paisagem urbana de Braga, mas também oferece informações sobre como a história, a cultura e o desenvolvimento recente da cidade são refletidos nos nomes das suas ruas e praças.

4.3. Os nomes

Nomes numa cidade são mais que simples designações, são identidades, símbolos e, muitas vezes, heranças que refletem a história e os valores de uma localidade, homenageando figuras significativas que contribuíram para seu desenvolvimento. Eles servem não apenas como pontos de referência, mas também como ferramentas educacionais para as futuras gerações, ajudando a preservar e transmitir a história e cultura de uma cidade.

Neste capítulo, iremos não apenas revisitar o passado, mas também entender o presente e possivelmente, vislumbrar o futuro de Braga. Através da análise das vidas e contribuições de dez indivíduos notáveis, representando uma diversidade de campos como arte, cultura, política e educação, aspiramos não apenas a honrar essas personalidades, mas também a inspirar futuras gerações a enriquecer a sociedade e a cidade de maneiras significativas.

4.3.1. Augusto Veloso

Augusto Veloso, nasceu em 1880 na freguesia de Paçô, no concelho de Arcos de Valdevez e faleceu em Braga em 1951. Foi um comerciante conhecido por ser o fundador da Empresa do Parque da Ponte. Ele não só fundou a empresa, mas também investiu pessoalmente em importantes melhorias, muitas vezes à sua própria custa.

Este compromisso com o desenvolvimento e melhoramento da área reflete a sua dedicação à comunidade e ao bem-estar público. A sua contribuição para a cidade de Braga, especificamente para o Parque da Ponte, é um testemunho do seu empenho e dedicação, o que justifica a sua homenagem através da toponímia da cidade.

4.3.2. Cândido da Costa Pires

Cândido da Costa Pires, nasceu em 1947 em São Paio D'Arcos, Braga, e faleceu em 2001, foi um destacado advogado, educador e ativista social. Após uma formação inicial no Colégio de Montariol e na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, dedicou-se a uma carreira multifacetada, atuando em várias instituições educacionais e governamentais. Além da sua carreira profissional, Pires teve um papel ativo em várias iniciativas sociais e culturais em Braga, incluindo a fundação e dinamização de várias associações locais, promovendo a educação, a reinserção de jovens e o apoio aos idosos. Como advogado, dedicou-se a servir os desprotegidos, e como cidadão, fomentou o debate público e o consenso, demonstrando um compromisso duradouro com a justiça social e o desenvolvimento de sua cidade natal.

4.3.3. Egídio Amorim de Sousa Guimarães

Nasceu na Póvoa de Varzim a 4 de julho de 1914 e faleceu em Braga, no dia 27 de dezembro de 1990. Viveu em Braga, das suas origens familiares, a grande parte da sua vida. Passou, no entanto, a sua infância em Inhambane (Moçambique).

Licenciado em História e Filosofia pela Universidade de Coimbra, fez o curso de Bibliotecário-Arquivista havendo estagiado no Arquivo Nacional de França, em Paris. Em Braga, dirigiu a Biblioteca Pública e, após a criação da Universidade do Minho, passou a técnico superior da mesma, ficando-lhe confiado o Arquivo Distrital.

Esteve ligado, durante mais de vinte anos, à direção da revista de investigação e história “Bracara Augusta”. Durante oito anos esteve-lhe confiado o pelouro da cultura da

Câmara Municipal de Braga e foi sócio fundador da ASPA – Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural.

4.3.4. Félix Augusto Ribeiro

Félix Ribeiro, nasceu em 1927 em Mageu, Lamego e faleceu em 2005, destacou-se como uma figura multifacetada, dedicando-se inicialmente à organização da Biblioteca da Faculdade de Filosofia de Braga e à Revista Portuguesa de Filosofia, além de aprofundar seus conhecimentos na produção de livros em Lisboa e no Cacém. A sua trajetória tomou um rumo significativo em 1968, quando o seu filho foi diagnosticado com autismo, uma condição pouco compreendida em Portugal naquela época. Movido por uma determinação incansável, Félix foi fundamental na criação da Associação Portuguesa de Pais de Crianças Autistas (APPACDM) em Lisboa e, posteriormente, estabeleceu uma delegação em Braga com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. A sua dedicação incansável deixou um legado duradouro, marcado pelo apoio a crianças com deficiências mentais, beneficiando inúmeras famílias até hoje.

4.3.5. José Augusto Lamosa

Natural de São Victor, Braga, onde nasceu em 9 de fevereiro de 1935 e faleceu em 27 de fevereiro de 1987. José Augusto Veloso Lamosa, arquiteto, cursou na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi Professor do Liceu Sá de Miranda e da Escola Carlos Amarante. Foi Arquiteto do Ministério da Agricultura e Pescas e trabalhou também nas instalações da Universidade do Minho.

Em conjunto com António Coutinhas, elaborou o projeto da residência universitária de Santa Tecla da Universidade do Minho. Fez vários projetos para moradias nesta cidade.

4.3.6. José Tarroso Gomes

Natural de Arcos de Valdevez, nasceu a 31 de maio de 1922 e faleceu a 30 de abril de 2004. Após residir em várias localidades do Minho, estabeleceu-se em Braga em meados do século passado e frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra, onde se licenciou.

Participou ativamente na política, sendo membro dos Democratas de Braga, que se opunham ao Estado Novo fascista. Viveu com entusiasmo a Revolução dos Cravos e o período subsequente. Embora não gostasse de estar no centro das atenções, desempenhou várias funções importantes: foi membro da Ordem dos Advogados, da Assembleia Municipal de

Braga, da Associação Jurídica de Braga, e fundador da cooperativa Novos Pioneiros. Além disso, colaborou regularmente com o jornal Notícias dos Arcos, partilhando parte da obra escrita pelo seu avô, o jornalista, escritor e solicitador José Cândido Gomes.

A comunidade jurídica homenageou-o no seu 80º aniversário, e a cidade de Braga atribuiu o seu nome a uma rua, reconhecendo o seu papel como cidadão bracarense distinto e advogado que se destacou na luta contra a ditadura de Salazar, defendendo os direitos humanos e a participação cívica.

4.3.7. Luís Soares Barbosa

Nasceu em 1881 e faleceu em 1959. Foi um entalhador e enxamlador bracarense, fundador da Casa Soares Barbosa em 1890. Luís Soares Barbosa passou três anos em França, entre janeiro de 1906 e outubro de 1909, onde se especializou e adquiriu grande experiência, recomendado pelo escultor António Teixeira Lopes e pelo Visconde de Pindela.

Após voltar a Portugal, Luís Soares Barbosa estabeleceu-se na Avenida Central, onde ainda residem seus descendentes. Em 1928, tinha 51 empregados e criou uma notável mobília de sala estilo Luís XV, considerada um tesouro nacional. A Sociedade Nacional de Belas Artes iniciou uma subscrição pública para adquiri-la.

Barbosa, uma figura significativa em Braga e na arte portuguesa, dedicou-se à preservação e promoção da tradição do mobiliário português, deixando um legado duradouro através das suas criações e do negócio que fundou.

A sua história está entrelaçada com a de Braga, especialmente através da sua conexão com o Café A Brasileira, uma instituição icónica da cidade. As mesas que decoram o café, centro de encontros culturais por gerações, foram feitas por Barbosa, marcando sua presença tangível e duradoura na cidade.

4.3.8. José Marcelino Sousa de Sá Pires

Nasceu em Aldreu, Barcelos, em 22 de junho de 1906 e faleceu a 1 de julho de 1982. Foi uma figura notável na comunidade de Braga, tanto pela sua dedicação ao serviço público quanto pelo seu compromisso com o bem-estar social da comunidade. Este notável membro da comunidade de Braga destacou-se pelo seu serviço público e contribuições ao bem-estar social local. Após a formação em Filosofia e Teologia, lecionou em São Paio d'Arcos e, em 1948, mudou-se para São Lázaro, Braga, iniciando uma carreira no Ministério do Trabalho até 1976.

Além da carreira profissional, envolveu-se ativamente em iniciativas sociais e religiosas, inclusive contribuindo significativamente para a vida musical da paróquia local. Em 1966, doou uma vasta área de terreno para o desenvolvimento da Igreja de São Lázaro. A sua dedicação multifacetada à comunidade justifica plenamente a sua homenagem na toponímia de Braga.

4.3.9. Maria Ondina Braga

Nasceu a 13 de janeiro de 1932 em Braga, onde viria a falecer a 14 de março de 2003. Uma figura multifacetada e talentosa na literatura portuguesa contemporânea. Deixou a sua cidade natal nos anos 50 para estudar línguas em Paris e Londres. Licenciou-se em Literatura Inglesa pela Royal Asiatic Society of Arts e trabalhou como enfermeira enquanto continuava os seus estudos em França e Inglaterra. A sua carreira como professora levou-a a lugares distantes como Angola, Goa e Macau antes de regressar a Portugal em 1964.

Além de ser professora, Maria Ondina Braga também foi tradutora, traduzindo obras de autores notáveis como Erskine Caldwell, Graham Greene e Bertrand Russell. A sua colaboração em várias publicações periódicas, incluindo o Diário de Notícias, Diário Popular, A Capital, demonstra a sua versatilidade e dedicação à literatura.

Embora a sua bibliografia inclua poesia e crónicas de viagem, Maria Ondina Braga é mais conhecida como ficcionista, sendo considerada um dos grandes nomes femininos da narrativa portuguesa contemporânea. A sua vida e obra são um testemunho da sua paixão pela literatura, pela educação e pela sua cidade natal.

4.3.10. Joaquim da Mota Leite

Professor Mota Leite nasceu em 1900 e faleceu em 1981. Foi um etnógrafo e folclorista dedicado que continuou o trabalho do Prof. Dr. Gonçalo Sampaio, dando nome ao Grupo Folclórico que representa a cidade. Ele dedicou parte de sua vida à recolha, propaganda e estudo das manifestações folclóricas do Minho, uma região no norte de Portugal.

Mota Leite fez um inventário dos diversos trajes genuínos da região e realizou diversos trabalhos sobre etnografia de alto valor cultural. Seu trabalho foi fundamental para preservar e promover a cultura tradicional do Minho.

Em reconhecimento ao seu trabalho e contribuição para a cultura da cidade, em 30 de outubro de 1981, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito da Cidade. Este é um prémio que reconhece indivíduos que fizeram contribuições significativas para a comunidade.

4.4. Os espaços

A cidade é um organismo vivo, composta por uma miríade de elementos que, juntos, formam o puzzle urbano. Estes elementos, sejam eles naturais ou construídos, são as peças que compõem a cidade, cada uma com a sua função, a sua estética e a sua história.

Neste capítulo, vamos explorar os diferentes tipos de elementos físicos que compõem o espaço urbano de Braga, analisando as suas formas, funções e inter-relações.

Neste capítulo, vamos analisar os diferentes tipos de elementos físicos presentes no espaço urbano de Braga, desde as suas ruas e praças até aos seus edifícios e monumentos. Vamos identificar alguns desses elementos, e a forma como interagem entre si e com o espaço circundante, contribuindo para a construção para a identidade da cidade.

4.4.1. Rua Augusto Veloso



Figura 65 - Fotografia | Rua Augusto Veloso, (Edital 23/89), Braga | Daniel Camacho (2023)

A rua próxima ao Parque da Ponte em Braga homenageia Augusto Veloso, figura central na revitalização desse espaço significativo da cidade, originado da expropriação da Quinta da Mitra em 1911. O nome do parque é derivado da antiga ponte medieval sobre o Rio Este, uma rota vital para Guimarães, cujas pedras foram reaproveitadas na atual travessia. A nomeação da rua representa um reconhecimento do empenho e contribuição de Veloso na renovação de uma área vital da cidade.

No entanto, os resultados da pesquisa revelam uma notável falta de consciência pública sobre Veloso e o seu legado, muitos desconhecendo sua importância histórica para a cidade. Apesar da proximidade com o conhecido Altice Forum Braga, muitos não conseguem localizar a rua Augusto Veloso geograficamente, indicando uma desconexão significativa entre os residentes e a nomenclatura das ruas na área urbana bem desenvolvida.

4.4.2. Praça Cândido Costa Pires



Figura 66 - Fotografia | Praça Doutor Cândido Costa Pires (edital 128/2002), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Praça Dr. Cândido Costa Pires, localizada no centro de Braga, serve como um elo entre o passado e o presente, homenageando uma figura histórica significativa da cidade. No entanto, muitos residentes e visitantes passam por este local sem perceber a rica história que encapsula, indicando uma desconexão crescente entre os cidadãos e as homenagens toponímicas espalhadas pela cidade. Este fenómeno destaca a necessidade de uma estratégia mais consciente e integrada para promover essas homenagens, incentivando uma conexão mais profunda com o património cultural de Braga.

Surpreendentemente, uma grande parte dos inquiridos não conseguiu identificar a localização da praça, apesar de muitos conhecerem a famosa discoteca Sardinha Biba, situada nesse mesmo local. Este fato ressalta uma desconexão peculiar onde, embora os espaços sejam reconhecidos, os nomes históricos que os designam são amplamente ignorados.

A falta de uma ligação clara entre a homenagem toponímica e o espaço físico que representa pode estar a contribuir para a falta de conhecimento generalizado, indicando a necessidade de estabelecer conexões mais tangíveis e significativas para fomentar um sentido de comunidade e continuidade histórica.

4.4.3. Rua Doutor Egídio Guimarães



Figura 67 - Fotografia | Rua Doutor Egídio Guimarães (edital140/95), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Rua Doutor Egídio Guimarães é mais um exemplo proeminente de uma desconexão palpável entre a homenagem toponímica e o espaço físico que a rodeia. Nesta rua, destaca-se notavelmente o edifício da Primavera Software, uma estrutura que se tornou um marco na cidade de Braga, tanto pela sua arquitetura distinta quanto pela reputação da empresa que alberga. Este edifício, com uma estética moderna e inovadora, contrasta vivamente com a arquitetura tradicional da cidade, servindo como um símbolo da evolução e do crescimento contínuo de Braga.

No entanto, apesar da notoriedade do edifício e da empresa, existe uma desconexão evidente entre a homenagem toponímica e o espaço físico. A maioria das pessoas pode identificar o edifício e a empresa, mas poucos estão cientes da história e do legado do Doutor Egídio Guimarães, a figura que dá nome à rua. Este facto realça uma oportunidade perdida de criar uma ligação mais profunda e significativa entre o espaço e a história que ele pretende honrar.

4.4.4. Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro

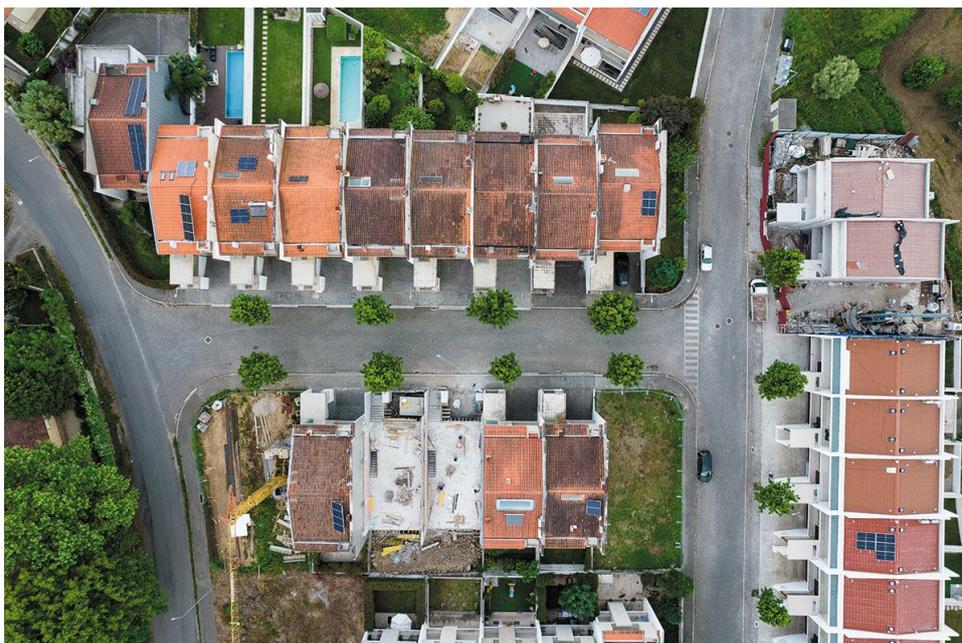


Figura 68 - Fotografia | Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro (edital 109/2006), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro em Braga exemplifica uma conexão bem-sucedida entre homenagem toponímica e espaço físico, refletindo de forma coerente a história local. Dr. Félix Ribeiro, uma personalidade marcante na comunidade, fundou a delegação distrital da APPACDM em 1974, deixando um legado duradouro. O Complexo de Fraião, próximo à rua nomeada em sua homenagem, não só atesta suas contribuições significativas, mas continua a ressoar o seu impacto através de iniciativas e programas atuais.

A nomeação da rua, que se seguiu à construção do complexo, serve como uma homenagem ponderada e consciente, perpetuando a memória e as realizações de um homem dedicado ao serviço comunitário. Este gesto vai além de uma simples formalidade, funcionando como uma celebração contínua de seu legado, incentivando o reconhecimento da sua influência significativa nas gerações futuras. Desta forma, a rua destaca-se como um modelo de toponímia eficaz, fomentando uma compreensão mais profunda e rica da história de Braga.

4.4.5. Praceta Arquiteto José Lamosa



Figura 69 - Fotografia | Praceta José Lamosa (sem edital), Braga | Daniel Camacho (2023)

A homenagem toponímica à Praceta Arquiteto José Lamosa em Braga estabelece uma ligação tangível e significativa com a história e o desenvolvimento urbanístico local, honrando o legado do arquiteto José Lamosa. Desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da infraestrutura educacional da cidade, sendo uma das mentes criativas por trás do projeto da Residência Universitária de Santa Tecla, a primeira da Universidade do Minho, marcando um ponto crucial na evolução da educação superior na região.

A sua proximidade com a residência universitária é uma homenagem consciente ao seu impacto significativo na expansão da universidade e na moldagem da paisagem urbana de Braga. A Praceta não é apenas uma via urbana, mas um espaço de memória e reconhecimento, onde a comunidade pode contemplar a história da cidade e as personalidades que contribuíram para seu desenvolvimento atual.

4.2.6. Rua Doutor José Tarroso Gomes



Figura 70 - Fotografia | Rua Doutor José Tarroso Gomes (edital 262/2004), Braga | Daniel Camacho (2023)

No caso da Rua Doutor José Tarroso Gomes, a conexão entre a homenagem toponímica e o espaço físico parece ser inexistente, destacando-se como um exemplo onde a nomenclatura não reflete diretamente a história ou a característica do local. A rua, predominantemente residencial, é caracterizada por uma atmosfera tranquila, com edifícios de menor escala que conferem um ar mais intimista e acolhedor ao espaço.

A ausência de uma ligação direta entre a homenagem e o espaço físico pode suscitar reflexões sobre a natureza da toponímia e a sua função na preservação e promoção da história e cultura locais. Neste contexto, embora a toponímia possa muitas vezes servir como uma ferramenta poderosa para conectar o presente com o passado, também pode existir de forma mais autónoma, sem uma ligação evidente com o espaço que denomina.

Esta situação pode, inadvertidamente, criar uma oportunidade para a comunidade local e os visitantes explorarem mais profundamente a história por trás do nome, incentivando a pesquisa e a descoberta sobre quem foi Doutor José Tarroso Gomes e qual o seu papel e legado na história da cidade de Braga.

4.4.7. Rua Luís Soares Barbosa

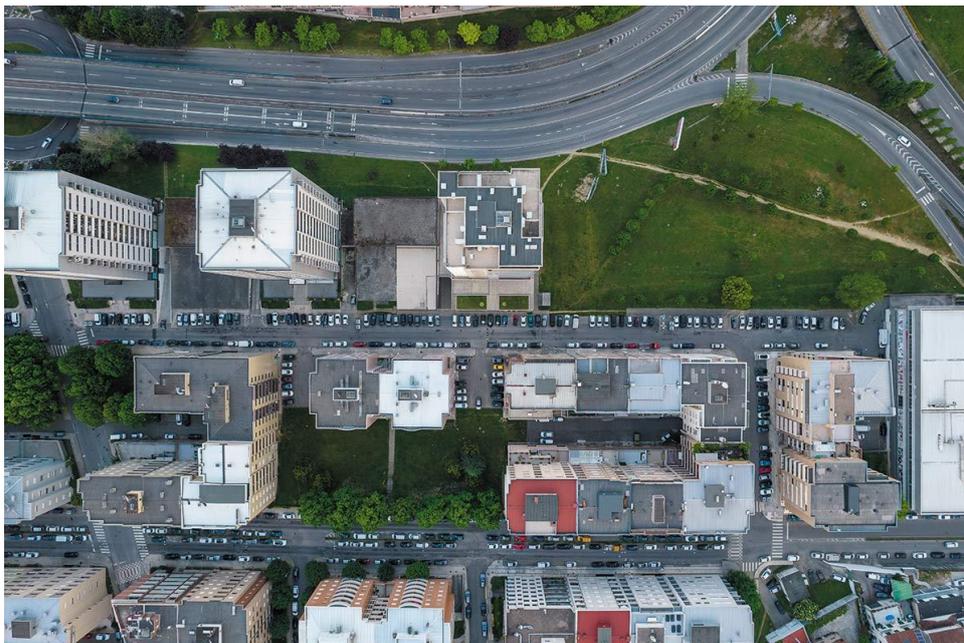


Figura 71 - Fotografia | Rua Luís Soares Barbosa (edital 12/92), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Rua Luís Soares Barbosa, situada próxima ao conhecido Braga Parque, permanece um enigma para muitos moradores de Braga, marcando uma desconexão notável na memória coletiva da cidade. Apesar de sua densidade populacional e presença de edifícios altos, a rua parece existir à margem da consciência pública, não estando plenamente integrada no mapa mental que muitos habitantes têm da cidade. Este fenómeno reflete uma tendência mais ampla de deslocamento da homenagem toponímica para áreas mais periféricas, onde a ligação com a história e cultura local pode ser mais frágil. A falta de conhecimento sobre Luís Soares Barbosa e o seu papel na história de Braga adiciona uma camada de mistério e desapego, possivelmente incentivando uma redescoberta e reavaliação da história da cidade.

4.4.8. Rua Marcelino Sá Pires



Figura 72 - Fotografia | Rua Marcelino Sá Pires (edita152/00), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Rua Marcelino Sá Pires é um exemplo notável de como a generosidade e a visão de um indivíduo podem moldar o desenvolvimento urbano de uma cidade.

Em 1966, Marcelino Sá Pires doou uma vasta área da Quinta do Raio à Câmara Municipal de Braga, facilitando a criação da Igreja de São Lázaro e influenciando significativamente a morfologia urbana atual da região. Surpreendentemente, apesar da centralidade da Rua Marcelino Sá Pires e da proximidade com locais movimentados como o Centro Comercial São Lázaro e a Loja do Cidadão, muitos desconhecem a história e o significado intrínseco do nome da rua.

Marcelino Sá Pires, cujo legado está literalmente entranhado na estrutura da cidade, permanece uma figura relativamente desconhecida para muitos. O seu ato de doação não apenas facilitou o desenvolvimento de infraestruturas importantes, mas também contribuiu para a criação de um espaço urbano que facilita a comunidade e a conexão, características que são essenciais para a vitalidade e o caráter de qualquer cidade.

É uma ironia que, apesar da sua contribuição significativa para a cidade, a história de Marcelino Sá Pires e a sua conexão com a rua que leva o seu nome não sejam amplamente reconhecidas.

4.4.9. Rua Maria Ondina Braga



Figura 73 - Fotografia | Rua Maria Ondina Braga (109/2004), Braga | Daniel Camacho (2023)

Maria Ondina Braga detém uma presença significativa na cultura de Braga, não apenas através da rua nomeada em sua homenagem, mas também através de várias manifestações físicas e simbólicas na cidade. O seu legado vai além da sua obra literária, marcando presença em iniciativas culturais e locais como o Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga e o Espaço Maria Ondina Braga no Museu Nogueira da Silva, que preserva e exhibe seu valioso espólio. Um busto em sua homenagem serve como um elo tangível entre a escritora e a cidade.

A rua que leva o seu nome, embora não tenha uma ligação direta com a sua vida ou obra, é mais uma forma de nos lembrar da sua presença marcante na cultura de Braga.

4.4.10. Rua Professor Mota Leite



Figura 74 - Fotografia | Rua Professor Mota Leite (sem edital), Braga | Daniel Camacho (2023)

A Rua Professor Mota Leite, embora situada numa área geograficamente reconhecida e frequentemente visitada pelos habitantes de Braga, carrega consigo uma certa aura de mistério, principalmente devido ao desconhecimento generalizado sobre a figura que lhe dá nome. A proximidade com a movimentada Rotunda Santos da Cunha e a recente revitalização urbana da área, marcada por edifícios altos e uma densidade populacional crescente, contrasta com a relativa obscuridade que envolve a história e contribuições do Professor Mota Leite.

Mota Leite, uma personalidade que desempenhou um papel significativo na preservação e promoção da cultura tradicional de Braga, especialmente através da sua contribuição para a criação de trajes que agora adornam as exposições no Museu do Traje, parece ter sido relegado às sombras da história. A sua influência e a sua dedicação em preservar a cultura tradicional de Braga através dos trajes que ajudou a criar, são aspetos da sua vida que permanecem largamente desconhecidos para a população em geral.

Esta desconexão entre a homenagem toponímica e o espaço físico da rua, e a falta de conhecimento sobre a vida e obra de Mota Leite, destacam uma oportunidade perdida de enriquecer a narrativa cultural da cidade.

4.5. Placas toponímicas

As placas toponímicas são placas que indicam os nomes de ruas, avenidas, praças, entre outros espaços públicos e que coabitam com inúmeros elementos urbanos e rurais. Elas são uma parte importante da infraestrutura de uma cidade, e fundamentais para a organização e localização na cidade. Além disso, muitas vezes, os nomes dados a esses lugares têm um significado histórico ou cultural, o que ajuda a preservar a memória e a identidade local.

A variedade de placas toponímicas em Braga reflete uma falta de uniformidade na cidade, com diferentes materiais, cores e métodos de afixação utilizados. Isso pode ser devido a várias razões, incluindo a época em que as placas foram instaladas, as autoridades responsáveis pela instalação e as mudanças nas políticas municipais ao longo do tempo.

Por exemplo, a Junta de Freguesia de Nogueira, Fraião e Lamações tomou a iniciativa de renovar e uniformizar as placas de toponímia em 2017, optando por um design simples de fundo azul com letras brancas, que reflete a cor do Município de Braga e a imagem institucional da União de Freguesias. Isso mostra um esforço consciente para melhorar a identificação das vias públicas e criar uma imagem coesa para a freguesia.

No entanto, noutras áreas da cidade, as placas variam consideravelmente. Além disso, a forma como as placas são afixadas também varia, com algumas afixadas em postes de iluminação, outras em paredes de edifícios, e algumas até em rochas ou em cubos de pedra construídos especificamente para esse fim. Algumas placas são emolduradas, enquanto outras não têm moldura. O tipo, tamanho e track-amount da letra usada nas placas também é diferente. Isso pode ser devido a uma variedade de fatores, incluindo a estética desejada, o custo e a durabilidade.

A falta de uniformidade nas placas toponímicas de Braga sugere que pode ser útil para a cidade considerar a implementação de um padrão uniforme para todas as placas toponímicas no futuro. Isso não apenas ajudaria a criar uma imagem mais coesa para a cidade, mas também facilitaria a identificação das vias públicas para residentes e visitantes.

As placas de mármore em Braga são retangulares e representam um dos vários tipos de placas toponímicas encontradas na cidade. O mármore é um material tradicionalmente associado à durabilidade, solenidade e beleza, o que o torna uma escolha apropriada para placas toponímicas em uma cidade histórica e culturalmente rica como Braga.



Figura 75 - Fotografia | Placa toponímica Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga | Daniel Camacho (2022)



Figura 76 - Fotografia | Placa toponímica Rua Professor Mota Leite, Braga | Daniel Camacho (2022)

Estas duas placas encontram-se afixadas em postes erguidos para suportar especificamente as placas e possuem uma moldura à sua volta. A questão da moldura pode ser vista como um elemento de design que adiciona um certo nível de sofisticação ou

importância à placa. Isso pode ser uma decisão consciente para destacar certas áreas ou ruas, ou pode simplesmente ser uma escolha estética.



Figura 77 - Fotografia | Placa toponímica Rua Augusto Veloso, Braga | Daniel Camacho (2022)



Figura 78 - Fotografia | Placa toponímica Rua Luís Soares Barbosa, Braga | Daniel Camacho (2022)

Estas duas placas toponímicas de mármore, encontram-se afixadas em paredes de edifícios. Afixar as placas nas paredes dos edifícios, em vez de em postes separados, pode ajudar a conservar o espaço público, o que pode ser uma consideração importante em áreas com espaço limitado.



Figura 79 - Fotografia | Placa toponímica Praceta Arq. José Lamosa, Braga | Daniel Camacho (2022)

A decisão de colocar uma placa numa rocha pode indicar um desejo de minimizar o impacto no ambiente natural, evitando a necessidade de construir estruturas adicionais. A colocação de uma placa numa rocha pode ter uma estética agradável e natural, que pode ser desejável em certos contextos, como no caso específico desta praceta.

Depois temos também as placas inseridas em chapas retangulares esmaltadas, de fundo azul. Estas quatro placas estão inseridas na União de Freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações, na qual o azul reflete a imagem institucional da união de freguesias.

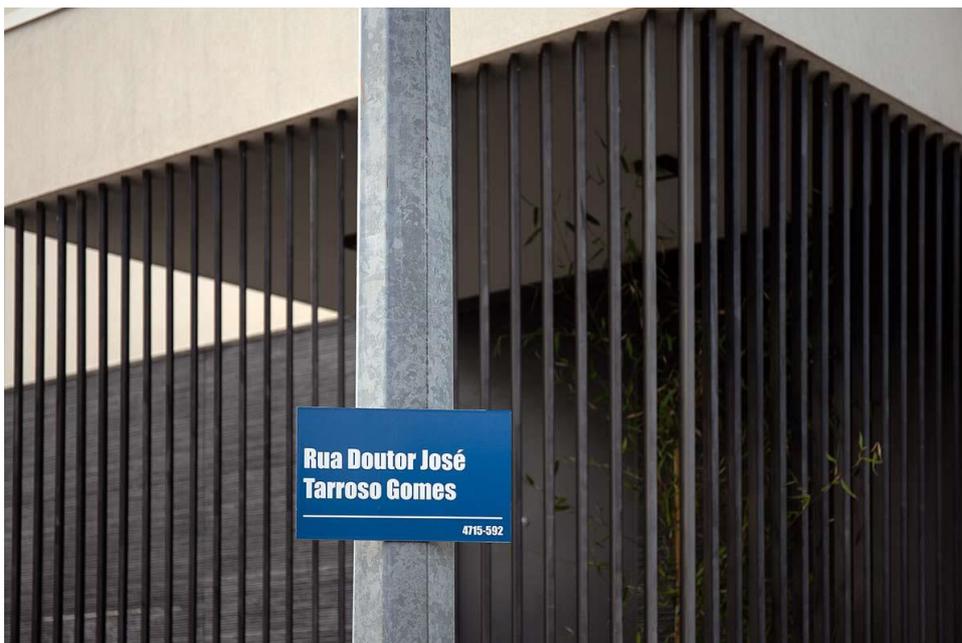


Figura 80 - Fotografia | Placa toponímica Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga | Daniel Camacho (2022)



Figura 81 - Fotografia | Placa toponímica Rua Maria Ondina Braga, Braga | Daniel Camacho (2022)

As placas toponímicas afixadas em postes de iluminação são uma forma comum de sinalização de ruas em muitas cidades. Em Braga, como em muitos outros lugares, os postes de iluminação são uma estrutura urbana omnipresente, o que os torna um local conveniente para afixar placas toponímicas. As placas afixadas em postes de iluminação estão geralmente a uma altura que é facilmente visível para pedestres e motoristas. Utilizar postes de

iluminação existentes evita a necessidade de instalar estruturas adicionais especificamente para as placas toponímicas.



Figura 82 - Fotografia | Placa toponímica Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga | Daniel Camacho (2022)



Figura 83 - Fotografia | Placa toponímica Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga | Daniel Camacho (2022)

Afixar placas toponímicas nas paredes dos edifícios é outra abordagem comum e tem as suas próprias vantagens e desvantagens. Por um lado, as placas afixadas nas paredes dos edifícios são habituais, e fazem parte do imaginário de qualquer habitante local ou turista que procure descobrir um espaço. Por outro lado, pode ser difícil manter a uniformidade na colocação e aparência das placas se estiverem afixadas nas paredes dos edifícios, pois a arquitetura e a disposição dos edifícios podem variar significativamente.



Figura 84 - Fotografia | Placa toponímica Rua Marcelino Sá Pires, Braga | Daniel Camacho (2022)

Por fim, temos o caso da Rua Marcelino Sá Pires, cuja placa toponímica está inserida numa pedra desenhada especificamente para esse fim. Uma estrutura de pedra pode ser esteticamente agradável e complementar a arquitetura e o ambiente circundante. Esta estrutura aumenta a visibilidade da placa, tornando-a mais fácil de ser vista por pedestres e motoristas, dando-lhe destaque.

De acordo com o regulamento do município, “nas placas referentes a antropónimos devem inscrever-se, de forma sumária, as atividades pelas quais os mesmos se tornaram conhecidos e as datas de nascimento e falecimento” (Código Regulamentar do Município de Braga Artigo B-2/13.º). No entanto, todos os exemplos do projeto, mostram que essa informação não se encontra presente nas placas.

Para residentes e visitantes que não estão familiarizados com a pessoa a quem a rua é dedicada, a placa pode fornecer uma breve educação sobre figuras históricas ou culturais importantes da cidade. Essa inclusão de detalhes, poderia ajudar a destacar a importância da pessoa e o motivo pelo qual foi escolhida para dar nome a uma rua. Incluir detalhes sobre a vida e as contribuições da pessoa pode ser visto como uma forma mais completa e respeitosa de homenagem.

4.6. A geometria dos espaços

A estrutura urbana é diversa e complexa, refletindo a história, a topografia e as preferências estéticas de uma região. As ruas, elementos vitais dessa estrutura, possuem características distintas que afetam sua integração e percepção na cidade.

O tamanho e a função de uma rua muitas vezes estão interligados, com ruas menores predominando em áreas residenciais ou históricas e vias maiores facilitando o fluxo de tráfego em áreas centrais. Existem diferentes tipos de ruas: algumas permitem tráfego bidirecional e conectam-se a outras ruas, enquanto outras são becos sem saída, proporcionando ambientes mais tranquilos.

As ruas podem variar em termos de elementos presentes, com algumas oferecendo uma sensação de espaço aberto e outras apresentando uma atmosfera mais acolhedora devido à presença de árvores, edifícios e mobiliário urbano. Além disso, as ruas podem ser categorizadas como centrais ou periféricas, cada uma com características distintas de tráfego e construção.

A geometria das ruas, influenciada pela topografia e pelo planejamento urbano, pode variar entre retas e curvas, contribuindo para a complexidade do espaço urbano e afetando a maneira como as pessoas interagem com a cidade.

No nível do solo, a percepção das pessoas sobre a geometria e os limites das ruas é muitas vezes restrita devido à obstrução de edifícios e vegetação. Fotografias aéreas oferecem uma visão única, revelando padrões e características não perceptíveis do solo, e ajudando a entender melhor a organização e a estrutura do espaço urbano.



Figura 85 - Fotografia | Geometria da Rua Augusto Veloso, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 86 - Fotografia | Geometria da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 87 - Fotografia | Geometria da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 88 - Fotografia | Geometria da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 89 - Fotografia | Geometria da Praceta Arquitecto José Lamosa, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 90 - Fotografia | Geometria da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 91 - Fotografia | Geometria da Rua Luís Soares Barbosa, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 92 - Fotografia | Geometria da Rua Marcelino Sá Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 93 - Fotografia | Geometria da Rua Maria Ondina Braga, Braga | Daniel Camacho (2023)

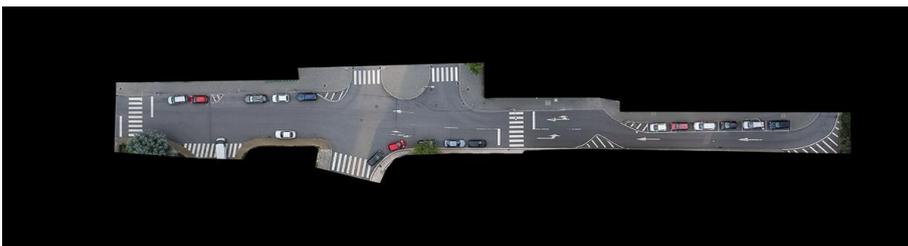


Figura 94 - Fotografia | Geometria da Rua Professor Mata Leite, Braga | Daniel Camacho (2023)

O objetivo desta manipulação de imagem é focar a atenção do espectador na forma pura da rua, despojada de todos os seus contextos e elementos circundantes. Ao fazer isso, lançamos um convite ao espectador, para considerar a rua não apenas como um espaço funcional, mas também como uma forma geométrica distinta. Ao remover o contexto geográfico, está patente também a ideia de considerar o espaço de uma rua de uma maneira mais abstrata ou de, por outro lado, de concretizar, através da leitura visual, uma estrutura abstrata. Sem os pontos de referência habituais, o espectador é forçado a considerar a rua por si só, sem as associações e preconceitos que podem vir com o seu contexto geográfico e urbano. Isso pode levar a uma apreciação mais profunda da rua como um espaço em si, e pode também desencadear uma reflexão sobre o papel e a importância das ruas na organização e na vida da cidade.

A toponímia, está intrinsecamente ligada à forma como percebemos e interagimos com o espaço. Os nomes que damos aos lugares ajudam a dar corpo e identidade aos lugares, tornando-os mais tangíveis. Ao relacionar a toponímia com a geometria dos espaços, existe uma interconexão entre o nome, o espaço físico e a nossa percepção desse mesmo espaço.

Uma placa toponímica é, de certa forma, uma representação física do nome de um lugar, um "corpo" que dá materialidade ao nome. Ao mesmo tempo, a forma geométrica da rua, que é destacada nas imagens manipuladas, é outro tipo de "corpo" que dá materialidade ao espaço. Ao considerar ambos juntos, o espectador é convidado a refletir sobre a relação entre o nome, o espaço e a memória desse espaço.

A manipulação da imagem, mostra que a nossa percepção de um espaço é influenciada pela forma como ele é apresentado e pelo que escolhemos focar ou ignorar.



Figura 95 - Fotografia | Pormenores da Rua Augusto Veloso, Braga | Daniel Camacho (2023)

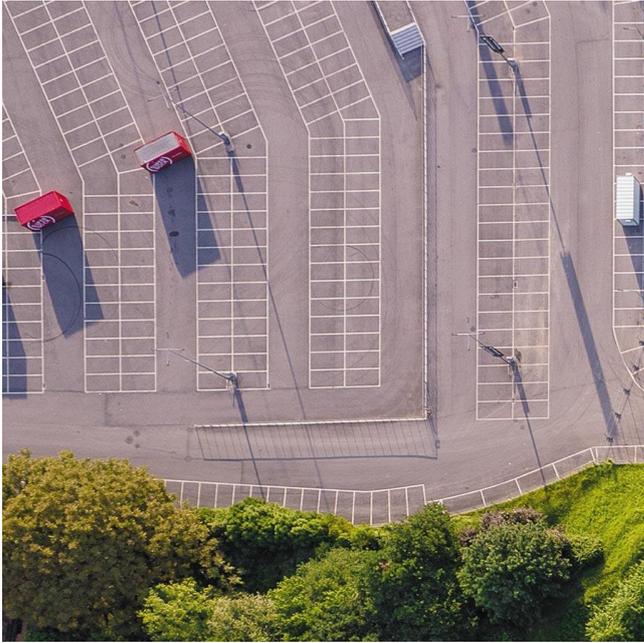


Figura 96 - Fotografia | Pormenores da Rua Augusto Veloso, Braga | Daniel Camacho (2023)

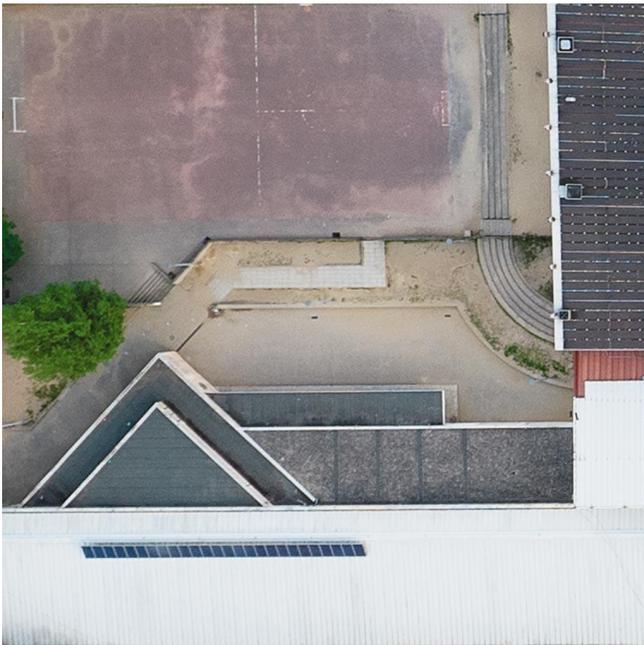


Figura 97 - Fotografia | Pormenores da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 98 - Fotografia | Pormenores da Praça Dr. Cândido Costa Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)

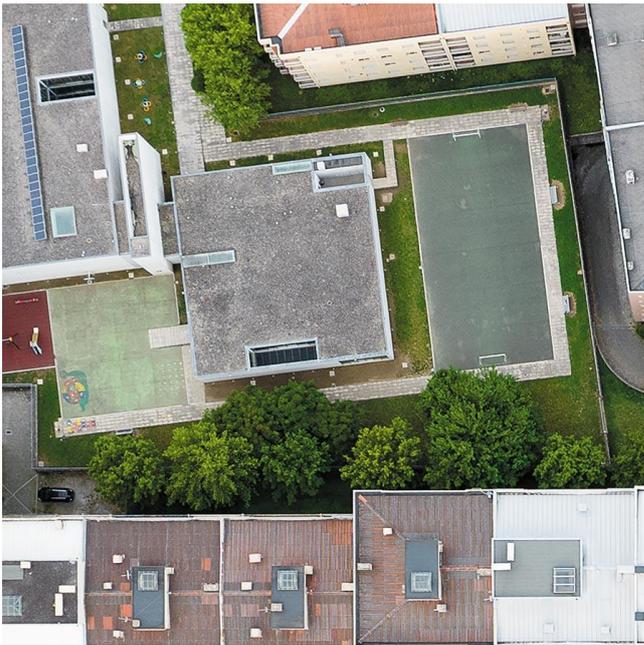


Figura 99 - Fotografia | Pormenores da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga | Daniel Camacho (2023)

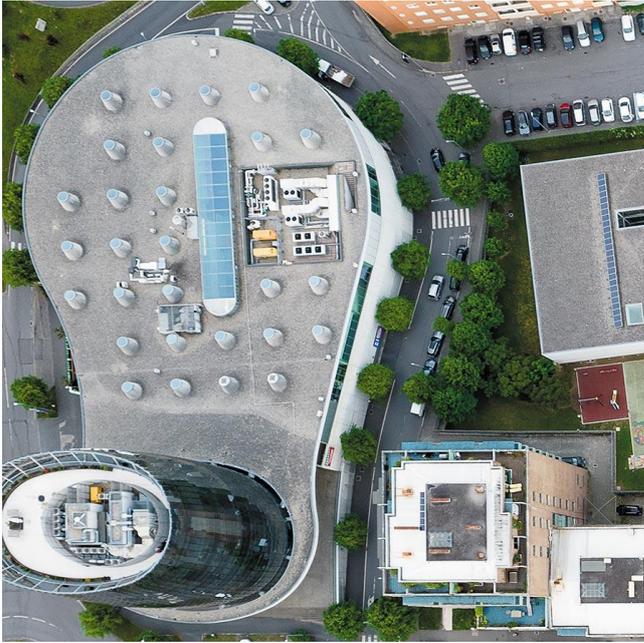


Figura 100 - Fotografia | Pormenores da Rua Doutor Egídio Guimarães, Braga | Daniel Camacho (2023)

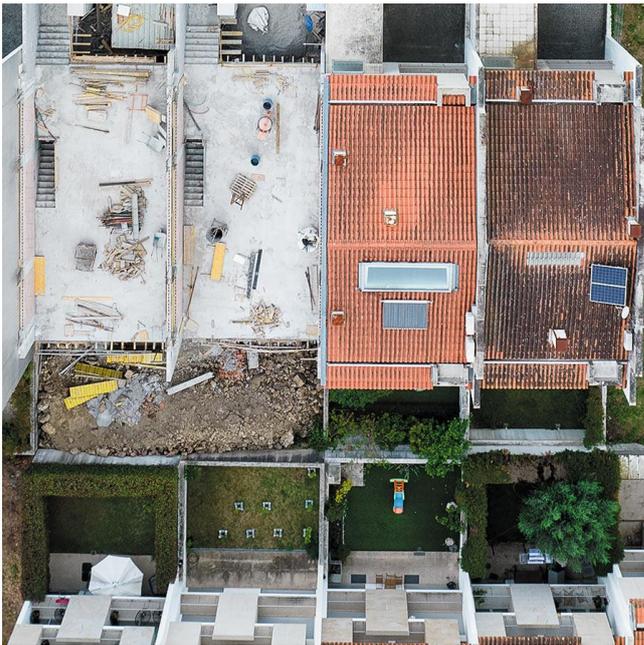


Figura 101 - Fotografia | Pormenores da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 102 - Fotografia | Pormenores da Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro, Braga | Daniel Camacho (2023)

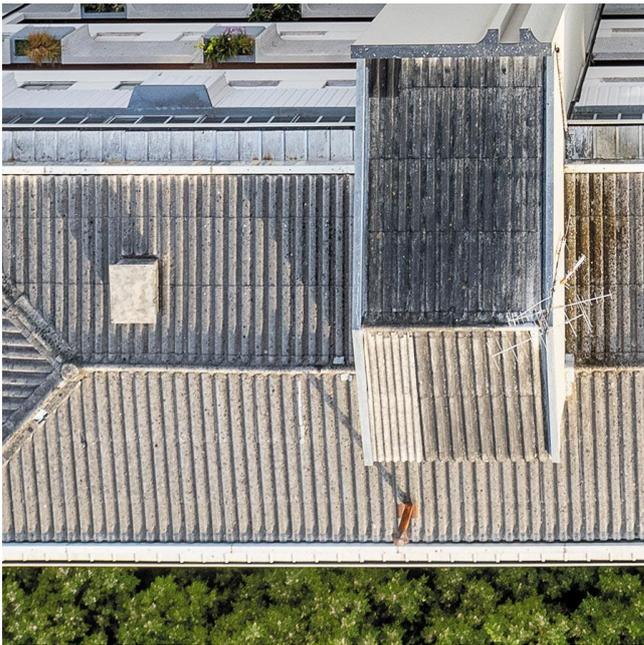


Figura 103 - Fotografia | Pormenores da Praceta Arquiteto José Lamosa, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 104 - Fotografia | Pormenores da Praceta Arquiteto José Lamosa, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 105 - Pormenores da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga | Daniel Camacho (2023)

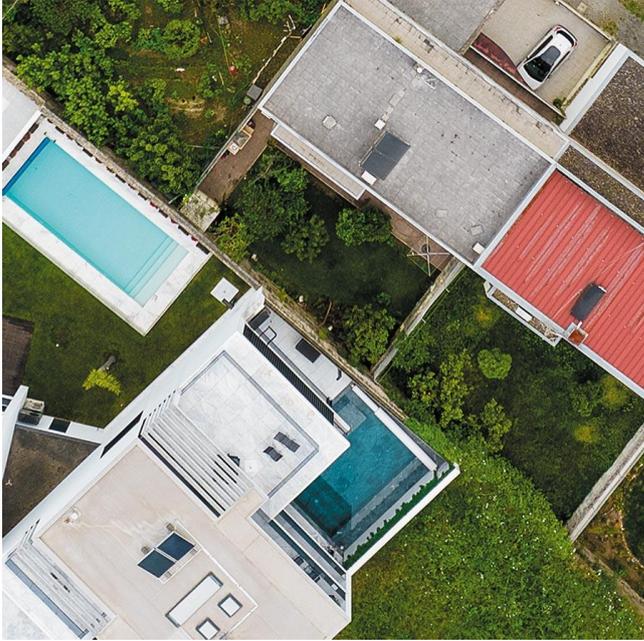


Figura 106 - Pormenores da Rua Doutor José Tarroso Gomes, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 107 - Fotografia | Pormenores da Rua Luís Soares Barbosa, Braga | Daniel Camacho (2023)

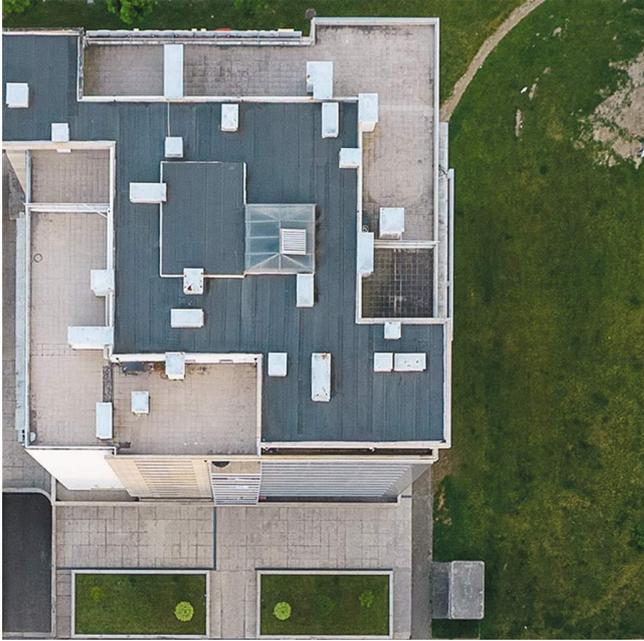


Figura 108 - Fotografia | Pormenores da Rua Luís Soares Barbosa, Braga | Daniel Camacho (2023)

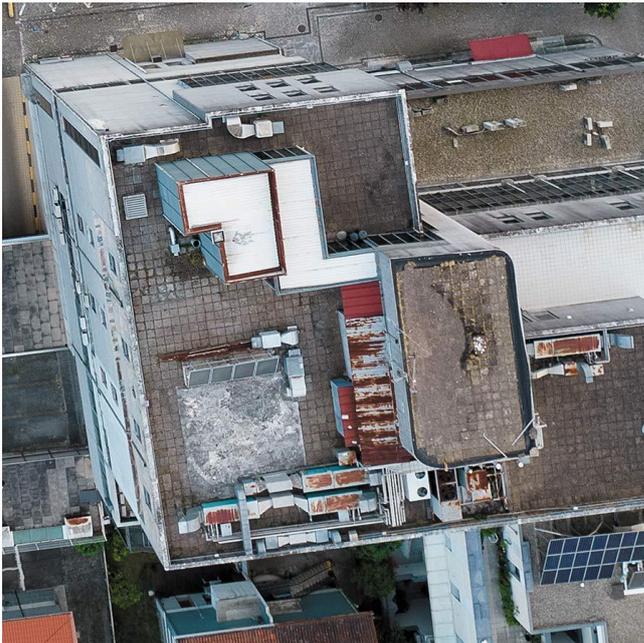


Figura 109 - Fotografia | Pormenores da Rua Marcelino Sá Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 110 - Fotografia | Pormenores da Rua Marcelino Sá Pires, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 111 - Fotografia | Pormenores da Rua Maria Ondina Braga, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 112 - Fotografia | Pormenores da Rua Maria Ondina Braga, Braga | Daniel Camacho (2023)

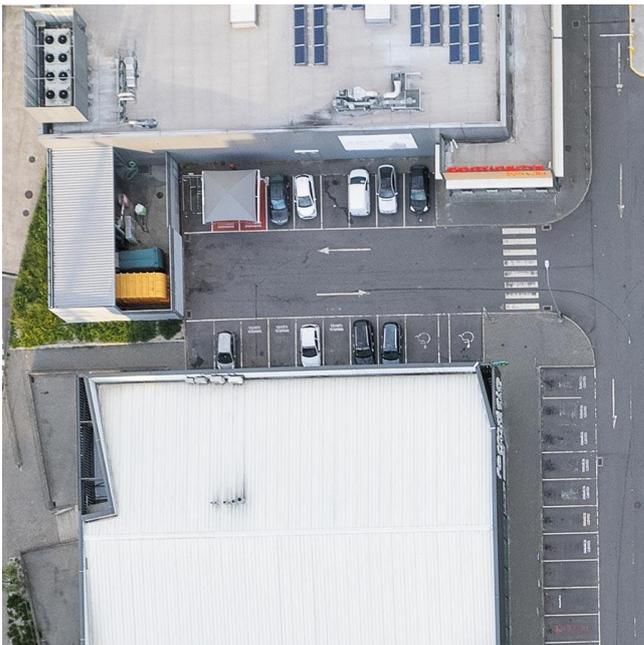


Figura 113 - Fotografia | Pormenores da Rua Professor Mota Leite, Braga | Daniel Camacho (2023)



Figura 114 - Fotografia | Pormenores da Rua Professor Mota Leite, Braga | Daniel Camacho (2023)

A decisão de retirar pedaços de uma imagem ótica, que captou elementos que normalmente não são vistos como sendo porções da própria rua ou que pura e simplesmente não são vistos por quem nela transita, criando peças tipo puzzle, pode ser vista como uma metáfora visual, que apenas a fotografia regista, para a forma como a memória coletiva de uma cidade é construída. Assim como uma rua é composta por vários elementos - edifícios, árvores, sinais, pessoas - que juntos formam um todo, a memória de uma cidade é composta por várias camadas de história, cultura e experiências individuais que, juntas, formam a identidade da cidade.

Ao criar imagens que são, literalmente, peças de um puzzle, o projeto reflete essa natureza fragmentada da memória urbana. Cada peça do puzzle representa um conjunto de elementos da cidade, fragmentos de um possível imaginário. Da mesma forma, cada rua, cada placa toponímica, cada elemento urbano, é uma peça do puzzle que é a memória coletiva de Braga.



Figura 115 - Fotografia | Mapa neural baseado nas dez ruas do projeto | Daniel Camacho (2023)

A criação de um "mapa neural" no projeto, simboliza a interconexão das memórias e associações que formam a identidade de uma cidade.

Num sentido literal, um mapa neural é uma representação visual das conexões entre os neurónios no cérebro. Estas conexões formam uma rede complexa que é responsável por todos os nossos pensamentos, memórias e ações. Ao criar um "mapa neural" das ruas de Braga, existe a sugestão de que a cidade, como o cérebro humano, é um sistema complexo e interconectado de memórias e associações.

Cada rua no "mapa neural" representa um neurónio, e as conexões entre as ruas representam as sinapses entre eles. Assim como os neurónios no cérebro estão interconectados de maneiras complexas e muitas vezes inesperadas, as ruas de Braga estão interconectadas através da história, da cultura e das experiências individuais dos seus habitantes.

Ao unir as dez ruas escolhidas numa única forma, o "mapa neural" sugere que, apesar das suas diferenças aparentes, todas estas ruas, e as pessoas e histórias que elas representam, são parte de uma rede maior de memórias e associações que formam a identidade de Braga.

Manipulando as dez ruas para criar uma única imagem, existe a sugestão, de que a nossa perceção da cidade é, em última análise, uma construção mental. Assim como o nosso cérebro organiza as informações sensoriais que recebemos para criar uma imagem coerente do mundo ao nosso redor, nós organizamos as nossas memórias e associações para criar uma imagem mental da cidade em que vivemos.

Para além de tudo isto, esta manipulação permite perceber o papel da fotografia na construção de sinapses, ou seja, autoestradas de conexão e energia para movimento e ação cognitiva.

4.7. Vídeos

Neste projeto, a componente de vídeo é crucial, proporcionando uma exploração mais profunda e sensorial dos espaços urbanos de Braga. Utilizando drone, os vídeos oferecem uma perspetiva simultaneamente dinâmica e estática da cidade, permitindo uma experiência que vai além da simples visualização.

Os vídeos, com duração de um minuto cada, foram cuidadosamente produzidos para capturar a singularidade de dez locais selecionados. A técnica de planos fixos, que mantém a câmara estática, convida-nos a absorver cada detalhe dos espaços retratados, desafiando as nossas perceções e incentivando uma contemplação mais profunda. O áudio ambiental incorporado nos vídeos enriquece a experiência visual, oferecendo uma dimensão tangível e evocativa que nos transporta para a cidade.

Esta abordagem, que se situa na interseção entre fotografia e vídeo, apresenta uma nova forma de apreciar Braga, capturando não apenas a sua estética, mas também a sua atmosfera. A cidade desdobra-se em camadas diante dos espectadores, convidando-os a uma jornada de descoberta e redescoberta.

Na exposição final, os vídeos terão um papel central, permitindo aos visitantes uma imersão nas ruas de Braga, atuando como peças de um puzzle que compõem um retrato detalhado da cidade.

Perguntamo-nos: como se constrói a memória de uma rua? Pela experiência do seu uso? Pela prática da residência? Pela cultura? Pelo conhecimento da sua imagem fotográfica? Pelo reconhecimento dos sons que nela dão sopro à vida da rua?

4.8. Meios Técnicos Utilizados

Neste projeto, a divisão clara entre os espaços terrestre e aéreo não apenas delineou as técnicas utilizadas, mas também criou uma narrativa visual e sensorial rica e multifacetada que captura a essência dinâmica e estática da cidade de Braga.

No plano terrestre, a câmara fotográfica Canon 6D desempenhou um papel crucial, servindo como uma extensão do olhar humano, capturando as placas toponímicas que adornam as ruas da cidade. A escolha das objetivas 24-70mm e 35mm permitiu uma flexibilidade vital na captura das nuances de cada rua, adaptando-se às variadas distâncias físicas e perspectivas. A iluminação, uma combinação harmoniosa de luz natural e artificial, conferiu uma plasticidade às imagens, realçando a tridimensionalidade das placas e enriquecendo os detalhes capturados. A utilização de uma softbox ortogonal com uma cabeça de luz Godox ad600 pro, não só suavizou as sombras, mas também infundiu cada imagem com uma profundidade que convida o espectador a mergulhar na rica tapeçaria histórica da cidade.

No plano aéreo, o drone DJI Air S2 assumiu o protagonismo, oferecendo uma perspectiva única e abrangente da cidade ao amanhecer, um momento de tranquilidade antes do frenesim diário. Esta escolha do horário não foi apenas estratégica para evitar o caos do trânsito, mas também para capturar a suave iluminação matinal que minimiza as sombras e destaca a beleza arquitetónica das ruas. O seu campo de visão de cerca de 88º, obrigou a refletir e a pensar no tipo de planos e altitudes que seriam necessários. Por esse motivo, foram feitas três fotografias para cada rua, uma primeira, numa altitude mais próxima em relação à rua, para aproveitar detalhes, uma segunda num plano médio para conseguir, muitas vezes, capturar a totalidade da extensão da rua e uma terceira fotografia para relacionar a rua com o espaço urbano envolvente. A série de fotografias aéreas, capturadas em diferentes altitudes e planos, criou uma narrativa visual que relaciona cada rua com o espaço urbano circundante, oferecendo uma visão holística da cidade.

Complementando as fotografias, uma série de vídeos foi meticulosamente criada, capturando a dinâmica variada dos espaços urbanos. A estaticidade dos planos, contrastada com os sons ambientais capturados em terra, cria uma experiência sensorial que transcende a visual, imergindo o espectador nos ritmos pulsantes da cidade. A incorporação do áudio, capturado com um gravador Zoom h4n, adicionou uma dimensão tátil à experiência, criando uma conexão mais profunda e imersiva com os espaços retratados.

No que diz respeito à pós-produção, o Adobe Photoshop emergiu como uma ferramenta indispensável, facilitando a desconstrução e reinterpretação das imagens aéreas, transformando-as em representações gráficas que destacam a geometria e a estrutura das ruas. Este processo criativo foi levado um passo adiante com a construção de um mapa neural, uma sobreposição complexa de camadas que oferece uma visão integrada e interconectada

da cidade. O Adobe Premiere, por sua vez, facilitou a edição de vídeo, permitindo a sincronização harmoniosa de imagens e sons, criando uma simbiose audiovisual.

4.9. Fases do Processo Fotográfico

4.9.1. Pré-Produção

A fase inicial do projeto foi marcada por uma intensa preparação e planeamento, que se desenrolou sob a orientação atenta da orientadora e do coorientador do projeto. Este período foi dedicado, inicialmente, à delimitação clara das diretrizes estruturais do projeto, seguido de uma pesquisa bibliográfica aprofundada que serviria como alicerce para o desenvolvimento subsequente.

À medida que o projeto evoluía, houve uma reestruturação significativa, onde a componente relacionada aos descendentes foi posta de lado. Esta mudança direcionou a pré-produção para ocorrer simultaneamente com a fase prática da produção, fundindo assim as fronteiras entre a preparação e a execução.

O primeiro passo prático foi a seleção criteriosa dos locais que seriam o foco da documentação fotográfica. De uma vasta gama de ruas, dez foram escolhidas por exemplificarem de maneira vívida a toponímia contemporânea da cidade. Este processo foi acompanhado de uma série de testes técnicos, que procuravam entender as nuances de luz e sombra em cada rua selecionada, e como estas influenciavam a captura das placas toponímicas. Nesta fase, também empreendi uma análise metódica para descobrir e explorar as possíveis relações entre as homenagens toponímicas e as características físicas e históricas dos espaços urbanos correspondentes. Este exercício não apenas enriqueceu a narrativa do projeto, mas também criou uma conexão mais profunda e significativa entre os nomes das ruas e os espaços que representam.

A fase subsequente envolveu colaborações estratégicas com entidades locais. Reuniões foram organizadas com o Eng. João Barros, representante da Câmara Municipal de Braga, para obter informações e acesso a dados vitais sobre os registos toponímicos das ruas escolhidas, bem como informações biográficas detalhadas sobre os antropónimos associados. A Dra. Salomé Sousa, representando a Direção Municipal de Gestão do Território, tornou-se uma peça-chave nesta fase, facilitando conexões cruciais que enriqueceram e solidificaram a

componente prática do projeto. Esta colaboração contínua provou ser vital, estabelecendo uma rede de relações que sustentou e elevou a qualidade e profundidade do projeto.

4.9.2. Produção

A fase de produção foi uma etapa intensiva e meticulosa, caracterizada por uma série de sessões fotográficas que foram cuidadosamente planeadas e ajustadas de acordo com as variáveis naturais e urbanas que se apresentavam. A natureza, por vezes caprichosa, ditou o ritmo, levando a ajustes e reagendamentos necessários devido a condicionalismos meteorológicos, garantindo não apenas a segurança do voo do drone, mas também a captura de imagens de alta qualidade.

A jornada de documentação fotográfica das placas toponímicas transformou-se numa verdadeira expedição urbana, onde cada rua de Braga se desvendava como um cenário único, com as suas particularidades e desafios. As deslocações entre os diversos locais selecionados não foram apenas físicas, mas também uma viagem através da diversidade e riqueza cultural da cidade. A mobilidade entre os locais, apesar de estarem todos dentro da mesma cidade, apresentou desafios únicos, desde a gestão do tempo até a escolha dos momentos ideais para capturar a verdadeira essência de cada rua. As distâncias percorridas não foram apenas medidas em metros ou quilómetros, mas também na variedade de experiências e descobertas que cada local oferecia. Algumas ruas pulsavam com o ritmo frenético da vida urbana, enquanto outras ofereciam um refúgio tranquilo, onde o tempo parecia desacelerar.

A escolha do momento para a captura das imagens emergiu como uma arte delicada, uma dança com o tempo, onde cada passo era calculado para alcançar uma harmonia estética nas imagens finais. Esta escolha não era uniforme, variando significativamente de rua para rua. A iluminação, um elemento crucial na fotografia, desempenhou um papel significativo nesta decisão. A luz refletida nas placas toponímicas ditava os tempos de captura, que diferiam ligeiramente de um local para outro, tudo com o objetivo de produzir um resultado visualmente equilibrado e coeso no conjunto das dez ruas que compunham o projeto.

Esta fase do projeto foi também marcada por uma profunda imersão no ambiente urbano de Braga, onde cada rua selecionada narrava a sua própria história, através das suas características únicas.

A adaptação foi uma constante, com testes técnicos iniciais servindo como guias valiosos para determinar as melhores configurações de câmara, iluminação e composição. Cada placa toponímica tornou-se um protagonista em sua própria narrativa visual, com a missão de destacar e respeitar a individualidade e a história que cada uma carregava. Através deste processo, foi possível não apenas documentar, mas também celebrar as homenagens que compõem a toponímia contemporânea da cidade de Braga.

A colaboração com representantes locais, o Eng. João Barros e a Dra. Salomé Sousa, provou ser inestimável, fornecendo insights e informações cruciais que ajudaram a moldar e enriquecer a narrativa visual do projeto. A sua contribuição não apenas facilitou o acesso a dados históricos e biográficos vitais, mas também estabeleceu uma ponte entre o passado e o presente, permitindo uma representação mais rica e contextualizada da toponímia da cidade.

4.9.3. Edição

A fase de edição emergiu como o momento crucial onde o projeto começou a adquirir uma forma mais artística e abstrata, refletindo a narrativa contemporânea da cidade de Braga. Nesta etapa, houve uma seleção meticulosa das fotografias, onde cada imagem foi avaliada não apenas por sua excelência técnica, mas também pelo seu potencial de contar uma história única e envolvente.

Foi nesta fase que o projeto começou a transcender os limites do convencional, assumindo uma forma mais artística e abstrata. A seleção das imagens não se baseou apenas em critérios técnicos, mas também na capacidade de cada uma delas em narrar, de forma singular, a história contemporânea da cidade de Braga. A edição não se limitou apenas à escolha das imagens finais, mas também envolveu um processo criativo profundo, onde as fotografias foram transformadas em imagens gráficas que capturavam a essência das ruas de uma maneira nova e inovadora. Fragmentos de rua foram habilmente extraídos das fotografias capturadas pelo drone, dando origem a uma representação visual que fundia realidade e arte.

Além disso, a criação do mapa neural foi um processo meticuloso que envolveu a utilização de várias camadas e sobreposições no Photoshop, resultando em uma representação visual que serviu como uma ponte entre o concreto e o abstrato, proporcionando uma nova perspectiva sobre a cidade.

No que diz respeito à edição de vídeo, embora simples, desempenhou um papel vital na criação de uma experiência sensorial completa. A sincronização cuidadosa dos áudios, que foram gravados separadamente, com os vídeos exigiu uma atenção meticulosa aos detalhes, garantindo que os tempos de vídeo e áudio estivessem em perfeita harmonia, criando assim uma atmosfera imersiva que transporta o espectador diretamente para as ruas vibrantes de Braga.

CONCLUSÃO ou CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste projeto, é impossível ignorar a ironia que se desdobra diante de nós: a proximidade física não se traduz necessariamente em familiaridade ou reconhecimento. A cidade de Braga, rica em histórias e personalidades que marcaram épocas, parece estar a perder a sua conexão visceral com os habitantes contemporâneos. A pesquisa revelou que, apesar da proximidade de ruas nomeadas em homenagem a figuras notáveis com locais amplamente reconhecidos e frequentados, existe uma lacuna significativa no conhecimento e no reconhecimento desses espaços por parte dos habitantes.

Esta desconexão é ainda mais surpreendente quando consideramos que as áreas em foco neste projeto abrigam uma porção significativa da população da cidade. Aparentemente, a rotina diária e a familiaridade com os espaços urbanos não se traduzem em uma compreensão profunda ou um apreço pelas histórias e personalidades que esses nomes de ruas representam. Pode-se dizer que os habitantes estão a perder a capacidade de "ler" a sua própria cidade, de reconhecer e valorizar as narrativas que estão literalmente escritas nas pedras e placas que adornam as suas ruas.

O meu projeto prático, que combinou a arte da fotografia com a ciência da análise espacial, procurou não apenas destacar essa desconexão, mas também oferecer uma oportunidade para redescobrir e reconectar-se com a rica herança da cidade. Através das imagens aéreas e das manipulações artísticas que criaram peças de um puzzle e formas geométricas, procurei desafiar as perceções convencionais e encorajar os habitantes a verem a sua cidade sob uma nova luz, a redescobrir e a reavaliar os espaços que pensavam conhecer.

Esta jornada revelou que a toponímia, longe de ser um mero exercício de nomeação, tem o potencial de servir como uma ferramenta poderosa para a educação e a preservação da memória coletiva. Ao trazer à luz as histórias e as contribuições das figuras homenageadas, podemos começar a reverter a erosão da memória coletiva e a cultivar uma nova geração de habitantes que não apenas conhecem e reconhecem os seus espaços, mas que também valorizam e honram o legado das personalidades que ajudaram a moldar a cidade de Braga.

Assim, concluo que este projeto não é apenas uma análise da atual desconexão entre os habitantes e a sua herança, mas também uma chamada à ação, um convite para redescobrir e celebrar a rica tapeçaria de histórias que fazem de Braga uma cidade única e vibrante. É um

apelo para que não permitamos que as histórias inscritas nas nossas ruas se tornem meras notas de rodapé na história, mas sim marcos vivos e inspiradores de uma cidade que honra o seu passado enquanto caminha com confiança para o futuro.

Espero conseguir que a fotografia faça ressurgir o personagem que deu o nome à rua mais do que a placa que parece não perder a sua dimensão tumular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A difícil dialética entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950. **Oliveira, E. P. 2005.** 2005, FORUM 38,, p. 82.

A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna. Síntese de resultados. . **Ribeiro, M. C. 2009/2010.** 2009/2010, FORUM 44-45, pp. 179-201.

ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia. **Abade, Celina Márcia de Souza. ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia. 2016.** 2016, Caletrosópio. v. 4, n. Especial, 2016. II DIVERMINAS, pp. 576-588.

Análise Pictórica, Modos de Ver e Modos de Retratar. **Viana, N. 2017.** 2017, Poeticus Revista de poesias, artes e reflexões., p. 34.

Architecture et 'recherche du réel. **Vitale, Daniele. 1982.** 1982, Archithese, pp. 14-18.

Arthur, P & Passini, R. 1992. *Wayfinding: people, signs and architecture.* Oakville : Focus Strategic Communications Incorporated,, 1992.

As elites sociopolíticas e os protagonistas de mudança em Braga nos primórdios do século XX. IV. **Macedo, A. M. 2016.** 2016. Jornadas Doutorais Comunicação e Estudos Culturais. pp. 58-80.

As formas do espaço público nos novos territórios. A estrutura urbana de Braga. **Brito, Sandra. 2005.** POrto : FAUP, 2005. Prova de dissertação de mestrado integrado em Arquitectura.

Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. v.5. **Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. v.5. p. 144-155, 2007.** 2007, Revista Trama.UNIOESTE, Paraná,, pp. 144-155.

Aumont, J.. 2002. *A imagem (E. dos S. Abreu & C. C. Santoro, Trad., 7ª ed.).* Campinas : Papyrus Editora. , 2002.

Baines, P. & Dixon, C. 2003. *Signs: lettering in the environment,* . Londres. : Laurence King Publishing Ltd,, 2003.

Bandeira, M. M. 2000. *D. Diogo de Sousa, o urbanista – leituras e texturas de uma cidade refundada.* Braga : Camara Municipal de Braga, 2000.

Bandeira, M. S. 2015. *Braga vista do céu.* Lisboa : Argumentum., 2015.

- Bauret, G. 1992.** *A Fotografia: história, estilos, tendências, aplicações.* Lisboa : Edições 70., 1992.
- Berger, J e Alves, A. 2005.** *Modos de ver.* Barcelona : Gustavo Gili, 2005.
- Braun, Georg. 1596.** *Civitates Orbis Terrarum.* Alemanha : s.n., 1596.
- Bushaw, Mark Klett and Gordon. 1979.** markklettphotography. [Online] 1979.
- Calado, J. 1992.** Olho por Olho - Uma História de Fotografia em Portugal 1839-1992. *Expresso.* 18 de Julho de 1992, pp. 56-57-58-59.
- Calvino, Í. 1999.** *Cidades Invisíveis (3ª ed.).* Lisboa : Editorial Teorema, 1999.
- Cavalcante, (2011).** **Temas básicos em psicologia ambiental. 2011.** *Temas básicos em psicologia ambiental.* Brasil : Vozes, 2011.
- Certeau, M. 2014.** *A invenção do cotidiano: artes do fazer.* Petrópolis : Vozes., 2014.
- Claval, P. 2007.** *A Geografia Cultural.* Florianópolis. : UFSC, 2007.
- Cooper, M. 1984.** *Subway Art.* s.l. : Thames & Hudson, 1984.
- 2013.** Correio do Minho. [Online] 09 de Nov de 2013.
- Crewdson, G. 2021.** *Alone street.* Aperture. New York : Aperture, 2021.
- Crítica do saber tradicional e cepticismo na época dos descobrimentos: A Obra de Francisco Ribeiro Sanches (1551-1623).* **Cantista, M. L. 1990.** 1990, Revista da Faculdade de letras V7.
- De Cunhal a Salazar, há ideologia nos nomes das ruas de Portugal (e muito mais). 2018.** Observador. [Online] 28 de abril de 2018.
- Descartes, R. 2001.** *Discurso do Método.* São Paulo : Maria Ermantina Galvão,, 2001. pp. 15-16.
- Domingues, A. 2008.** *Transgénicos. Em Arquitectura em Lugares Comuns.* POrto : Dafne, 2008.
- Domingues, A. 2011.** “Da cidade ao urbano.” *Em Políticas Urbanas II - Transformações, regulação e projectos, de Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral.* Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- Durán, María-Angeles, La Ciudad Compartida, Conicimiento,. 1998.** *La Ciudad Compartida, Conicimiento, Afecto y Uso.* Madrid, : Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España,, 1998.
- Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial.*
- Carvalhinhos, Patrícia de Jesus. 2008.** 2008, Simpósio de Língua portuguesa.

- Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos.* **Ribeiro, M. C e Melo, A. S. 2013.** 2013, p. 16.
- Félix, A. 2013.** *Uma modularidade tipográfica na azulejaria da placa toponímica.* Lisboa : L. Arruda & R. R. Dias, Eds., 2013.
- Fernandes, Ana. 2012.** *Metodologias de avaliação da qualidade dos espaços públicos.* . Porto : Universidade do Porto, 2012.
- Fortuna, C. 2010.** *A estética e a cidade.* Imprensa Universidade de Coimbra. : Coimbra, 2010.
- Fortuna, C. 1997.** *Cidades, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia.* Lisboa : Celta Editora, 1997.
- Gursky, A. 1983.** *Hayward Gallery Publishing.* s.l. : Hayward Gallery Publishing, 1983.
- Halbwachs, Maurice. 1990.** *A Memória Coletiva.* França : Press Université, 1990.
- Harvey, D. 2007.** *Condição Pós-Moderna.* São Paulo : Edições Loyola., 2007.
- Hido, T. 2019.** *House Hunting.* s.l. : Nazraeli Press, 2019.
- História e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta ^Braga, .* **Martins, M. e Delgadi, M. 1988.** 1988, Cadernos de Arqueologia, Série II, Vol.6/7, , pp. 1-39.
- Höfer, C. 2019.** *Libraries.* s.l. : Prestel Publishing., 2019.
- Iser, W. 1976.** *L'acte de lecture – théorie del'effet esthétique.* Bruxelas : Pierre Mardaga Editeur, 1976.
- João de Moura Coutinho de Almeida d'Eça (1872 – 1954).* **Martins, R. M. M. 2010.** 2010, Tese de Mestrado em História da Arte Portuguesa.
- Kusno, A. 2010.** *The appearances of memory: mnemonic practices of architecture and urban form in Indonesia.* . s.l. : Duke University Press, 2010.
- Lima, M. L G. R. 1998.** *Carlos Amarante e o retábulo tardo-barroco bracarense.* Porto : Universidade Portucalense., 1998.
- Lynch, K. 1982.** *A Imagem da Cidade.* Lisboa : Edições 70, 1982.
- Mattoso, José. 1998.** *A identidade nacional.* . Lisboa : Gradiva, 1998.
- Michals, D. 1997.** *The Essential Duane Michals.* s.l. : Gardners Books, 1997.
- Moriyama, D. 2014.** *New Shinjuku.* s.l. : Getsuyosha, 2014.
- Morujão, A. F. (2016). 2016.** *Diálogos pela ciência. Correspondência de Alexandre F. Morujão com a Escola de Braga.* Braga : UCP, 2016.
- Munari, B. 1968.** *Design e Comunicação Visual: Contribuição para uma metodologia didáctica.* Lisboa : Edições 70, 1968.

Neto, M. J. S. 2011. *A toponímia da cidade da Guarda e a construção da memória pública no século XX.* Lisboa : Universidade Aberta de Lisboa., 2011.

Nishino, S. 2015. *Tokyo.* Japão : amana, 2015.

O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-Mato-

Grossense. **Isquerdo, A. N. (2008).** *O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-Mato-Grossense.* 2008, Pro Lingua, pp. V2, 2.

oponímia de Minas Gerais em registos cartográficos históricos. **Seabra, M. C. T Costa de e Santos, M. M. Duarte dos. T. 2012.** 2012.

Pinto, H. 2016. *Educação Histórica e Patrimonial: Conceções de Alunos e Professores sobre o Passado em Espaços do Presente.* s.l. : CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória, 2016.

Processo de intervenção no espaço urbano de Braga: espaço coletivo como novo estrato de relações. **Queirós, J. R. G. 2015.** Braga : UMinho, 2015. Tese de Mestrado.

Prólogo: A rede e o ser. (6ª ed). **Castells, Manuel. 2002.** 2002, Paz e Terra, p. 41.

Publicidade e textos híbridos: leitura de informações e impressões. . **Baptista, A. 2009.** 2009, Revista Portuguesa de Humanidades | Estudos Linguísticos, pp. 13-15.

Serén, M.C. 2002. *Metáforas do Sentir Fotográfico.* Porto : Centro Português de Fotografia., 2002.

Shore. 1982. *Uncommon Places.* s.l. : Aperture, 1982.

Simmel, G. e Stone, W. 2018. *The Art of the city: Rome, Florence, Venice.* s.l. : Pushkin Press, 2018.

Soulages, F. 2010. *Estética da fotografia: Perda e permanência.* São Paulo: : SENAC., 2010.

Steinmetz, G. 2015. *New York Air: The View from Above.* New York : Abrams., 2015.

Terceiro, J. 1997. *Sociedade Digital: Do Homo sapiens ao Homo digitalis.* Lisboa : Relógio D'Água., 1997.

TERRITÓRIO E MULTITERRITORIALIDADE: UM DEBATE. **Haesbaert, R. 2007.** 2007, GEOgraphia V9.

The power of commemorative street names. . **Azaryahu, M. 1996.** 1996, Environment and Planning D, 14(3),, pp. 311-330.

The power of commemorative street names. Environment and Planning D. **Azaryahub. 1996.** 1996, Environment and Planning D, pp. 311-330.

Trindade, S. & Moreira, J. A. 2017. *Competências de aprendizagem e tecnologias digitais.* . 2017.

Ullmann, Stephen. 1987. *Semântica: Uma introdução à ciência do significado. 5ª Ed.* Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. , 1987.

Umbelino, L. 2013. *Espaço Fantasma.* Coimbra : Colégio das Artes da Universidade de Coimbra., 2013.

Vergara, C., Zinkham, H. e Tandler, B. 2014. *Camili José Vergara: Tracking Time.* s.l. : Kerber Verlag, 2014.

Vieira, T. 2021. *Salto no Escuro.* s.l. : Hedra, 2021.

Vignelli. 2014. <https://nymag.com/intelligencer/2014/05/rip-massimo-vignelli-subway-map-legend.html>. [Online] 27 de Maio de 2014.

Vilas-Boas, A. 2010. *O que é a Cultura Visual.* Porto : Multitema, 2010.

Zoning, zooning: Urban planning, pianificazione urbana, suolo, land, tools & information.

Pavia, R. 2009. 2009, Planum.

ANEXOS

Anexo A – Inquérito online

Toponímias da cidade de Braga

Vimos convidá-lo/a a participar num projeto de investigação, no âmbito do Mestrado em Comunicação Audiovisual - Especialização em Fotografia Documental da Escola de Media Artes e Design, que tem como objetivo estudar o conhecimento da população de Braga sobre as Toponímias Contemporâneas da cidade.

A participação no estudo envolve o preenchimento de um questionário online, com a duração de aproximadamente 3 minutos, estando garantido o anonimato e a total confidencialidade dos dados disponibilizados pelos participantes, sendo estes, utilizados unicamente para fins de investigação.

Poderão participar no estudo pessoas com mais de 18 anos de idade.

Caso deseje algum esclarecimento adicional, poderá contactar através do endereço de email: info@danielcamacho.pt

Ao aceitar participar no estudo, declara ter tomado conhecimento do âmbito e objetivos do estudo e da participação que lhe é solicitada, fazendo-o voluntariamente. Concorde, ainda, que os dados sejam tratados anónima e coletivamente pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objetivos a que este estudo se destina.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Email *

2. Idade *

3. Género *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

Outro

4. Estado Civil *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro/a
- Casado/a ou em união de facto
- Divorciado/a ou separado/a
- Viúvo/a

5. Composição do agregado familiar *

Marcar apenas uma oval.

- 1
- 2 a 4
- 5 ou mais

6. Naturalidade (Cidade e País) *

7. Freguesia de Residência *

Marcar apenas uma oval.

- Adaúfe
- Espinho
- Esporões
- Figueiredo
- Gualtar
- Lamas
- Mire de Tibães
- Padim da Graça
- Palmeira
- Pedralva
- Priscos
- Ruilhe
- São Vicente
- São Victor
- Sequeira
- Sobreposta
- Tadim
- Tebosa
- U.F. de Arentim e Cunha
- U.F. de Cabreiros e Passos São Julião
- U.F. de Celeirós, Aveleda e Vimieiro
- U.F. de Crespos e Pousada
- U.F. de Escudeiros, Penso São Estevão e Penso São Vicente
- U.F. de Este São Pedro e Este São Mamede
- U.F. de Ferreiros e Gondizalves
- U.F. de Guisande e Oliveira São Pedro
- U.F. de Lomar e Arcos
- U.F. de Maximinos, Sé e Cividade
- U.F. de Merelim São Paio, Panóias e Parada de Tibães
- U.F. de Merelim São Pedro e Frossos
- U.F. de Morreira e Trandeiras
- U.F. de Nogueira, Fraião e Lamações

- U.F. de Nogueiró e Tenões
- U.F. de Real, Dume e Semelhe
- U.F. de Santa Lucrécia de Algeriz e Navarra
- U.F. de São José de São Lázaro e São João do Souto
- U.F. de Vilaça e Fradelos

8. **Habilitações ***

Marcar apenas uma oval.

- Não sabe ler nem escrever
- Sabe ler/escrever sem escolaridade
- 1º ciclo
- 2º ciclo (5º e 6º anos)
- 3º ciclo (9º ano)
- Ensino secundário (12º ano)
- Ensino superior (bacharelato, licenciatura)
- Ensino pós graduado (mestrado, doutoramento)

9. **Condições perante o trabalho? ***

Marcar apenas uma oval.

- Exerce uma profissão
- Estudante
- Trabalhador/estudante
- Doméstica
- Reformado/a
- Desempregado/a
- À procura do 1º emprego
- Incapacitado/a perante o trabalho
- Outra situação

10. Há quanto tempo vive em Braga? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 2 anos
- 2 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- 10 a 15 anos
- mais de 15 anos

11. Quantos nomes de ruas da cidade de Braga conhece? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 a 2
- 2 a 5
- 5 a 10
- 10 a 20
- 20 ou mais

12. Sabe como são atribuídos os nomes das ruas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

13. Sabe quem foi? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Augusto Veloso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cândido Costa Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Egídio Guimarães	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Félix Ribeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Lamosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Baptista da Silva Taxa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Tarroso Gomes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Luís Soares Barbosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Marcelino Sá Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Maria Ondina Braga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mota Leite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Conhece o contributo ou importância que teve para a cidade de Braga? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Augusto Veloso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cândido Costa Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Egídio Guimarães	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Félix Ribeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Lamosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Baptista da Silva Taxa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
José Tarroso Gomes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Luís Soares Barbosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Marcelino Sá Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Maria Ondina Braga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mota Leite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Conhece a rua/praçça/praceta...? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Rua Augusto Veloso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praça Cândido Costa Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Dr. Egídio Guimarães	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praceta Arquiteto José Lamosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua do Taxa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Dr. José Tarroso Gomes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Luís Soares Barbosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Marcelino Sá Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Maria Ondina Braga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Professor Mota Leite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Conhece a freguesia onde se situa a rua/praçça/praceta...? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Rua Augusto Veloso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praça Cândido Costa Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Dr. Egídio Guimarães	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Comendador Dr. Félix Ribeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Praceta Arquiteto José Lamosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua do Taxa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Dr. José Tarroso Gomes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Luís Soares Barbosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Marcelino Sá Pires	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Maria Ondina Braga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rua Professor Mota Leite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>